O DIÁRIO SECRETO DE
Laura Palmer

GLOBO LIVROS

O diário secreto de Laura Palmer

visto por Jennifer Lynch

Tradução: Vera Caputo

GLOBOLIVROS

Sumário

Baseado nos personagens criados por David Lynch e Mark Frost para a série de tv Twin Peaks.

22 de julho de 1984

Querido Diário,

Meu nome é Laura Palmer, e há apenas três minutos acabei de fazer doze anos de idade! Hoje é 22 de julho de 1984, e tive um dia maravilhoso! Você foi o último presente que abri e mal podia esperar para subir e começar a lhe contar tudo sobre mim e minha família. Você será aquele em que eu mais vou confiar. Prometo lhe contar tudo o que acontece, tudo o que sinto, tudo o que desejo. E absolutamente tudo o que eu penso. Há coisas que não posso contar a *ninguém*. Prometo contar essas coisas a você.

Bem, quando desci esta manhã para o café, vi que mamãe pendurara faixas pela casa toda, e até papai pôs um chapéu de palhaço na cabeça e um apito na boca, e ficou brincando por um tempo. Donna e eu não conseguíamos parar de rir!

Ah, Donna é a melhor amiga que tenho no mundo. Seu sobrenome é Hayward, e o pai dela, o dr. Hayward, foi quem me trouxe ao mundo há doze anos. Mal posso acreditar que já fiz doze anos! Mamãe chorou à mesa porque, ela disse, eu sabia que ia me tornar uma mocinha. É claro. Vai levar anos para eu ficar menstruada, sei disso. Ela é louca se pensa que eu não vou crescer nunca, especialmente se não parar de ficar me dando bichinhos de pelúcia no dia do meu aniversário!

O dia de hoje foi exatamente como eu queria, somente com Donna, mamãe e papai por perto. E Júpiter, o meu gato, é claro. Para o café da manhã mamãe fez panquecas de maçã, as minhas preferidas, com um monte de cobertura de caramelo por cima, e torradas açucaradas.

Donna me deu de presente a blusa que eu vi na vitrine da Horne's, e sei que ela comprou com seu dinheiro, porque estava economizando havia muito tempo sem me dizer por quê. É a blusa mais linda que eu já vi! É de seda branca bordada com pequenas rosinhas, mas nada exagerado. É perfeita. No aniversário de Donna também vou encontrar alguma coisa especial para ela.

Minha prima Madeleine, Maddy para os amigos, virá nos visitar amanhã e ficará durante toda a semana. Ela, Donna e eu vamos construir um forte na floresta e acampar lá, se mamãe deixar. Sei que papai deixará. Ele gosta da floresta tanto quanto eu. Outra noite sonhei que papai nos levou a uma casa no meio da floresta, e meu quarto tinha uma árvore grande na janela, onde dois pássaros faziam um ninho.

Voltarei em um minuto, Diário; papai está me chamando lá embaixo. Está dizendo que é surpresa! Vou lhe contar tudo quando voltar!

Amor, Laura

22 de julho de 1984, mais tarde

Querido Diário,

Você não vai acreditar no que aconteceu! Eu desci, e papai disse a mamãe e a mim para entrarmos no carro e não fazermos perguntas até chegar aonde íamos. É claro que mamãe ficou perguntando durante o caminho todo. Não me importei, porque achei que talvez alguma coisa escapasse da boca de meu pai, mas não aconteceu. Eu fiquei bem quieta para não estragar a surpresa. Ao chegarmos aos Estábulos Broken Circle fiquei sabendo! Papai comprou um pônei para mim! Diário, ele é tão bonito, muito mais do que eu jamais sonhei. Suas cores são castanho-avermelhado e marrom-escuro, e seus olhos são grandes e meigos. Mamãe não acreditava no que via e começou a perguntar a papai como ele conseguiu fazer aquilo sem que ninguém soubesse. Papai disse que estragaria a surpresa se ela ficasse sabendo, e ele estava certo.

Mamãe quase teve um ataque quando me viu entre as pernas do pônei para conferir se ele era menino ou menina. Não precisei olhar muito para saber que era menino. *Nunca tinha visto nada como aquilo!* Mamãe não conhece sua filhinha como pensa, hummm?

Voltando ao pônei. Resolvi que o nome dele seria Troy, como o pônei da foto do livro da sra. Larkin. Zippy, que trabalha nos estábulos, prometeu fazer uma placa escrita Troy, em letras bem grandes, e vai pendurá-la bem na frente para que todos saibam o nome dele quando o virem. Troy é ainda muito jovem para ser montado, mas dentro de dois meses poderei sair com ele pelos campos! Hoje levei-o para passear puxando por uma corda e dei cenouras para ele comer (papai tinha levado cenouras na caminhonete), e um cubo de açúcar que Zippy conseguiu. Troy adorou. Antes de deixá-lo, cochichei na orelha quente e macia dele que amanhã voltaria, e que escreveria sobre ele aqui, no meu diário. Mal posso esperar para mostrá-lo a Donna! Quase me esqueço, Maddy também irá vê-lo!

No caminho de volta, papai disse que Troy e eu fazemos aniversário no mesmo dia, porque quando um pônei é dado de presente para alguém que vai amá-lo, eles dividem tudo. Portanto, feliz aniversário para Troy também!

Fiquei contente em não saber de onde ele veio, porque assim é quase como se o céu o tivesse mandado direto para mim. Bem, Diário, amanhã é um longo dia e hoje vou dormir muito bem, sonhando com Troy e todo o tempo que passamos juntos. Sou a garota mais feliz do mundo.

Amor, Laura

P.S.: Espero que Bob não venha esta noite.

23 de julho de 1984

Querido Diário,

Já é muito tarde e não consigo dormir. Tive muitos pesadelos e por fim resolvi ficar acordada. Imagino que Maddy estará cansada da viagem e vai querer tirar uma soneca amanhã à tarde, assim eu dormirei um pouco também. Talvez, com o céu claro, meus sonhos não sejam tão escuros.

Um dos pesadelos foi terrível. Acordei chorando e tive medo que mamãe viesse, se me ouvisse, e agora só quero ficar sozinha. Ela sempre vem e canta para mim a *Valsa de Matilda* quando não consigo dormir ou, como hoje, quando tenho pesadelos. Não é que eu não queira que ela cante para mim, mas é que havia aquele homem estranho no sonho cantando exatamente com a voz de mamãe, e isso me deixou muito assustada a ponto de eu não conseguir me mover.

No sonho eu andava pela floresta, perto de Pearl Lakes, e tinha aquele vento forte, mas só em volta de mim. Era quente. O vento. E não muito distante de mim estava aquele homem grande, de cabelo comprido, as mãos cheias de calos. Essas mãos eram muito peludas e ele as mantinha longe de mim enquanto cantava. O cabelo dele não esvoaçava porque o vento só estava em volta de mim. As pontas dos dedos dele eram pretas como carvão, e ele girava as mãos em círculos à medida que as ia aproximando de mim. Eu continuava andando na direção dele, embora eu não quisesse fazer isso de jeito nenhum, porque ele me dava muito medo.

Ele disse: "Estou com o seu gato", e Júpiter correu para trás dele e entrou na floresta, como um risquinho branco num pedaço de papel preto. O homem continuava a cantar e tentei dizer a ele que queria voltar para casa e que Júpiter viesse comigo, mas não consegui falar. Então ele ergueu as mãos no ar, muito alto, como se estivesse ficando maior e mais alto a cada instante, e as mãos subiam mais, e eu senti o vento em volta de mim parar e tudo ficar em silêncio. Achei que ele estava me deixando ir porque podia ler meus pensamentos, ao menos é o que parecia. E então ele parou o vento com as mãos, assim, e eu achei que ele estava me deixando livre para ir para casa.

Então tive de olhar para baixo porque havia aquele calor no meio de minhas pernas, nada agradável mas quente. Estava me queimando, e eu tive de abrir as pernas para refrescar. Para que parasse de me queimar. E as pernas começaram a se abrir sozinhas, como se fossem se separar de meu corpo, e eu pensei, desse

jeito vou morrer, e como as pessoas iriam entender que tentei manter as pernas fechadas, mas elas estavam queimando e eu não pude. Então o homem olhou para mim e deu aquele sorriso horrível, e com a voz de mamãe ele cantou: “Você vem dançar a valsa comigo, Matilda...”. Eu tentei falar outra vez, mas não consegui, tentei me mover e também não consegui, e ele disse: *Laura, você está em casa*. E eu acordei.

Às vezes, quando estou sonhando, sinto-me presa em uma armadilha e com muito medo. Mas agora, quando olho para o que acabei de escrever, já não sinto tanto medo. Talvez eu escreva todos os meus sonhos de agora em diante para não ter mais medo deles.

No ano passado, uma noite tive um sonho tão horrível que, no dia seguinte, na escola, não consegui fazer nada. Donna achou que eu estava pirando, porque toda vez que ela me chamava ou tocava em meu ombro na classe para me passar um bilhete, eu dava um pulo. Eu não estava pirando, como Nadine Hurley nem nada, mas ainda me sentia como no sonho. Na verdade nem me lembro dele, mas só sei que no sonho eu tinha um monte de problemas porque não tinha me saído bem num teste estranho, em que você tinha de ajudar um certo número de pessoas a cruzar um rio em uma canoa, e eu não conseguia porque só queria nadar ou qualquer coisa assim, e então mandaram alguém atrás de mim para ficar me tocando dos jeitos mais ruins. Só me lembro disso, e espero que fique por aí. Estou cansada de esperar para crescer. Algum dia vai acontecer e eu serei a única pessoa que poderá fazer que eu me sinta mal, ou bem, ou qualquer coisa que eu queira.

Falo com você amanhã. Estou muito cansada.

Laura

23 de julho de 1984

Querido Diário,

Prima Maddy estará aqui daqui a pouco. Papai foi sozinho buscá-la na estação porque mamãe não quis que ele me acordasse. Acordei há quinze minutos no máximo. Não tive sonhos, mas mamãe disse que me ouviu chamar por ela e depois eu fiz um ruído como o de uma coruja! Quase morri de vergonha. Ela disse que entrou no quarto e que eu estava meio acordada mas... fiz esse ruído de novo; disse que dei uma risadinha, virei-me na cama e voltei a dormir. Espero que ela não conte isso a ninguém. Ela sempre conta às pessoas coisas assim quando estamos reunidos para jantar com os Hayward, por exemplo. Sempre começa com "Laura fez a coisa mais linda e mais incrível...". E eu sei que posso esperar pelo pior.

Outra noite ela disse, na frente de todo mundo, que eu fui dormindo até a cozinha, pouco antes de ela ir se deitar. Tirei toda a minha roupa, enfiei tudo no forno e voltei para a cama. Agora, toda vez que chego perto do fogão na casa dos Hayward, quando Donna e eu ajudamos a servir à mesa, a sra. Hayward faz uma piada, perguntando se eu sei que o forno é um forno e não uma máquina de lavar.

Mamãe havia bebido um pouco na noite que contou isso, por isso está desculpada. Mas se ela disser a todo mundo que fiz esse ruído, acho que vou morrer. Não acredito que chegue uma hora em que os pais deixem de ser uma fonte de embaraço constante para os filhos. Os meus não são exceção.

Talvez, se eu parar de fazer coisas estúpidas enquanto durmo, ela não tenha nada para contar às pessoas.

Mais tarde eu volto.

Laura
(grr, grr)

27 de julho de 1984

Querido Diário,

Tenho muita coisa para lhe contar. Estas palavras chegam até você de dentro do forte que Donna, Maddy e eu construímos. Papai e mamãe nos deixaram vir, desde que não nos afastássemos muito. Usamos a madeira que Ed Hurley nos deu, e papai enfiou-as no chão, uma ao lado da outra. Donna disse que, se chover, vamos ficar encharcadas, mas acho que dá para aguentar, não importa o que acontecer.

Maddy está muito bonita. Ela tem dezesseis anos, e eu morro de inveja da vida dela! Gostaria de já ter dezesseis! Ela tem um namorado, de quem já sente saudades, e ele telefonou assim que ela chegou para saber se estava tudo bem. Papai brincou com ela por causa do jeito que atendeu o telefone, mas Maddy nem ligou. Donna acha que quando tiver um namorado firme provavelmente estará com quarenta anos e um pouco surda. Eu disse que ela era louca, porque os garotos já gostavam de nós, e que nós é que não éramos bobas de sair com eles. Fico pensando em como será quando alguém, além de meus pais, me amar de verdade, e se essa pessoa telefonará quando eu estiver fora para saber se está tudo bem comigo.

Bem, antes nós fomos ver Troy nos estábulos, e o escovamos e o alimentamos. Donna e Maddy disseram que nunca tinham visto um pônei tão lindo na vida. Eu só espero poder merecê-lo. Há anos que Donna deseja ter um, e o pai dela nunca lhe deu. Será que Troy vai viver muito tempo, e eu vou sofrer muito quando ele morrer?

Donna acabou de ler o que escrevi sobre a morte de Troy, e disse que eu penso demais, e que se eu continuar assim, quem sabe o que pode acontecer. Donna não sabe tudo o que eu sei. Não posso deixar de ter pensamentos tristes às vezes. São a primeira coisa que me vem à cabeça.

Mamãe fez sanduíches e nos deu duas garrafas térmicas: uma com leite gelado e a outra com chocolate. Maddy não bebeu mais que um copo de chocolate porque diz que dá espinhas. Eu não vejo nenhuma espinha no rosto dela. Ela ficou menstruada pela primeira vez há três anos, e diz que é um pesadelo. Dá cravos, espinhas, e você fica cansada e nervosa o tempo todo. Ótimo. Outra coisa para esperar. Mamãe ficou menstruada na minha idade, e só espero que isso não signifique que eu também ficarei este ano. Depois do que Maddy descreveu, não estou interessada.

Nós estamos comendo sanduíche e tomando leite e escrevendo em nossos diários. O de Maddy é tão grande e tão cheio! O de Donna é mais cheio do que o meu, mas eu vou tornar você muito maior do que o de Maddy. Gosto da ideia de colocar todos os meus pensamentos num único lugar, como um cérebro onde se possa olhar dentro. Nós penduramos uma lanterna no alto do forte para que todas possamos enxergar. Um pouco de luz chegava das janelas da casa, mas nós fechamos todas as cortinas para não estragar a sensação de estarmos sozinhas no meio da mata. Os cobertores e a comida já nos fazem sentir exatamente onde estamos. No quintal atrás da casa! Maddy disse que trouxe consigo um maço de cigarros e que mais tarde, depois que mamãe e papai forem dormir, se nós quisermos, poderemos experimentar. Ela disse que estão mofados porque os tem há meses e que não os fumou porque tinha medo que seus pais descobrissem. Talvez eu experimente um. Donna disse que não quer, e Maddy e eu prometemos não insistir porque os verdadeiros amigos não fazem isso. Mas aposto que vou conseguir que Donna fume um para ela ficar na mesma sintonia. Aposto que consigo.

Mais tarde.

Estou de volta.

Nós rimos tanto que sentimos o estômago doer. Maddy estava contando como dava beijos de língua no namorado, e isso nos deixou loucas. Donna fez uma careta e disse que não gostava da ideia, e eu fingi achar o mesmo... mas sinceramente, Diário, quando ouvi como se faz isso, senti um friozinho na barriga. É diferente de... deixa para lá. Acho que vou gostar de beijo de língua e vou querer experimentar com um garoto de que eu goste o mais rápido possível. Maddy disse que a princípio sentiu medo, mas já vem fazendo isso há um bom tempo e agora gosta muito. Eu contei a elas que no mês passado eu tive febre à noite e fui ao quarto de meus pais, e eles estavam nus, papai por cima de mamãe. Saí do quarto e mamãe veio atrás de mim logo depois com uma aspirina e uma 7-Up. Ela jamais disse uma palavra sobre isso. Donna disse que sem dúvida eles estavam fazendo sexo, e eu já sabia disso, mas não parecia que estivessem fazendo. Parecia que estavam apenas se mexendo bem devagar, sem nem olhar um para o outro.

Maddy acha que foi só “uma rapidinha”. Argh! Meus pais fazendo sexo! Que coisa feia! Sei que foi daí que eu vim, mas não vou me importar se nunca mais vir isso de novo. Estou fazendo uma promessa agora: se e quando eu fizer sexo, será muito mais divertido que aquilo.

Bem, mamãe e papai vieram nos dar boa-noite e dizer a Donna que os seus

pais tinham ligado para dizer que ela não precisava ir à igreja amanhã e podia ficar dormindo conosco. Foi muito bom ouvir isso.

Papai nos fez fechar os olhos e abrir as mãos, e colocou uma barra de doce na mão de cada uma, pedindo para não contarmos à mamãe. Depois mamãe veio e me deu um saquinho, pedindo para não contarmos ao papai. Havia mais doces no saco! Maddy só olhou para o dela e suspirou. "Espinhas", foi só o que ela disse. Mas ela ficou com os seus dois doces desembrulhados enquanto nós duas enfiávamos os nossos na boca e tentávamos falar "Rola, rola, rola a bola" com a boca cheia. Donna disse que as gomas de mascar eram um presente que Troy nos havia mandado, e nós cuspimos tudo.

Maddy contou uma história muito boa, e assustadora, sobre uma família que sai à noite de casa e quando volta há pessoas escondidas lá dentro esperando para matar todos. A história era maior que isso, mas não estou certa se quero me lembrar dela depois. Não quero alimentar meus pesadelos. Donna foi lá fora fazer xixi, e Maddy me contou que também andava tendo pesadelos. Disse que não queria falar deles na frente de Donna porque ela talvez não entendesse. Disse que anda sonhando comigo na floresta. Donna voltou e Maddy não disse mais nada. *Será que Maddy viu o homem de cabelo comprido? Ou o vento?* Maddy escreve poemas em seu diário porque diz que às vezes eles são mais divertidos de escrever do que as velhas besteiras de sempre, e no caso de alguém encontrar o diário, os poemas seriam mais difíceis de entender. Vou tentar isso amanhã.

Mais tarde.

Ah! Eu disse que faria Donna experimentar um cigarro. Maddy foi buscá-los e acendeu um, depois passou-o para mim. Gostei de soprar a fumaça de minha boca. É como se um espírito saísse de dentro de mim, um espírito que dança, que flutua, muito fino e delicado. Senti-me como se eu já fosse uma mulher-feita, e as pessoas à minha volta olhavam e queriam ser como eu. Donna disse que eu parecia uma pessoa madura quando fumava. Eu nem traguei, mas gostaria de saber como é isso.

Donna foi a seguinte, e antes que ela dissesse não, eu falei: "Gostei de ter experimentado, e jamais farei isso novamente se não quiser". Então ela pegou o cigarro e soltou umas baforadas no forte. Ela também parecia uma boa fumante, mas de repente acho que sentiu medo, engoliu um pouco de fumaça e começou a tossir alto. Então nós apagamos o cigarro e abanamos a fumaça de dentro do forte para o caso de mamãe e papai terem acordado. Acho que vou comprar um maço de cigarros um dia desses e guardá-lo como Maddy. Não vou me viciar em nada. Sou muito cuidadosa.

Bem, nós vamos dormir agora, e as três estão neste momento assinando seus diários. Boa noite para você. Acho que vamos ser excelentes companheiros.

Amor, Laura

29 de julho de 1984

Querido Diário,

Aqui vai um poema.

Da luz que entra pela minha janela ele pode ver dentro de mim
Mas eu não o vejo até que se aproxime
Respirando, sorrindo à minha janela
Ele vem para me buscar
Girar, girar
Sair e brincar Vem brincar
Relaxe Relaxe Relaxe.

Pequenas rimas e pequenas canções
Pedaços de floresta em meus cabelos e em minhas roupas
Eu o vejo às vezes perto de mim
quando sei que não pode estar lá
Eu o sinto às vezes perto de mim
e sei que tenho de aguentar.

Quando chamo
Ninguém me ouve
Quando sussurro, ele acha que é uma mensagem
Só para ele.
A voz pequena em minha garganta
Penso sempre que devo ter feito alguma coisa
Ou que é algo que faço
Mas ninguém, ninguém vem ajudar,
Ele diz:
Uma menina como você.

30 de julho de 1984

Querido Diário,

Maddy trouxe um monte de roupas e me fez experimentar todas em frente ao espelho. Ela disse que eu estava deprimida com alguma coisa... Imagine. Algumas roupas eram mesmo bonitas. Gostei do modo como me senti dentro delas. Especialmente da minissaia com o pequeno suéter branco e sapatos de salto.

Maddy disse que eu parecia com Audrey Horne. Ela é a filha do homem, Benjamin Horne, para quem meu pai trabalha. Benjamin é riquíssimo. Audrey é bonita, mas muito quieta e insignificante. Os pais não prestam muita atenção nela, e talvez por isso ela seja assim. Mas ele tem sido muito atencioso comigo, desde que nasci. Sempre que há uma festa ou uma reunião no Great Northern, Benjamin me faz sentar no colo dele e canta suavemente em meu ouvido. Às vezes me sinto muito mal por Audrey; quando ela vê isso fica muito triste e vai correndo para o quarto, e não volta até que sua mãe vá lá buscá-la. Outras vezes me sinto bem quando ela sai. É como se eu fosse o centro das atenções, sabendo que sou mais especial para ele que sua própria filha. Sei que não é bonito dizer isso, mas só estou sendo sincera.

Para ser bem sincera, acho que gosto da maneira como fico nas roupas de Maddy. Alguma coisa cresce dentro de mim como uma bolha. Como a gente se sente em um carrossel quando ainda não se está acostumada às subidas e às descidas. Aposto que se eu me vestisse sempre assim as coisas seriam bem diferentes. Maddy e eu demos uma volta mais tarde, mas, claro, as duas com jeans e camiseta. Twin Peaks não está acostumada a ver muitos saltos altos e minissaias sem bandeiras em toda a volta, anunciando um baile ou um festival. Fomos até Easter Park e nos sentamos no mirante durante algum tempo. Maddy disse que gostava muito da casa dela, “exceto por algumas intromissões absurdas de meus pais”. Fiz questão de repetir exatamente o que ela disse, porque achei muito bem colocado. Ela disse que há muitas coisas na vida que, para ela, parecem não estar certas a princípio, mas depois você se enquadra.

Talvez eu devesse pensar assim. Talvez eu devesse me tornar uma pessoa melhor e não pensar demais, o tempo todo, no que vai acontecer comigo. Espero que chegue logo o dia em que eu esteja bastante segura para me afastar de coisas que me perturbam tanto. Coisas que ainda não posso descrever a não ser um pedaço aqui, outro ali. Se eu for uma pessoa melhor, e se me esforçar

diariamente, talvez tudo isso funcione.

Amor, Laura

30 de julho de 1984, mais tarde

Algum dia crescer será mais fácil

Lá no fundo estão os desejos da mulher de sair
Ver o céu
Ver o sol e a lua
E as diminutas estrelas na noite da mão de um homem

Às vezes pela manhã
Olho através de mim
E vejo vales e montanhas
Imagino rios subterrâneos.

Fora de mim
Floresço
Dentro estou secando

Se eu pudesse entender
A razão de meu pranto
Se pudesse parar a razão deste medo
De sonhar que estou morrendo.

agosto de 1984

Querido Diário,

Há muito tempo não tenho escrito, e por isso peço muitas desculpas. Maddy foi embora há três dias, e sinto um medo terrível de alguma coisa que não estou entendendo.

Aconteceu uma coisa boa. Ontem, no meio da noite, tive dentro de mim a mais maravilhosa sensação. Era como um calor em meu peito e entre minhas pernas. Todo o meu corpo parecia estar vindo para fora, e era como se eu pudesse voar. *Acho que tive um daqueles orgasmos* durante o sono. É tão estranho e tão embaraçoso escrever, mas ao mesmo tempo é uma sensação muito boa.

Logo depois disso, tive uma fantasia de que um garoto entrava no meu quarto e enfiava a mão dentro de minha camisola e me tocava suavemente. Ele murmurava coisas bonitas e gentis, e depois disse que eu tinha de ficar bem quietinha ou ele iria embora. Então ele me puxou pelos pés para a extremidade da cama, e quando meus joelhos se dobraram para fora do colchão, ele me fez fechar os olhos e eu senti ele me abrir, cada vez mais, e eu tinha de abrir os olhos para ver o que estava acontecendo, mas quando eu o fiz ele já tinha desaparecido. Mas olhei para minha barriga e vi que estava grávida. Ele estava dentro de mim como um bebê. Gostaria que não tivesse terminado assim. Não sei por que minha cabeça faz isso. Gostei mais quando ele me puxou para baixo gentilmente e suavemente fez o que quis.

Laura

7 de agosto de 1984

Querido Diário,

Hoje passei a tarde com Troy, limpando, escovando e dando comida para ele. Fiquei fascinada por quanto ele parece entender o que estou sentindo. Ele esfregava o focinho em mim enquanto eu escovava seu rabo e sua crina, e quando me sentei num canto da cocheira, ele baixou a cabeça e eu deixei que ele cheirasse todo meu pescoço e meu rosto. Será que as pessoas se apaixonam tanto pelos seus cavalos quanto eu pelo meu? Ou estou errada por pensar ou sentir todas essas coisas?

Gostaria que Donna estivesse aqui. Vou telefonar para saber se ela pode dormir em casa ou qualquer outra coisa. Talvez eu durma na casa dela. Seria até melhor. Às vezes meu quarto é o melhor lugar do mundo, outras é como um lugar que me prende e me sufoca.

Será que é assim quando se morre... sufocante? Ou será que é como dizem na igreja. Que você vai flutuando, flutuando, até que Jesus o veja e pegue em sua mão. Não tenho certeza se quero estar perto de Jesus quando morrer. Posso cometer um erro, por menor que seja, e deixá-lo triste. Não conheço muito sobre ele para saber o que pode deixá-lo irritado. Claro, a Bíblia diz que ele sabe perdoar e morreu pelos meus pecados e ama todo mundo, não importa o erro que cometeram... mas dizem que sou uma filha perfeita, a menina mais feliz do mundo, que não tenho problema nenhum. *Isso não é absolutamente verdade.* Como posso saber então se Jesus gosta mesmo de mim? Uma pessoa assustada, às vezes má, mesmo que as pessoas não saibam como nem quando? Provavelmente eu serei um presente para Satã, se não me cuidar. Às vezes, quando tenho de ver Bob, penso que estou com Satã, e que nunca me livrarei da floresta a tempo de voltar a ser novamente a boa, verdadeira e pura Laura.

Às vezes penso que a vida seria muito mais fácil se não tivéssemos de pensar sobre ser meninos ou meninas, homens ou mulheres, velhos ou jovens, gordos ou magros... se pudéssemos todos ter certeza de que somos iguais. Talvez fosse chato, mas o perigo da vida e de viver não existiria...

Voltarei depois que telefonar a Donna.

Donna gostaria que fizéssemos alguma coisa juntas esta noite, mas hoje eles vão ter uma “noite familiar”. Acho que seremos só eu e você, Diário. Talvez possamos ir à floresta e fumar um dos cigarros que Maddy deixou para mim.

Tenho quatro, e escondi-os muito bem no balaústre da cama. É lá que escondo os bilhetes da escola que não quero que mamãe encontre quando vem aqui fazer limpeza — você conhece a mamãe. Eu a adoro, mas ela nunca entende o que tento lhe dizer. Provavelmente ela teria um ataque se soubesse todas as coisas que passam pela minha cabeça. Bem, a madeira do balaústre sai e ali tem um buraco. Papai chamaria de "cavidade". Tem mais ou menos dez centímetros de profundidade e é um esconderijo perfeito. Ninguém percebe se houver uma bolsa ou um suéter pendurado nessa madeira.

Então a gente pode sair, só você e eu, levar uma lanterna e um cigarro e conversar um pouco. Eu sei que você, ainda mais que Donna, consegue guardar um segredo. Jamais poderia dizer a mamãe as coisas que penso sobre sexo. Tenho medo que se isso sair da minha boca Deus possa ouvir, ou que alguém fique sabendo como sou má e dizer... *Ninguém jamais pensa essas coisas!*

Aposto que não pensa mesmo. Aposto que nunca vou conseguir o homem que desejo porque sempre que formos nos beijar ou andar por aí ele me achará uma pessoa maluca, doente e estranha. Espero que eu não seja isso. Eu ficaria terrivelmente triste se fosse verdade. Como posso parar de pensar dessa maneira? Não posso impedir minha cabeça de querer pensar coisas como essas. Os pensamentos que aquecem meu corpo fazem meu peito subir e descer, enchendo-o de ar e deixando-o sair, como acontece nos livros e nos filmes, mas um pouco diferente, porque eles nunca falam das fantasias que eu tenho.

Vou descer agora para jantar. Gostaria de poder esconder você também no buraco da cama. Por enquanto vou prendê-lo na parede com uma fita, atrás do meu quadro de avisos. Espero que você não caia!

Até mais tarde, Laura

11 de agosto de 1984

Bem, Diário,

Aqui estamos. A quase um quilômetro de casa, pouco antes do anoitecer. Os meses de verão parecem tornar a floresta menos perigosa até que seja bem tarde. Está quente, e você e eu estamos sentados bem perto, encostados no tronco de uma grande árvore. Uma conífera. É a minha preferida e de Donna também. Quando olho para cima, é como se a árvore estivesse me embalando.

Acho que vou fumar aquele cigarro. Trouxe uma soda só para poder pôr as cinzas e a bituca dentro da lata, e evitar de atear fogo em toda T. P. Às vezes na escola chamamos Twin Peaks de T. P. O mundo limpa a bunda com T. P., Bobby Briggs fala isso o tempo todo. Depois ele puxa o cabelo das meninas e arrota na nossa cara. Ele gosta de nós, é claro. Um dia, depois da escola, eu estava no Double R. e ele veio por trás de mim e puxou meu cabelo com força.

Norma piscou para mim e perguntou se nós já tínhamos marcado a data do casamento. Ela está doida se pensa que vou ficar com ele. Nenhum rapaz de quem eu me aproximar vai puxar meu cabelo assim... acho que vai puxar, mas do jeito que eles fazem nas minhas fantasias. Pegando com a mão inteira, e, devagar, prendendo-o atrás da minha cabeça e puxando-me para bem perto para um beijo de língua.

Será que todos os pênis se parecem com o de papai? Ainda me lembro bem de ver mamãe tentando cobri-lo com o lençol, naquela noite. De certa maneira me faz lembrar uma coisa em carne viva. Alguma coisa que vai estar bem em pouco tempo, ou que estava bem, antes de alguém arrancar toda a pele dele e deixá-lo todo vermelho e estranho. Talvez um dia eu veja um mais bonito. Meu Deus, espero mesmo ver. Não quero ficar ali deitada como mamãe. Como um peixe na praia, tentando aprender a respirar fora da água. Pequenas e leves arfadas, e só isso. Se eu encontrar o homem certo, ficarei muito à vontade para agir como deveriam fazer todas as garotas quando estão com alguém. Meio sob controle, meio... Não sei a palavra. Talvez eu esteja ficando muito obscena. Eu morreria se alguém lesse o que escrevi.

As corujas começaram a arrulhar. Tem uma bem em cima de mim na árvore... Há alguma coisa estranha com ela. Sei que é um macho, e sinto que está me observando. Cada vez que olho para cima, a cabeça dela se move para o lado depressa, como se quisesse me evitar. Será que ela sabe o que estou escrevendo? Meu Deus, acho melhor eu começar a ser uma boa menina. Agora

mesmo. Talvez seja como o pássaro de uma história que li. Esse pássaro podia pousar no ombro de uma pessoa, com muita delicadeza, e então lia o que se passava em sua cabeça. Se ela tivesse maus pensamentos, o pássaro bicava os olhos e os ouvidos, para que em sua cabeça só houvesse sons e luzes em vez de pensamentos maus e obscenos.

Às vezes sonho que estou voando. Será que os pássaros sonham que vão à escola ou ao trabalho? Que têm ternos e vestidos em vez das penas que temos em nossos sonhos? Eu voaria por sobre Twin Peaks e muito além. E jamais voltaria se não quisesse.

Vou escrever um poema, depois vou para casa.

Dentro de mim há uma coisa
Que ninguém conhece
Como um segredo
Às vezes me domina
E eu sou arrastada
Para a escuridão.
Esse segredo me diz
Que nunca vou envelhecer
Nunca vou rir com amigos
Nunca ser quem sou, se eu revelar
Seu nome.

Não posso dizer se é real
Ou se é um sonho
Porque se ele me toca
Eu sucumbo
Não há lágrimas
Nem choro
E eu sou envolvida
Por um pesadelo de mãos
E de dedos
E por pequeninas vozes da floresta.
Tão errada
Tão bela
Tão má
Tão Laura.

Tenho de ir para casa. Agora. Está muito escuro. Este não é um bom lugar para se estar agora.

Laura

16 de agosto de 1984

Querido Diário,

Jamais estive tão confusa. São exatamente cinco e meia da manhã, e mal consigo segurar esta caneta de tanto que estou tremendo. Estive de novo na floresta. Perdida. Mas fui trazida de volta. Acho que sou uma pessoa muito má. Amanhã começarei uma nova vida. Nunca mais terei maus pensamentos. Nunca mais pensarei em sexo. Talvez assim ele pare de vir, se eu me esforçar para ser boa. Quem sabe não consigo ser como Donna. Ela é boa. Eu sou má.

Laura

P.S.: Prometo, prometo, prometo ser boa!

31 de agosto de 1984

Querido Diário,

Há séculos que não escrevo porque estou me esforçando muito para ser feliz e para ser boa, e procuro estar sempre rodeada de pessoas para que nunca mais possa pensar em coisas erradas. Mas hoje vou escrever em você para lhe contar as novidades.

Fiquei menstruada. Não é nada daquilo que eu pensava. A escola começará na próxima semana, e agora isto. Eu estava saindo da cama esta manhã e vi o sangue. Chamei mamãe, e é claro que ela fez o maior barulho por causa disso. Telefonou a papai, quando lhe pedi que não contasse nada a ninguém. E agora todo mundo no Great Northern já está sabendo. Tudo o que eu queria era um maldito absorvente ou qualquer outra coisa, e ela começou com a história de que agora sou uma moça e tudo mais. Ok. Ok. É mesmo uma coisa muito especial. Mas que só vai piorar tudo se eu não tomar cuidado. Estou na cama agora com cólicas.

Mamãe pôs a televisão no meu quarto, o que é bom, e estou com uma bolsa térmica na barriga e toneladas de aspirinas no criado-mudo. A televisão não me interessa muito, então me restam novamente os estranhos pensamentos sobre a vida e sobre... outras coisas. Aposto que o que está saindo de mim devia ser a fonte de vida de um outro ser. Fico feliz por não ter nada dentro de mim agora. Pelo menos não um bebê.

Às vezes acho que há alguém dentro de mim, mas que é uma parte estranha, separada de mim mesma. *Às vezes consigo vê-la no espelho.* Não sei se vou querer ter filhos. Algo acontece com os pais, ou com as pessoas que se tornam pais. Acho que eles esquecem que já foram crianças, e que algumas coisas podem envergonhar ou aborrecer seus filhos, mas eles esquecem ou resolvem ignorar isso. Muitas coisas más acontecem comigo no meio da noite, por isso acho que jamais seria uma boa mãe. Isso me deixa triste.

Estou contente com uma coisa. Júpiter está na cama comigo, e ronronando baixinho. Como você, Diário, ele jamais me criticaria.

Laura

1º de setembro de 1984

Querido Diário,

Meus seios doem, o que é absurdo porque eles são muito pequenos. Concordo que estão maiores que na semana passada, e com certeza mais bonitos. Os bicos estão sempre duros. Mas como doem!

Mamãe veio logo cedo e nós tivemos uma boa conversa. Eu disse que preferia que ela não tivesse contado a papai sobre minha menstruação, e ela pediu desculpas, mas disse que só contou porque sabia que ele ficaria orgulhoso por sua garotinha ter se tornado uma moça. Ela trocou a água da bolsa térmica e esfregou minha barriga durante um tempo. Não precisávamos dizer nada uma para a outra, e ainda assim era como se estivéssemos conversando.

Ela deitou na cama junto comigo por aproximadamente uma hora depois disso e me fez dormir em seu ombro. Quando acordei dividimos uma lata de soda limonada, e pela primeira vez depois de muito tempo senti que éramos realmente amigas. Espero que hoje eu consiga dormir a noite toda.

Amor, Laura

9 de setembro de 1984

Querido Diário,

Descobri uma coisa sobre mim. Lembra quando lhe contei que uma noite acordei com uma sensação maravilhosa? Pois bem! Há um lugar especial em meu corpo que me faz sentir aquilo sempre que eu quiser. Um lugar fantástico e delicioso, onde tudo se dissolve e eu estou livre para me sentir bem. Meu botãozinho vermelho secreto. Ele é todo meu. Por fim, uma coisa que me levará para dentro de minhas fantasias. Posso fazê-lo em minha cama, bem suavemente com a ponta do meu dedo, o que é tão gostoso. Posso fazê-lo na banheira, com a água que sai da torneira (nunca imaginei que um banho pudesse dar tanto prazer!). Ou no chuveiro, com a água caindo de cima. Eu me mexo, meu corpo salta, e às vezes tenho de agarrar o travesseiro e colocá-lo sobre a cabeça, porque em geral é noite e alguém pode ouvir os barulhos. Afinal de contas, é um segredo, e se é certo ou errado, eu me sinto muito bem e ninguém precisa saber, a não ser você, querido Diário.

Já faz quase uma semana que tive a primeira menstruação e agora esta descoberta maravilhosa. Agora começo a me sentir uma mulher, e um dia, talvez, não vai demorar muito, vou dividir isto com alguém especial.

Boa noite! Boa noite! Boa noite!

Laura

P.S.: Espero de coração não estar fazendo nada errado quando me toco. Espero que todas as garotas também façam, e que eu não seja castigada por isso mais tarde.

15 de setembro de 1984

À pessoa que invadiu minha privacidade:

Não posso acreditar na desconfiança que tenho de minha família e de meus amigos. Tenho certeza de que alguém encontrou meu diário e o leu, talvez mais de uma pessoa. Não vou mais escrever neste diário durante um bom tempo, talvez nunca mais escreva. Você destruiu a minha confiança e a minha sensação de segurança. Odeio você por isso, seja quem for!

Nestas páginas escrevi coisas muitas vezes assustadoras ou embaraçosas, até mesmo para mim se as ler novamente... Confiei que estas páginas só pudessem ser viradas por mim, somente quando eu quisesse. Muitas coisas estão me magoando e me deixando confusa. Eu preciso deste diário, para poder enxergar minha cabeça por dentro, trazendo-a para fora.

Por favor, fique longe dele.
Estou falando sério.

Laura

3 de outubro de 1985

Querido Diário,

Resolvi, depois de um ano, voltar a falar com você. Encontrei um esconderijo, do qual não vou falar, para o caso de você ser encontrado fora dele e algum abelhudo querer saber onde é. Sei que não foi culpa sua ser encontrado e alguém ter resolvido espiá-lo, mas precisei de um longo tempo até me sentir segura o suficiente para escrever outra vez em suas páginas. Muitas, muitas coisas aconteceram desde a última vez que você ouviu falar de mim, e muitas delas provaram que meus pensamentos sobre o mundo ser um lugar cruel e triste estavam certos e foram confirmados.

Eu não confio em ninguém, quase nem mesmo em mim. Foram muitas manhãs, tardes e noites de batalha para saber o que é certo e o que é errado. Não sei se estou sendo castigada por algo que fiz de errado, algo de que não me lembro, ou se isso acontece com todo mundo e eu que sou uma estúpida por não entender isso.

Em primeiro lugar, descobri que não foi papai que me deu Troy. Foi Benjamin Horne. Os detalhes não importam, mas digamos que eu tenha ouvido Audrey discutindo com o pai sobre isso, quando eu estava no Great Northern visitando Johnny. Johnny é irmão de Audrey, outro filho de Benjamin. Ele é retardado. E mais velho do que eu, mas tem a mentalidade de uma criança pequena. Pelo menos foi o que disse o médico.

Às vezes penso que ele só escolheu ficar quieto porque é muito mais interessante apenas ouvir as pessoas em vez de falar com elas. Ele nunca fala, exceto “sim” e “índio”. Ele adora índios. Ele usa constantemente um cocar. É um feito com lindas penas coloridas e tiras de couro. Em seus olhos o mundo é uma mistura de alegria e dor, e acho que entendo Johnny mais do que entendo muitas outras pessoas. Talvez eu encontre um jeito de passar mais tempo com ele. Em geral eles o deixam sozinho durante muito tempo.

Fico contente de Troy ser meu, e adoro andar nele, caminhar com ele ou só olhar ele raspar a pata no chão. Mas agora me sinto constrangida com papai. Como se ele fosse menos honesto por ter dito a todo mundo que Troy era um presente dele. Talvez Benjamin tenha querido assim, não sei. Não importa o que seja, de alguma maneira Benjamin me deixa intrigada, e é como se eu pertencesse mais a ele do que a papai.

Às vezes acho que seria melhor não ter um pônei só meu, porque assim não

teria perdido o respeito por papai, e Benjamin teria continuado a ser só Benjamin. Pior que isso, Audrey e eu nunca mais vamos nos entender. Eu me sinto um pouco mal por ter sido a causa de tudo. Por outro lado, me dá uma sensação de poder. Por que essas coisas acontecem comigo?

Sabe, de todos os homens que conheço, o dr. Hayward tem sido o mais carinhoso comigo. Ele não é egoísta, é gentil, e tem sempre um sorriso de perdão e incentivo para mim — ou de qualquer outra coisa que de alguma maneira preenche este vazio que sinto. Há treze anos, ele me trouxe ao mundo e segurou firme meu corpinho, só por um momento. Em minhas fantasias, imagino esse momento como um dos mais carinhosos de toda a minha vida. Eu o amo por ter me segurado, aquela criancinha recém-nascida, assustada com o ar e com a luz, e por me fazer acreditar, sem nunca ter dito uma só palavra, que me seguraria novamente sempre que eu precisasse.

Ele me faz lembrar alguém que não me importaria ver todos os dias de minha vida. Um avô carinhoso, dentro da mão protetora de um pai.

Voltarei depois do jantar. Há muito mais novidades.

Amor, Laura

3 de outubro de 1985, mais tarde

Querido Diário,

O jantar estava ótimo hoje. Um dos meus pratos favoritos, panquecas de batata com creme de milho e vegetais. Vou ter de começar a mudar o meu jeito de comer, ou corro o risco de engordar como um balão. Mamãe fez essa comida especial para mim porque sabe que ainda estou triste por causa de Júpiter. Ela e papai comeram galinha.

Júpiter é a notícia. Geralmente ele sai para brincar no quintal. Lá não há cerca, mas ele nunca fugiu. Acho que era esperto demais para sair da casa de pessoas que o amavam tanto, que o alimentavam tão bem. Embora eu não escreva com frequência sobre ele, era uma das coisas mais importantes que havia para mim, sempre tão doce e tão delicado. Sempre gostou de mim, não importava como eu estivesse ou o que tivesse feito de certo ou errado naquele dia.

Sempre, nas noites em que eu não conseguia dormir, nós dois íamos brincar lá embaixo com um novelo de barbante, somente com a luzinha de um abajur acesa. Depois ele adorava tomar um sorvete na cozinha. Baunilha era o seu preferido. Com a casa escura, nós dois ficávamos ali até o sono chegar, horas depois de já termos desistido de dormir. Ainda tenho uma foto que papai tirou de nós dois no sofá da sala, depois de uma dessas noites. Não houve tempo de voltarmos para cima, e dormimos ali mesmo no sofá.

Dei essa foto ao xerife Truman para que ele mostrasse na delegacia. Espero que encontrem quem atropelou Júpiter. Provavelmente foi um acidente, porque, minutos antes de acontecer, ele tinha encontrado um rato ou qualquer coisa assim... Não prestei muita atenção, mas ele saiu correndo atrás e foi pego por um carro. Mamãe ouviu o barulho e me mandou ficar onde estava até saber o que tinha acontecido. Mas às vezes mamãe e eu pensamos as mesmas coisas, temos os mesmos sonhos, e ela sabia que eu não ficaria no quarto *se soubesse*. Mas eu não ouvi o que ela disse e saí para vê-lo; ele ainda respirava, mas sangrava pelos olhos e pela barriga.

Não posso acreditar que alguém atropele um gato como ele, em pleno dia, e não diga nada a ninguém. Que não pare para pensar e não vá à casa mais próxima para contar o que aconteceu. Mamãe ouviu o carro frear, e papai disse que se estivesse em casa saberia que tipo de carro era só pelo barulho do freio. Duvido, mas foi um pensamento bonito.

Agora ele está enterrado lá fora. Um bom amigo se foi, quando eu preciso tanto dos poucos que tenho. Preferia que outra coisa tivesse morrido em vez de Júpiter.

Para ser sincera com você, como tenho sido sempre, muitas pessoas em Twin Peaks gostam de mim. Muitas sabem meu nome, e na escola sou muito popular. O único problema é que realmente não conheço nenhuma dessas pessoas da maneira que elas pensam que me conhecem. E acho que posso dizer com segurança que elas não me conhecem de jeito nenhum. Donna é a única.

Mas ainda tenho medo de contar a ela minhas fantasias e meus pesadelos, porque às vezes ela consegue entender e outras fica dando risada, e eu não tenho saco de lhe perguntar o que há de tão engraçado. Então fico me sentindo mal outra vez e calo minha boca por um bom tempo. Gosto muito de Donna, mas às vezes tenho medo de que ela não fique do meu lado quando souber o que se passa dentro de mim. É negro e escuro, e recheado de sonhos com homens muito grandes, e os diferentes modos de eles me pegarem e me submeterem à sua vontade. Uma princesa encantada que pensa ter sido salva da torre, mas descobre que o homem que a pega não está lá para salvá-la, e sim para entrar dentro dela, muito fundo. Para domá-la como se ela fosse um animal, mexendo com ela, fazendo-a fechar os olhos para ouvi-lo dizer tudo o que faz. Passo a passo. Espero que isso não seja uma coisa ruim de pensar.

Amor, Laura

12 de outubro de 1985

Querido Diário,

Outra noite experimentei um cigarro de maconha. Donna e eu estávamos em sua casa, e os pais dela saíram à noite com os meus para ir a uma festa que Benjamin estava dando no Great Northern. Nós duas não queríamos ir, principalmente por causa de Audrey. Eu disse a Donna para pegarmos as bicicletas e irmos ao Book House conhecer pessoas novas. Levei um tempão para convencê-la de que não contaria nada a ninguém e que estaríamos de volta antes de nossos pais chegarem. Por fim ela concordou porque nós duas já estávamos cheias de ver sempre as mesmas caras por perto.

Já estávamos lá havia meia hora, quando aqueles rapazes, Josh e Tim, e outro que não me lembro o nome, vieram. Eu estava fumando um cigarro que tinha roubado da mesinha do hall do Great Northern, um dia que estive lá para levar um livro de histórias de índios para Johnny.

Eles acharam que fôssemos mais velhas porque eu estava fumando. Então Josh chegou com Tim e o outro. Disseram ser do Canadá, e não havia dúvida porque eles não paravam de dizer "hein". "Querem um cigarro melhor, hein?" Tim gostou de Donna logo de cara, e ela ficou toda vaidosa porque todos os três pareciam ter uns vinte anos. Nenhum deles me tocou. Mas pareciam boa gente. Eu me senti segura, mas não excitada... entende o que quero dizer?

Bem, eu disse que queria experimentar um cigarro melhor, e nós fomos com eles para os fundos do Book House para fumar. Donna inventou uma história maluca sobre nós estarmos apenas de passagem por uma noite em Twin Peaks e termos de encontrar nosso ônibus de excursão em menos de uma hora. Disse que estávamos numa excursão chamada "Passeio na Floresta". Acho que eles acreditaram porque logo acenderam aquela coisa. Josh disse que não deveríamos sentir nada na primeira vez, mas Donna e eu provamos que ele estava errado. Disse que tínhamos de "Prender a fumaça, hein?". E nós prendemos... seis vezes! Diário, foi demais. Foi uma sensação de relaxamento, de calor e um pouco... sexy.

Eu chamava Donna de "Trisha", e ela me chamava de "Bernice"! (Para o caso de eles voltarem e perguntarem por nós... por qualquer motivo. Não queríamos que ninguém soubesse.) Bem, nós nunca rimos tanto na vida. Qualquer coisa que eu via me deixava simplesmente histérica. Tudo ficava meio borrado e ondulante, como se eu estivesse olhando o mundo pelo fundo de um

copo vazio. Havia um vento quente, e as árvores cheiravam tão bem!

Tim nos trouxe uma xícara de café misturado com chocolate, e nós ficamos ali sentados, falando sobre um monte de coisas, como se talvez nosso universo fosse apenas um fiapinho de linha que um gigante enorme não tinha percebido em seu suéter, e um dia qualquer esse gigante podia nos escovar, ou nos jogar dentro de uma máquina de lavar e matar todo mundo. Donna disse que talvez nossa noção de centenas de anos fosse apenas uma fração de segundo para esse gigante, e logo alguma coisa iria acontecer porque por quanto tempo alguém consegue ficar com o mesmo suéter?

Todo mundo gostou da ideia de que pudesse haver outros pequenos universos ou "bolinhas de lã" nesse suéter, e imaginamos que um dia seria bom encontrar pessoas desses outros lugares, desde que elas fossem boas conosco. Podíamos ouvir a música que vinha do Book House, e eu me levantei e comecei a dançar. Havia muito tempo não me sentia tão bem, flutuando na noite e sentindo aquele calor gostoso.

Donna chegou a dançar um pouco comigo, mas de repente se lembrou de que tínhamos de encontrar nosso... ônibus de excursão! Foi preciso mentir e dizer que tínhamos alugado as bicicletas na seção de achados e perdidos da delegacia, mas não acho que os rapazes engoliram essa história. Foram delicados em não dizer nada sobre isso, se é que desconfiaram. Talvez nós tenhamos acrescentado uma certa excitação à noite deles também. Ou talvez não, porque eles eram mais velhos e provavelmente tinham noites muito mais excitantes do que aquela.

Quando voltávamos para casa, tivemos de parar para rir. Depois senti a maior vontade de comer doces e tomar leite, como se eu fosse morrer se não comesse, e Donna concordou cem por cento comigo. Ela disse que tinha uma torta na casa dela, mas isso não era certo. Então esvaziamos os bolsos e entramos no Cash and Carry para um banquete. Compramos tanta porcaria que tivemos de empurrar as bicicletas para carregar cada uma um saco lotado. O caminho todo ficamos na maior paranoia, como os rapazes disseram que ficaríamos, por causa dos olhos vermelhos e porque queríamos chegar em casa antes dos nossos pais.

Tivemos a maior sorte; assim que entramos o pai de Donna ligou para dizer que iam demorar mais um pouco porque Benjamin resolvera mostrar uns slides. Graças a Deus! Corremos para cima e pingamos colírio nos olhos, depois ligamos o som e comemos, dançamos e rimos para valer, e já estávamos completamente dormindo quando todo mundo chegou.

Sei que as drogas são más, mas estou começando a sentir que gosto de ficar assim: de ficar má.

Amanhã tem mais, Laura

20 de outubro de 1985

Querido Diário,

Pouco mais de uma semana e tenho mais novidades. Desculpe por não ter escrito, mas realmente parece que tudo enlouqueceu por aqui... bem, pelo menos aqui dentro de mim. Em casa está tudo na mesma. Em geral, muito irritante. Meu Deus, sinto-me às vezes tão amarrada, como se tivesse de manter esse sorriso constante no rosto ou todos iriam cair em cima de mim.

Será que a dor, não a do tipo que acontece quando seu gato é assassinado, ou quando a sua tia morre, mas daquele tipo com que você tem de conviver... será que ela pode ser boa? A dor como uma sombra ou companhia. Será que é possível...

Seja como for, a novidade é estranha. Estou um pouco nervosa pelo tanto que gostei de correr todo aquele perigo, mas vou lhe contar tudo, e do fundo do meu coração. Talvez seja como meus sonhos, menos difícil de entender se a gente puder ver no papel. Vamos lá.

Na quinta-feira passada, anteontem, Donna e eu voltamos ao Book House, mais ou menos às quatro horas da tarde. Acho que fomos esperando encontrar Josh, Tim e o outro amigo deles, e talvez enlouquecer com outro cigarro daqueles. Nós nos vestimos especialmente para isso, nada muito exagerado ou louco, porque conhecemos praticamente *todas* as pessoas da cidade e não queremos que nossos pais fiquem sabendo. Mas estávamos com saia bem curta e um pouco mais apertada do que as pessoas aprovariam, menos os rapazes, é claro, e usamos um pouco de maquiagem que a mãe de Donna, a sra. Hayward, deu a ela na Páscoa, porque Donna insistia em usar as dela e a mãe queria que ela tivesse as suas próprias.

Bom, vamos lá! Chegamos ao Book House e não havia ninguém além de Big Jake Morrissey, que é quem cuida do lugar.

Vou falar um pouco sobre esse lugar que é para você saber onde eu estava. É um bar, em geral para rapazes — permitem-se mulheres —, mas é mais como um "clube do Bolinha". Há livros espalhados pelas mesas e em prateleiras, que cobrem três de suas paredes, até o fundo. Cheira a cigarro, loção pós-barba e café. Há sempre café pronto. E dessa vez notei uma foto do homem perfeito para as minhas fantasias! Não disse nada, é claro, mas ele era perfeito. Ele era rude e forte, mas tinha olhos doces e pele macia.

A foto mostra ele de jeans e jaqueta de couro, segurando um livro e sentado

em uma moto, lendo. Estou apaixonada! Como não tinha mais ninguém ali além de nós, Jake nos deu um café e disse que as pessoas começariam a chegar, e seria bom que saíssemos logo, principalmente vestidas daquele jeito. Ele falava meio sério, meio de brincadeira, quando nos perguntou: "Será que vocês estão a fim de programa?".

Donna ficou toda vermelha, e eu só disse a ele o que diria aos meus pais se eles ficassem sabendo. "Só estamos brincando e curtindo. É só uma brincadeira e você não tem nada a ver com isso." Ele entendeu, melhor que isso, "engoliu", e depois de beber o café nós saímos. Na saída, eu disse a Jake que havia mais ou menos uma semana três rapazes canadenses superlegais tinham ido lá e nos ajudado a consertar os pneus das bicicletas que tinham murchado, depois que passamos sobre cacos de garrafas de cerveja quebradas que sempre havia na frente da Casa da Estrada. Pedi a ele que, se os visse, dissesse que queríamos lhes agradecer, oferecendo uma xícara de café ou qualquer outra coisa. Disse também que estaríamos lá atrás conversando, caso eles quisessem aparecer. Jake prometeu que daria o recado se os visse.

Adivinhe! Eles apareceram. Jake deu o recado, porque eles saíram rindo, sem nos dar tempo de inventar outra mentira. Donna foi rápida e esperta em dizer que "queríamos ter certeza de que vocês eram legais antes de dizer quem nós somos". Eles disseram que estávamos muito bonitas; descobri que o nome do terceiro era Rick e todos tinham vinte e dois anos! Dissemos que a nossa idade não importava e não nos impediria de nos divertirmos, desde que chegássemos em casa antes das dez horas. Se tivéssemos de nos atrasar, deveríamos telefonar. Josh disse que tinha alguma coisa para bebermos, e se tivesse algum lugar que conhecêssemos para acender um pequeno fogo na floresta, poderíamos ir e fazer uma festinha. A essa altura eram mais ou menos cinco e meia da tarde.

Dessa vez eles estavam em uma caminhonete, e não em bicicletas, e então Donna e eu nos sentamos na carroceria e dissemos a eles para cruzar a Lucky Highway 21 e seguir direto para a floresta atrás de Low Town. Donna e eu achávamos que estaríamos seguras ali, e se alguma coisa acontecesse eu poderia dizer que nos perdêramos, que tínhamos saído para dar uma volta e perdido a noção de onde estávamos. Imaginei que estaria tudo bem, não importa o que acontecesse. Os rapazes me pareciam bem legais, e assim confiamos neles mais uma vez.

Chegamos a um lugar onde havia um rio e agulhas de pinheiros espalhadas pelo chão, e portanto uma fogueira não teria perigo. Tim e Rick acendiam o fogo enquanto Josh abria a garrafa de... acho que era gim. A única coisa alcoólica que Donna e eu já tínhamos tomado era uma taça de champanhe — uma única, no aniversário do dr. Hayward no ano passado. Isso era novidade para as duas. Donna estava excitada mas nervosa. Eu estava absolutamente excitada, e fui a primeira a dar um gole naquilo depois de Josh. A garrafa rodou... até acabar.

Donna e eu ficamos bêbadas quase imediatamente. Rick não parava de dizer: “Cara, elas estão chumbadas”.

Mas eu e Donna tivemos de fazer xixi, então nos afastamos do fogo alguns metros e nos agachamos atrás de uma árvore. Só um pouquinho ali e já começamos a ficar com medo. Realmente com medo. Não sabíamos o que fazer, e as duas ficaram se lembrando das besteiras que tínhamos dito, ou dando bandeira de que éramos infantis ou qualquer coisa do tipo.

Quando me levantei, minha cabeça se iluminou. Pensei comigo mesma: “Agora é tarde demais, você já está completamente bêbada, o melhor a fazer é curtir, e não esquecer de ficar ligada no relógio!”. Donna concordou que o melhor mesmo era deixar acontecer, e ficarmos grudadas uma na outra, se sentíssemos medo mais uma vez.

Tim ligou o rádio do carro, e eu perguntei se eles não iam me achar uma boba se eu dançasse um pouco, porque curtia aquele som. Todos os três disseram que tudo bem, e Donna só ficou ali olhando para o fogo um tempo. Tim foi se sentar bem ao lado dela e cochichou alguma coisa em seu ouvido. Os olhos dela se arregalaram, ela deu uma risada esquisita, e depois relaxou. Acho que ele a fez sentir-se bem, ou bonita ou qualquer coisa. Tenho de me lembrar de perguntar a ela o que foi que ele disse.

Então eu estava dançando, e Josh e Rick não tiravam os olhos de mim... e eu comecei a me sentir muito à vontade, ou confiante, ou as duas coisas, e enlouqueci um pouquinho mais e entrei numa dança mais sexy. Uma que praticava sozinha no meu quarto, na frente do espelho. Movia os quadris em círculos e deixava os braços se moverem devagar, passando de vez em quando as mãos pelos quadris como se me sentisse muito bem de estar tocando em mim mesma.

Saco! Mamãe está chamando lá embaixo para lavar a louça. Volto depois. Há muito mais que isso!

Amor, Laura

Diário, voltei.

Desculpe ter interrompido.

Bom, eu estava dançando, e Donna via o que eu estava fazendo e me olhava como se eu estivesse louca. Ela olhou em volta um tempo e aposto que queria ter parte daquela atenção, ou qualquer coisa assim, porque olhou para o relógio e disse: “Vamos brincar de tirar tudo!”.

Por aí dá para imaginar o quanto Donna estava bêbada. Todo mundo ficou quieto e só ouvindo a música, e então eu disse: “Vamos nessa!”.

Então Donna e eu tiramos a roupa... todinha. Quase ficamos de calcinha, mas não quisemos que eles pensassem que éramos garotinhas bobinhas. Eles estavam sentados no rio, encostados em pedras, quando nós duas chegamos perto do fogo. O riozinho tem no máximo um metro na sua parte mais funda. Então nós tiramos a roupa e ficamos ao lado do fogo um tempo. Quando começamos a ir para a água, Josh disse: “Parem! Aí. Só por um minuto”.

Nós paramos. E quando estávamos lá paradas, ele disse a Tim e a Rick: “Vocês já viram na vida coisa mais bonita que essas duas gatas?”. Os dois fizeram uns barulhos de quem tinha gostado. Donna e eu ficamos meio incomodadas quando sacamos que eles olhavam para nós de um jeito... um jeito meio íntimo, entende? Tim disse: “Vejam como o fogo faz sombras no corpo delas”. Donna e eu olhamos uma para a outra, e olhamos outra vez para eles. Não era fácil enxergá-los porque estávamos muito perto da luz e eles estavam no escuro, dentro do rio. Rick disse: “Por favor, venham para a água conosco”. Nós fomos.

Foi bom demais. O jeito que eles ficaram quando chegamos pela água, deslizando bem devagar, como se fosse um sonho. Eu nunca tinha sentido nada tão bom e tão íntimo nas minhas fantasias. Os três estavam... estavam... estavam... acho que posso dizer de pau duro, porque “pênis” me soa como se eu estivesse lendo um livrinho da Coleção de Sexo. Então eles estavam superduros.

E eu disse (principalmente porque sabia que Donna estava mais pirada do que eu com tudo aquilo): “Esta vai ser uma noite maravilhosa... nós todos podemos voltar para casa com aquela sensação incrível de querer que fosse mais... Donna e eu não vamos até o fim com vocês”.

Quando isso saiu da minha boca, eu nem acreditava. Quem estava falando? O que eu, Laura Palmer, de treze anos de idade, estava fazendo ali na floresta com três rapazes nus, nove anos mais velhos que eu?

Eles toparam, mas Josh disse: “Podemos pelo menos pegar em vocês, dar um beijinho?”. Donna olhou para mim do mesmo jeito que no ano passado, quando Maddy contou sobre os beijos. Eu disse que, para mim, tudo bem, mas que, se Donna não estivesse a fim, ninguém ia forçá-la. Alguma coisa me diz

agora, quando me lembro, que isso foi a coisa mais excitante que aqueles caras já tinham vivido. Não acho que eles teriam feito alguma coisa de mal, mesmo que tivéssemos pedido, porque eles estavam morrendo de medo. Foi uma noite tão estranha e tão particular. Como se a floresta nos fizesse agir como loucos, como as árvores, e o fato de que estava escurecendo nos fazia esquecer que todo o resto existia. Eram oito e meia, e tínhamos cerca de uma hora até termos de voltar para casa.

Ajoelhei dentro da água, na frente de Josh, e molhei os cabelos. Então olhei para ele e disse: "Você pode pegar, se quiser. Está tudo bem". Então, bem devagar, ele pôs a mão em meu seio, que deve ter um bom tamanho, acho, para a minha idade, e estremeceu, como se estivesse assombrado. *Eu me senti no topo do mundo. Fazia aquele cara de vinte e dois anos enlouquecer!* Ele começou a tocá-los, e pegava só nos bicos, e era difícil para mim não dizer que isso era bom, por isso ri.

Tim começou a tocar nos seios de Donna, e ela só o observava em silêncio. Rick não tinha ninguém com quem ficar, então eu disse: "Pegue em mim, também... mas lembre-se que fizemos um trato... certo?". Ele concordou e se arrastou pela água até mim e pôs a boca na ponta do meu seio. Tive de fechar os olhos para que eles não me fizessem pirar completamente. Era tão incrível! Eu só conseguia pensar no cara da foto no Book House, e mesmo que pareça estranho, vou dizer.

Eu tive o pensamento erótico de que ele mamava em mim. Como se ali dentro tivesse todo o carinho e alimento de que ele necessitava... esse cara mais velho, precisando de mim. Senti-me forte e quase como se estivesse fantasiando para eles. Josh pôs a boca no outro bico, e Tim e Donna se afastaram um pouco de nós na água e começaram a conversar. Depois Donna saiu com Tim, os dois se vestiram e sentaram perto do fogo... sempre conversando. Eu não liguei, ou não queria ligar. Eu não ia parar aquilo a não ser quando quisesse, e era bom demais para estragar.

Sussurrei para Josh e Rick que tinha vontade de que um deles me beijasse, bem devagar e bem macio... e que o outro poderia continuar fazendo o que fazia. Rick disse a Josh que podia me beijar, desde que ele também pudesse depois, mais tarde ou qualquer outra hora.

Então Josh se inclinou sobre mim e chegou bem perto, e antes de me beijar, ele disse, bem baixinho: "Bem macio, certo?". Eu disse que sim. E ele continuou: "Bem macio e bem gostoso...". Ele abriu a boca, e eu abri a minha, e nossas línguas começaram a se mover, como se estivéssemos querendo cada vez mais... mas não era depressa, era devagar... bem gostoso e bem devagar. E Rick chupava meu seio e fazia barulhos de quem tinha fome e estava comendo, ou tomando um sorvete delicioso. Sei lá o que ele estava sentindo, mas posso garantir que eu me sentia dez vezes melhor do que ele.

Entrei num sonho, não sei por quanto tempo, enquanto aquilo acontecia, e era como se nada de mal jamais fosse acontecer comigo. Tudo desaparecera e de repente não me importei de nunca mais ver Donna, mamãe, papai, ou qualquer pessoa... nunca mais. Essa sensação deliciosa de ser querida, necessitada, e especial, como se eu fosse um tesouro... era só o que queria sentir, sempre. Eu não tinha idade, e não existiam horários, trabalhos de escola, trabalhos domésticos, chateações, nada para nublar minha cabeça ou me levar de volta para a pequena Laura. Eu não tinha idade, e era tudo o que aqueles rapazes queriam. Era algo saído do sonho deles!

Rick começou depois a me beijar, e era tão delicado e tão doce quanto Josh, embora beijasse diferente. Ele mexia a língua e os lábios de outro jeito, parando às vezes e mordendo de leve meu lábio, como se me provocasse.

Desculpe falar tanto, Diário, mas tenho de falar com alguém, e Donna, mesmo estando lá, na verdade não estava como eu. Ela ainda não estava pronta para aquilo ou para o que pudesse sentir. Não que haja qualquer coisa errada nisso, mas Donna ainda está mais interessada em ser boa... o tempo inteirinho. Eu, parece que tenho sido tão boa quanto posso, e talvez mais do que muita gente, mas tive de esquecer essas coisas por um bom tempo ali... e acho que foi uma ótima solução.

Nada além disso aconteceu no rio, a não ser que toquei os dois no meio das pernas. Fui bem delicada com eles da maneira como foram comigo, e adorei senti-los tão duros e saber que aquela coisa dura flutuava na água... isso eu só podia sentir e não ver. Exatamente como queria que fosse. Era capaz de querer mais, e capaz de adorar o que eu tivesse.

Tim e Donna trocaram números de telefone enquanto eu me vestia, e a única coisa que me preocupava é que eu estava mesmo bêbada e começava a sentir o estômago enjoado. Acho que Donna também, porque Tim disse: “Acho melhor a gente ajudá-las a vomitar, senão vai acontecer quando chegarem em casa... Donna está preocupada, sabe, em como vai explicar para os pais dela”.

Eu nem acreditava como aqueles caras estavam sendo legais conosco. Eles não fizeram piadas e nem nos fizeram sentir que éramos nada perto deles. Sei que não somos, mas foi bom, especialmente no estado em que estávamos, não ouvir nada desse tipo. Rick disse que tinha chicletes no porta-luvas do carro, e se nós quiséssemos ele iria buscar. Tentei me imaginar indo para casa do jeito que eu estava, completamente zonza. Vomitar não parecia uma coisa agradável, mas Tim sugeriu que talvez nos deixasse sóbrias, então Donna e eu viramos de lado e enfiamos o dedo na garganta. Veio logo. Foi horrível, mas me senti melhor, e Donna disse que ficou mais fácil para ela depois disso. Eu disse que poderíamos voltar, e que se eles não se importassem, poderiam nos deixar a um quarteirão de casa, mas de que casa? Achei que a viagem de volta, o ar fresco, fosse nos ajudar.

Aguenta um pouquinho, Diário, mamãe quer dar um beijo de boa-noite.

Tudo bem, estou de volta. Graças a Deus que ela não viu você. Quando os rapazes nos deixaram, nós saltamos da carroceria, e Tim beijou a mão de Donna todo romântico, e Rick e Josh disseram que tinham gostado muito de tê-la conhecido. Eu fui para a janela do motorista, onde estava Josh, e já ia agradecer-lhe... e dizer o que me viesse à cabeça... mas ele me fez parar. (Um arrepio correu pela minha espinha.) Ele encostou o dedo nos meus lábios e disse: “Acho que nunca mais vou esquecer você, Laura”. E sorriu. Rick disse: “Obrigado por confiar em nós como confiou”. Eles foram embora, e Donna e eu quase choramos.

Estávamos a um quarteirão da casa de Donna e cada uma de nós pôs mais um chiclete na boca e começamos a pensar numa história. *Estávamos na floresta, conversando. Inventávamos histórias e contávamos os sonhos que tivemos, e... o futuro.*

Donna disse que não achava que estava mentindo porque foi o que ela e Tim fizeram. Eles se beijaram algumas vezes, e Donna admitiu, pouco antes de entrarmos na casa dela, que gostou muito.

Resolvi que não explicaríamos nada do que fizemos enquanto estivemos fora, a menos que alguém perguntasse. Já vi pessoas exagerarem na explicação das coisas, e parecer que estão mentindo ou escondendo algo; podia acontecer conosco.

Os pais dela estavam dormindo no sofá quando entramos, e nós passamos bem de mansinho e fomos para o quarto. Escovamos os dentes e ajeitamos um pouco o cabelo, e antes de descer nos abraçamos. Não dissemos uma palavra. Só nos abraçamos. Acho que foi nossa maneira de dizer que era nosso segredo, e que ainda éramos amigas e que tudo estava bem. *Estávamos em casa, e estava tudo bem.*

Donna acordou o pai dela e disse que esperara para acordá-lo porque ele estava dormindo tão gostoso, ali deitado no ombro da sra. Hayward. Ele se ofereceu para me levar em casa, então liguei para mamãe e ela disse que nem tinha prestado atenção na hora porque estava lendo um livro ótimo. Disse que papai já tinha ido dormir. E que ela ia esperar eu chegar.

Não sinto nenhuma culpa pelo que aconteceu, mas acho que é só porque ninguém ficou preocupado e porque os rapazes eram tão legais. Não posso evitar de ficar triste ao pensar que tudo terminou. Esta noite se foi, e sou Laura outra vez. Treze anos de idade, e a menina dos olhos de papai. Sem raiva, mas com certa ansiedade, gostaria muito de ser mais velha, e dona do meu próprio nariz, sem ter ninguém para prestar contas.

Deus abençoe mamãe e papai, Troy e Júpiter — que sua alma descanse —, e os rapazes, Josh, Tim e Rick. Obrigada, Deus, por ter me dado aquelas horas de... bênção.

Já, já, L

P.S.: Sinto que cada vez que me lembro dessa noite eu mudo um pouco. Os rapazes são um pouco mais rudes comigo a cada vez. Vou ficando mais atrevida, e os faço dizer o que sentem quando me tocam. Quero que eles me digam como é para eles. Não sei por que isso mudou... Gostei da maneira como foi, mas quando repito em minha cabeça, quero que eles sejam um pouco mais obscenos. Gosto disso. *Gosto que eles sintam mais do que eu.*

10 de novembro de 1985

Querido Diário,

Ontem, pela primeira vez há muito tempo, dormi a noite toda. Quando acordei, nem conseguia me lembrar dos sonhos que tive, ou se tive algum. Dizem que todo mundo sonha o tempo todo, e sempre me lembro dos sonhos. Bem, eu estava escovando Troy no estábulo quando de repente veio à minha cabeça um endereço: River Road, 1400, River Road, 1400. Eu tinha sonhado com isso. De repente senti vontade de ir lá. Tinha de encontrar esse lugar e ver o que era. Decidi telefonar dos estábulos para a mamãe e dizer que ia dar uma volta com Troy, e voltaria logo.

Eu tinha alguma ideia de onde era River Road, 1400, e confirmei com Zippy para ter certeza. Ele disse que não era longe, mas não havia muita coisa lá. Eu disse que queria sair um pouco com Troy e ir aonde eu nunca tivesse ido antes. Não quis dizer que tinha sonhado com esse endereço e precisava descobrir se ele existia. Temi que ele achasse estranho e, por outro lado, nem eu mesma sabia muito bem por que tinha de ir. Achei que por tudo o que já acontecera, era melhor ficar quieta. Manter segredo, como de tantas outras coisas. Zippy disse para não esquecer de entrar à esquerda quando a estrada de terra bifurcasse, porque senão eu iria parar numa estrada asfaltada, e isso não seria bom para os cascos e as ferraduras de Troy. Prometi, e lá fomos nós.

Todo tipo de pensamento passou pela minha cabeça, e até chorei um pouco porque comecei a pensar em Josh, Tim e Rick, e talvez nunca mais os visse. Pensei que Donna ainda não tinha me telefonado hoje, e me preocupava que ela pensasse que eu fosse suja, ou má, ou qualquer outra coisa, e senti uma profunda necessidade de conversar com ela. Espero que ela não pare de gostar de mim.

Não sei o que faria se isso acontecesse. Então, continuava vendo aquele endereço na minha cabeça, a cada vez que terminava de pensar uma coisa, não importava o que fosse, e de repente me vi em frente àquele posto de gasolina abandonado. Desmontei de Troy e amarrei-o a um poste que ainda estava lá. O poste que segura a cerca em volta da bomba. Aquele que assinala qual bomba é o quê. O mato crescia em toda a volta; deixei Troy pastando por ali e comecei a olhar o lugar.

Quando contornei em Troy, para ficar exatamente de frente para o posto, vi a Senhora do Tronco ali parada, muito quieta, segurando o tronco, bem embaixo do pedaço de madeira onde estava escrito River Road, 1400. Ela riu para mim, e

lembrei que tinha visto aquele rosto no sonho. Não dissemos nada por um bom tempo. Só olhávamos uma para a outra e sorríamos. Eu não estava incomodada, mas bastante curiosa para saber por que estava lá, e no instante em que pensei isso, ela falou:

— Sei que você está curiosa para saber que lugar é este e quem sou eu.

Eu concordei.

— Vi num sonho que iria encontrar você aqui, para que nos conhecêssemos melhor — disse ela.

Senti um baque no estômago e fiquei de boca aberta.

— Às vezes sonho com pessoas — disse calmamente. — Acontece.

Jamais pude imaginar que Margaret, a Senhora do Tronco, fosse tão gentil. Nós nos sentamos na grama, na frente do posto, e ela começou a me dizer que sabia muita coisa sobre mim, coisas muito especiais. Disse que eu não devia me preocupar tanto. Se eu prestasse atenção nas coisas à minha volta, essas mais especiais viriam até mim.

Sempre ela pegava o tronco e ficava em silêncio como se o estivesse ouvindo. Muitas vezes ela ria como se fosse muito engraçado, ou agradável. Outras, ela dizia para o tronco que não queria ouvir aquilo. Que não era a hora.

A última vez que aconteceu, ela virou-se para mim e cochichou: "As coisas não são bem o que parecem".

Ela olhou para a frente, depois se virou com outra expressão no olhar, como se estivesse aliviada por ainda estarmos sós. Ela disse que sabia que eu andava sonhando em ser uma moça, e que isso era bom porque todas as garotas também sonhavam. Então as palavras começaram a ficar meio confusas... ela disse muita coisa sobre a floresta, e procurei ouvir com muita atenção porque confiava nela e achava que talvez ela soubesse alguma coisa que poderia me ajudar. Um monte de coisas que ela dizia me parecia besteira. Lembro-me do que foi, vou escrever, mas não sei o que significa. Talvez entenda mais tarde. O que consegui entender me fez muito bem, como se eu não estivesse sendo má o tempo todo, e pudesse continuar esperando pelas coisas sem ter medo de estar sendo egoísta.

Algumas coisas que ela me disse: que a floresta é um lugar para se aprender sobre as coisas, e sobre si mesmo. Outras vezes é um lugar para outras criaturas, não para nós. Disse que às vezes as pessoas vão acampar e aprendem coisas que não devem. *Às vezes as crianças são as vítimas...* Acho que foi isso o que ela disse. O que mais...? Estou me esforçando para me lembrar de tudo. Ah! Ela disse que tinha de ficar de olho, e que um dia as pessoas iam descobrir que ela vê as coisas e que se lembra delas.

Disse que é importante lembrar o que você vê e sente. As corujas às vezes são grandes. Isso! Isso é uma coisa que eu tinha esquecido completamente. *As corujas às vezes são grandes.* Espero que isso não se refira àquele "sonho da coruja" que mamãe disse que eu tive. Acho que não, mas só por isso a frase faz

sentido para mim. Espero poder entender logo essas coisas. Tanto faz; nós continuamos ali sentadas, e a ouvi cantarolar uma música que nunca ouvira antes, e que achei muito bonita. Fazia-me sentir segura, e acho que ela estava querendo isso mesmo. Sinto pena dela, que as pessoas a achem estranha e perigosa. Ela não é nada disso.

Eu podia ver nos olhos dela que alguma coisa a machucara, mas nem quis começar a entender o que era até mamãe me contar quando cheguei em casa. Ela disse que Margaret (a Senhora do Tronco) tinha um marido que era bombeiro. Ele morreu apagando um incêndio, e mamãe disse que foi horrível porque ele tropeçou numa raiz, ou qualquer coisa, e caiu de cabeça em um braseiro e queimou até morrer, a começar pelo rosto. Eles tinham se casado havia pouco quando isso aconteceu, e desde então Margaret não falou mais com ninguém e guardou a dor para si mesma. Mamãe disse também que ela não usava aquele tronco antes de o marido morrer.

Eu não sabia nada disso até encontrá-la ali na River Road, 1400, mas isso não tem importância, acho. Eu disse a ela que a achava uma pessoa muito boa e especial, e que estava contente por ter prestado atenção no meu sonho, porque não gostaria de ter perdido a chance de poder conversar com ela. Disse também que esperava que ela estivesse certa a respeito de minha vida ter coisas especiais, que eu iria atrás delas porque queria que minha vida fosse boa.

Depois eu disse uma coisa que espero que ela nunca repita. Eu não esperava dizer aquilo, e para falar a verdade não sei de onde veio. Disse que às vezes aconteciam coisas das quais ninguém sabia. Elas aconteciam na floresta, quando já estava bem escuro. Disse a ela que às vezes eu não tinha certeza se essas coisas eram reais, e outras vezes achava que eram mais reais que o sol nascendo a cada dia, e que pensar nisso me dava muito medo. Lembro-me que ela afastou os olhos de mim, quando terminei. Achei ter dito algo que a aborrecera. Ela segurou o tronco com firmeza, olhou de volta para mim e disse que eu era muito bonita e que muita gente iria me amar na vida.

Espero que sim. Um dia alguém me amará como os rapazes me amaram, até mais. Gostaria de saber onde está essa pessoa agora, se está se perguntando onde eu estou e como sou, e quando finalmente nos encontraremos. Será que Margaret já pensou em sexo da mesma maneira que eu?

A caminho de casa tentei me lembrar da canção que ela cantarolou, mas não consegui. Estava me sentindo muito bem depois que saí da River Road, 1400, e continuei me sentindo assim durante todo o caminho de volta, até chegar em casa no carro de mamãe. Continua forte até agora. Espero que Margaret não esteja se sentindo sozinha. Espero que esteja tão feliz quanto eu. Só gostaria de ter dito a ela que sua vida poderia ser muito feliz.

Até mais, Laura

P.S.: Donna ainda não me ligou.

13 de novembro de 1985

Ouvindo a floresta

Acho que as árvores têm alma
Alma que cresce e que muda
No silêncio de cada folha
A memória de momentos que ninguém vê
E nenhum homem jamais ouviu
Pede um tempo para se pensar
Que as árvores tudo veem
E no jeito como sussurram
Indicam que querem falar.
Talvez tentem cochichar
Na palma da mão de alguém
que se lembram da garotinha
E que dentro dela há um vazio
E uma boca nova e bem menor
Mas ninguém as ouve ou se importa
Que talvez
As árvores saibam
Que há algo de muito errado
Que elas querem falar da tristeza
Vista durante tantas noites
Acho que o mundo inteiro
Deveria andar pelas florestas
Ouvindo atentamente,
As vozes das folhas.
Ver os detalhes, os minúsculos mapas
Das pegadas, e às vezes as nódoas
Devia ver que as folhas
Têm forma de lágrimas
Devia olhar o desenho das agulhas caídas
Talvez existam marcas no chão
Que conduzam o mundo
Àquele que tudo fez.

É tarde, e ele veio esta noite. Não sei se a Senhora do Tronco falava da Laura Palmer certa.

20 de novembro de 1985

Querido Diário,

Acabei de ter um sonho que me fez acreditar que não vou dormir esta noite.

Eu estava no quarto. Estava completamente vazio, e eu me sentia mal por isso. Era como se a culpa fosse minha por não ter nada nele. Eu estava encolhida em um canto do quarto, olhando para aquele ponto na outra extremidade, porque sabia que alguma coisa iria aparecer, logo, logo.

Pouco depois comecei a sentir muito frio. Achei que tinha visto alguma coisa, mas desapareceu. Então olhei adiante porque estava tentando encontrar a porta que dava para o outro quarto, porque queria ver se havia móveis lá. Eu me sentia muito mal por alguma coisa e queria entender, para que eu pudesse parar de me sentir tão... culpada. Acho que era isso o que eu sentia: culpa.

Virei-me para olhar o quarto e lá estava um rato enorme. Eu sabia, no sonho, que ele estava atrás de mim, e queria comer meu pé. Quase morri de medo! Vi que ele chegava cada vez mais perto, e tentei pensar numa maneira de pará-lo, ou correr para algum lugar, mas não havia para onde ir ou o que eu pudesse fazer!

Sei que pode parecer engraçado, mas era assustador. Sentei-me absolutamente quieta e tentei manter o pé bem junto ao corpo de modo que o rato não pudesse pegá-lo. Não podia deixar de pensar em como seria terrível senti-lo cravando os dentes em meu tornozelo e cortando-o fora. Eu não queria sentir isso, e não queria que o rato se aproximasse. Não chegue perto de mim! Fiquei pensando na dor que sentiria... E então, no sonho, porque sabia que ele só queria o meu pé, *eu mesma o comi.*

Quando acordei, mal podia respirar de tão assustada! Ainda posso ver o rato, e acho que ele estava atrás de mim porque havia algo errado com o quarto, ou eu estava sendo castigada por alguma coisa. Mas eu estava mais assustada com os dentes do rato e com o quanto ele iria me ferir... Por isso decidi fazê-lo. Eu mesma me feri, antes que ele o fizesse. Embora não soubesse por que o rato queria me ferir, sabia que eu mesma teria de fazê-lo, ou ele o faria.

Não gostei nada desse sonho. Por favor, Diário, sei que parece bobagem, mas não me julgue como outras pessoas que ouvissem esse sonho. Espero nunca mais sonhar com isso. Nem quero saber o que ele significa, ou se quero continuar me lembrando dele. Decidirei isso amanhã, quando a escuridão se for e as coisas forem mais fáceis de serem vistas quando estiverem atrás de mim.

O que me deixa louca é saber que não posso contar nada a mamãe. Tenho medo de que ela ria e depois conte tudo às pessoas. Tenho muito medo de que as pessoas riam de mim. Vou tentar ser mais como Donna. Serei boa, e farei tudo o que esperam de mim. Assim, não haverá nada que alguém possa descobrir e que seja motivo de riso. Não haverá nada que possam dizer que fiz de errado.

Aposto que o que fiz com Donna e os rapazes está causando tudo isso. Mal posso pensar direito e decidir se valeu a pena. Alguma coisa está causando noites como esta. Vou tentar melhorar. Pararei de fazer coisas que só garotas mais velhas podem fazer. Não deixarei que ninguém me machuque, como no sonho. *Eu vou me machucar primeiro*. Sei quais são os lugares mais sensíveis. De agora em diante eu causarei os ferimentos, até que tudo isso pare!!!

Gostaria de poder contar a mamãe.

Laura

16 de dezembro de 1985

Querido Diário,

Não sei se vou continuar escrevendo em você. Acabei de ter outro sonho. Devo ter adormecido enquanto esperava pelo sol. Não sei por quê, mas fiquei vendo você aparecer e sumir no colo das pessoas. Sentadas à mesa para comer ou nos bares. Encostadas no capô de seus carros antes de saírem para um passeio. Tentava tirá-lo delas, mas você escorregava de minhas mãos. Você ia dizer a todo mundo o que estava escrito em seu interior.

Algumas pessoas liam e se transformavam em ratos. Queriam arrastar-me com elas como Bob faz. Acho que, até eu poder entender melhor, não devemos mais nos falar. Não sei por que tive esse sonho... mas tenho muito medo de correr o risco.

Se escrever não faz os pesadelos, o fogo, as cordas e as laminazinhas prateadas desaparecerem... Talvez eu deva entrar nessas coisas. Talvez seja o que se espera de mim. Talvez eu tenha de ser paciente e parar de lutar contra, para que elas então desapareçam.

Detesto ter de dizer adeus a um bom ouvinte como você. Sinto que devo, entretanto, até descobrir se de alguma maneira você está contando a alguém sem eu saber.

Estarei ficando louca? Mal posso esperar que as férias terminem e a escola recomece, para que eu tenha algo com que me ocupar. Vejo as outras garotas que conheço, ou com que apenas cruzo nas ruas, e todas elas riem como eu. Por dentro estarão começando a perder tudo o que conhecem? Terão deixado de confiar nelas mesmas e em todos os que as rodeiam? Por favor, não permita que eu descubra ser a única na terra com esta dor.

Laura

23 de abril de 1986

Querido Diário,

Passou-se um longo tempo desde que escrevi pela última vez. A escola está ótima mas fácil demais. Não exige muito de minha cabeça para que ela se mantenha longe dos rapazes ou das fantasias. Donna e eu tivemos várias discussões este ano porque ela diz que estou agindo de modo estranho, e que não estou sendo a amiga que era. Se eu odeio chorar, por que foi tão fácil depois? Só estou tentando ser boa e me manter ocupada, e não ficar falando e delirando demais porque acho que isso chateia as pessoas e coisas ruins podem acontecer comigo.

Agora Donna está furiosa porque não quero dizer a ela o que estou sentindo realmente; é que estou com medo! Não posso dizer que tenho medo porque ela iria querer saber o motivo. Jamais poderei dizer. Nem mesmo tenho me tocado onde sei que devo para me sentir bem. Tenho medo, porque aquilo está ligado com o sexo, e resolvi não pensar nisso nunca mais... Mas como é difícil!!!

Eu me odeio. E odeio a vida! Papai tem trabalhado até tarde com Benjamin, lá no Great Northern, e estou começando a me sentir como Audrey, quando o pai dela dedica mais tempo e atenção a mim do que a ela. Agora está acontecendo o contrário; só estou tentando ser boa e fazer com que isso pare, mas só o que consigo é ter mais dificuldade para dormir e até para comer! Não quero mais me sentir assim. Se continuar, sei que algo terrível vai acontecer.

Ontem à noite sonhei que tinha cavado um buraco no quintal para um poço, porque estava tentando conseguir água para nós, e achei que seria bom construir um poço para a família. Mamãe adorou a ideia e deu um sorriso lindo. Mas quando ela saiu no quintal, no meio do sonho, eu estava enterrando a mim mesma no buraco, tentando me matar. Ela percebeu que eu tinha mentido, e isso a deixou muito mal. Ela correu para me impedir de continuar, e eu gritei que não queria mais acordar no meio da noite, toda coberta de folhas. Queria ser uma árvore para ouvir as broncas lá da floresta. Ao mesmo tempo ia me enterrando. Mas eu estava dentro de alguma coisa que não era um buraco.

Mamãe veio ao meu quarto logo depois para saber se estava tudo bem, e eu disse que estava ótima. Só estava tendo pesadelos com a floresta. A expressão no rosto dela passou da tristeza à compreensão. Então, infelizmente, ela começou a dizer uma coisa que eu não queria ouvir de jeito nenhum! Começou a falar sobre os pássaros e as abelhas, sobre bebês e controle da natalidade, e todas essas coisas ridículas sobre como meus sonhos eram só uma parte das mudanças que

aconteciam em meu corpo, e que talvez eu só necessitasse de algumas respostas.

Ela não parava de falar, e eu ficava pensando em outras coisas.

Pensava em flores e em rostos sorridentes, ou em qualquer outra coisa... caminhões enormes carregados de cacarecos, em pássaros, em Donna, Donna, Donna... só coisas boas. Não ouvir, não poder ouvir aquela voz dizendo todas as coisas que seriam chavezinhas para as portas de quartos nos quais eu não devia entrar! Como isso pôde acontecer? Ela falou quase durante uma hora, e eu tinha de segurar minha mão... A vontade era bater nela, destruir aquele rosto sorridente e solícito, e gritar: "Como você faz isso? O que está acontecendo com essa parte de mim?".

Quer saber qual parte que mais me assusta? A única coisa que as pessoas acham de mim agora é que estou atravessando a adolescência! Todo mundo ainda vê a risonha Laura Palmer. A garota com ótimas notas, um cabelo lindo e mãozinhas perfeitas, que querem, às vezes, no meio da noite, entrar dentro do espelho e estrangular a garota sonhadora e problemática que vejo refletida!

Hoje irei ver Donna e falar com ela. Falarei o melhor que puder. Não tenho trabalho de escola para fazer, e já terminei os dois projetos extras para nota. Já fiz o quadro de honra e preparei o debate da equipe de calouros. Não paro de rezar e nunca me senti tão mal na vida. Estou começando a pensar que alguns momentos bons, no meio de milhares de maus, são melhores que nenhum. Espero que Donna ainda queira ser minha amiga.

Se puder, vou lhe contar o que acontece com Donna.

Tchau, Laura

24 de abril de 1986

Alguma coisa está pintando...

A memória de uma brincadeira
Eu era pequena, olhava para ele
E ele me manda deitar
Ou dizer coisas
Antes de falar
Que abrir a boca era ruim
Que tínhamos um segredo
Antes de ele começar a me virar do avesso
Com suas garras nojentas
Antes de eu me sentar no morrinho
Nós costumávamos brincar
De mãos dadas
Falar do que víamos
Ele me dizia o que via
Mas eu não podia ver
Estive cega
Acho
Desde que a brincadeira parou.

Quero ficar sozinha como outras pessoas ficam. Quero aprender sobre esta gostosa roupa branca que uso, como todos fazem. Quero esquecer coisas de que de repente me lembro... Algo muito ruim está acontecendo... Por que comigo?

Acho que é real. Acho que é real!

Depois de me encontrar com Donna, talvez eu possa lhe dizer o que estive lembrando. Já esqueci muito... mas não sei dizer se é melhor ignorar ou não lembrar mesmo de nada.

Por favor, Donna, continue sendo minha amiga!

21 de junho de 1986

Querido Diário,

Ontem passei o dia com Donna. Durante muito tempo ela não disse realmente nada. Quando comecei a chorar, saí correndo de sua casa e não podia parar. Fiquei muito feliz quando ela veio atrás de mim, também chorando. Eu lhe disse o máximo que pude. Que eu estava preocupada em ser boa porque andava tendo sonhos maus, muito maus mesmo, e não estava brincando quando disse a ela que não estava dormindo nada. Disse também que gostaria de conversar sobre a noite no rio com os rapazes, mas o tempo todo parecia que ela estava me odiando, ou que eu tinha tido um sonho horrível e pensado que o que acontecera fora ruim. Disse que precisava ouvir o que ela pensava sobre aquela noite. Tinha de saber se achava que devíamos ser punidas por aquilo, ou se eu deveria, porque fizera mais que ela... eu tinha de saber!

Donna disse que tinha medo de que eu não estivesse conversando com ela porque estava furiosa por ela não ter ido tão longe quanto eu com os rapazes, e que não gostava mais dela por causa disso! Perguntei como ela podia pensar isso quando nos demos aquele abraço tão bom quando a noite terminou, e que ainda me lembrava desse abraço como uma das partes mais claras e mais bonitas da noite toda! Disse que só estava muito confusa, e disse também que metade do tempo eu não sabia se devia ter gostado daquilo tanto quanto gostei, ou se devia estar me sentindo mal.

Donna disse que a única razão de ela ter saído da água foi que não tinha certeza se achava certo fazer aquilo, mesmo que os rapazes fossem tão legais. Depois ela chorou e olhou para mim, de um modo muito estranho, e disse uma coisa que achei realmente esquisita. Disse que outro motivo de ela não ter entrado mais foi por medo, porque eu parecia tão à vontade com tudo aquilo, e ela não sabia o que devia fazer, ou como fazer. Quis saber se aconteceu comigo naturalmente, ou se eu estivera com outro cara e não tinha contado para ela.

Não consegui responder. Não sei se sabia a resposta. O que ela quis dizer com isso? Eu disse, depois de um bom tempo, que me lembrava de estar me sentindo sexy, e muito feliz por eles gostarem de mim e me quererem, mas que metade de tudo, talvez mais, eram coisas que os rapazes faziam e não eu.

Além do mais estávamos bêbadas, e era tão bom fazer coisas que eu imaginara durante tanto tempo... Ela me interrompeu aí e disse que também pensava nos rapazes do mesmo jeito.

Eu perguntei como era, como o que faziam quando ela sonhava com eles, e ela disse que eles a tiravam para dançar, ou olhavam para ela na escola, ou a deixavam andar em seus carros. Disse que imaginava sair com caras mais velhos que a tratavam como uma princesa, e que à noite eles entrariam numa cama bonita e bem grande ao lado dela, e eles conversariam e se beijariam, e de vez em quando fariam amor.

Ela disse que não gostava de ir tão longe porque parecia estragar o resto da fantasia. Sim, pensava em sexo, ela disse. Mas um tipo de sexo que vai muito devagar, como nas novelas água com açúcar. Ela disse que vê a coisa em câmera lenta, ouve a música tocando ao fundo, e eles rolando pelo chão, ela e o cara, muito lentamente, até que tudo desaparece de sua cabeça. Ela disse que esperava que as minhas fantasias fossem tão sexy quanto as dela.

Ah, Diário, foi tudo muito bem até conversarmos sobre isso! Eu tive de dizer que minhas fantasias eram idênticas às dela, e que nós não devíamos ter discutido, e eu sentia muito por tê-la magoado. Que eu devia ter me aberto mais com ela, e que só estava preocupada por ela estar me odiando por ter ido tão longe naquela noite. Ela disse que me achou muito corajosa, e que se me fez bem, então eu devia pensar que fora uma boa coisa. *Mas, e quanto às fantasias dela?* Eu quase morri quando soube que eram tão puras, tão delicadas e tão gentis. Por que ela não pensa as mesmas coisas que eu? Eu esperava tanto que fosse assim... eu dependia disso.

Sei que ela falava a verdade pela maneira como dizia, e como ficou sem graça quando falou sobre aquele cara que ia para a cama com ela. Mal posso acreditar em como ela é pura! Acho que as vezes que fui para a floresta no meio da noite me envenenaram.

Aposto que seria como Donna se eu ainda ficasse brincando entre as árvores, em vez de... o que acontece agora. Mas... eu jamais desejei isso que está acontecendo! Desejava coisas que me fizessem me sentir sexy e brincalhona, coisas que não me obrigassem a fazer todo o trabalho, coisas como o outro tentando me dar prazer, em vez de eu estar sempre me esforçando para tornar todos felizes.

Gostaria que houvesse um lugar onde se pudesse ir e alguém desse as respostas para as perguntas, e dissesse se o que está se fazendo é certo ou errado. Como se espera que eu saiba, quando não posso sequer falar realmente sobre as coisas? Fico falando as mesmas coisas um milhão de vezes. Estou girando em círculos, e é hora de parar.

Donna e eu ainda somos amigas, ainda gosto muito dela, mas as coisas agora são diferentes para mim. Não posso pensar como ela, não posso nem tentar mais. Pensarei no que sinto e tentarei fazer que as pessoas vejam as coisas como eu. Gostaria de um cigarro de maconha agora. Parece que eu não rio há muito, muito tempo.

Obrigada por me ouvir.

Laura

22 de junho de 1986

Querido Diário,

Só vou escrever e não pensar muito, talvez assim eu consiga me lembrar mais. Acabei de acordar; são 4h12 da manhã. Não me lembro como começou, mas ele sempre tem cabelo comprido. Sabe tudo sobre mim e sabe como me amedrontar mais que qualquer dos outros sonhos que já lhe contei.

Primeiro ele começa brincando comigo. Nós nos escondemos por entre as árvores e vamos procurar um ao outro, mas ele sempre me encontra... e eu nunca consigo encontrá-lo. Ele dá um pulo atrás de mim, agarra meus ombros e pergunta como me chamo. Eu digo que é Laura Palmer, e ele me solta, fica rodando em volta de mim e dando risada.

Pensando agora, ele nunca brinca da maneira como deveria. É sempre malvado e me põe medo o tempo todo. Acho que ele gosta quando estou com medo. Eu me sinto assim toda vez que ele vem me buscar. Gosta de me envergonhar puxando a minha calcinha e enfiando o dedo dentro de mim, bem fundo. Quando percebe que está me machucando, ele puxa para fora e cheira a mão. Sempre diz que meu cheiro é ruim. Grita alto para as árvores que eu fedo, que sou suja, e que ele não sabe por que gosta de mim. Diz que se eu não implorasse todas as vezes, ele jamais voltaria.

Eu nunca imploro para ele voltar. Nunca. Gostaria que sumisse daqui. Eu juro.

Quando comecei a ficar mais velha, ele me dizia coisas sobre mim que eu não sabia. Não acho que dissesse a verdade. Acho que estava mentindo e inventando enquanto falava. Ele sempre soube o que me assustava, e exatamente as coisas que devia dizer para me fazer chorar. Depois agarrava meu pescoço... e apertava. Apertava meu pescoço com força até eu parar de chorar. Só soltava quando eu estava desmaiando... acho que desmaiava... às vezes ainda acontece. Tudo começava a escurecer e o corpo a formigar, e minha cabeça girava e eu não podia ver nada, e tinha de parar de chorar ou ele continuava apertando.

Às vezes ele diz: “O que tem aqui embaixo?... O que tem aqui, Laura Palmer?”. Ele sempre diz meu nome inteiro, como se assim se mantivesse longe de mim, mas chegando de todos os outros jeitos. Às vezes eu chegava em casa sangrando. Sangrava e não podia dizer nada a ninguém, e ficava a noite inteira sentada no banheiro, completamente sozinha, esperando que parasse o sangramento. Às vezes ele me cortava entre as pernas, outras dentro da minha

boca. Sempre pequenos cortinhos, centenas deles. No banheiro eu tinha de usar uma lanterna, ou meus pais poderiam acordar e o problema seria muito maior.

Algumas noites ele faz que eu me lambuze de porra. Ele bate uma punheta bem depressa, me manda pegar a porra na mão, fechar os olhos, e recitar este poeminha enquanto lambo a mão até ficar limpa.

Só me lembro de um pedaço. Há muito tempo que isso não acontece. Ele me obriga a dizer:

A putinha está
Terrivelmente triste
A putinha
Engole tudo de uma vez

(Não consigo lembrar mais, só a última linha.)

Nesta semente está realmente a morte.

Ele quer que eu goste disso, quando está comigo. Quer que eu diga que sou suja e que tenho um odor. Que eu devia ser jogada no rio para me limpar.

O tempo todo eu me cuido para me manter limpa. Sempre me lavo entre as pernas, sempre durmo de calcinha limpa, para o caso de ele aparecer. Fico preocupada que ele chegue e eu não esteja de calcinha limpa. Diz que tenho sorte por ele sempre vir e perder tempo comigo. Diz que é o único homem que vai querer me tocar.

Ele aparece na janela e eu o vejo. Vejo-o sempre, e ele está sorrindo como se fôssemos curtir muito juntos. Chego bem perto de pedir socorro aos meus pais, mas tenho medo do que possa acontecer. Não posso deixar que ninguém saiba dele. Se eu continuar a vê-lo, talvez ele se canse de mim e nunca mais volte. Talvez se eu parar de lutar, ele não venha mais me procurar. Se eu não tiver medo. Se eu puder não sentir medo...

Jamais pensei nele dessa maneira antes.

Se Deus existe, espero que ele entenda que estou tentando me manter limpa; isso é um teste pelo qual estou passando, e vou conseguir passar. Aposto que Deus quer que eu prove que sei obedecer, ou talvez que não tenho medo da morte e poder estar com ele. Talvez Bob conheça Deus, e é por isso que sempre sabe o que estou sentindo. Deus deve estar lhe dizendo o que fazer comigo. Deus quer que eu não tenha medo de ser suja. Se eu não tiver medo, ele me levará para o céu.

Espero que sim.

25 de julho de 1986

Querido Diário,

Tenho me esforçado muito para não sentir medo.

Tenho saído com um cara de quem já lhe falei antes. Eu não gostava dele, mas acho que agora é perfeito para mim. Ele me lembra muito aquele cara do retrato na parede do Book House. Veste-se do mesmo jeito, mas não tem moto. Fiz catorze anos. Não deixei que ninguém celebrasse o meu aniversário. Fiz mamãe prometer que não planejaria nada. Disse a ela, um dia antes, na mesa da cozinha, que tinha muito que pensar sobre o que fazer da minha vida. Queria passar o aniversário sozinha. Queria caminhar sozinha, talvez saísse com Troy para um passeio: deixei claro que não pretendia magoá-la, mas que tinha necessidade de passar algum tempo sozinha. Ela reclamou um pouco e ficou perguntando por que eu não fazia isso no dia seguinte. Por fim eu disse que estava meio confusa e só queria voltar para casa à noite com tudo resolvido. Eu não iria muito longe, prometi. Só queria sair. Prometi que no ano que vem e no outro, nos meus esperados dezesseis anos, faríamos uma festa como ela quisesse.

Assim, passei meu aniversário sozinha. Fui para onde costumo ir com Bob. Fui andando, como que num sonho horrível, até ver um pedaço de corda caído atrás do tronco de sua árvore preferida. Senti um arrepio, mas fui em frente. Procurei olhar atentamente para a árvore, tentando descobrir alguma coisa que explicasse por que ele escolhera esse lugar, essa árvore. Não havia nada. Certifiquei-me de que não havia mesmo ninguém por perto antes de fazer o que tinha planejado.

Olhei bem, e quando tive certeza de que estava sozinha, tirei do bolso um baseado. Bobby conseguiu um para mim. Ele queria fumar comigo, mas eu disse que não podia. Fumaríamos depois, talvez. Fumei bem devagar e comecei a pensar em sexo. Em homens, em todo tipo de homem, dentro de mim.

Procurei pensar nas coisas de que Bob gostava. Tirei uma calcinha do bolso e comecei a esfregá-la na árvore. Eu a estava usando antes de sair de casa, por isso sabia que o cheiro ainda era forte... Não tenho mais medo de cheirar mal. Sei que não cheiro. Meu cheiro é igual ao de todas as garotas.

Quando pus a calcinha no nariz e cheirei, imaginei uma garota na minha frente, e onde um homem gostaria de tocá-la. Chego perto. Bob diz que se chama boceta. Eu quero tocar nela, está ouvindo, Bob! Eu a cheiro e digo a mim mesma que não tenho medo. Repeti isso muitas vezes, enquanto fumava e pensava em

todos os jeitos que eu poderia pegar em Bobby. Em coisas que eu queria que ele fizesse. Pensei em todas as maneiras de fazer com que Bob viesse. Acho que ele estava lá, mas escondido.

Então fiquei completamente chapada, sozinha, e me joguei no chão, rolando sobre as folhas e as agulhas de pinheiros, e olhei lá em cima a grande árvore. Queria que a árvore me visse, memorizasse o rosto da nova garotinha que estava ali deitada. A antiga não estava mais. Tinha ido embora. Eu só usava a voz dela, às vezes; é tão mais fácil conseguir o que quero quando falo docemente, como uma menininha. Tirei a roupa e comecei a tocar meus seios, lamber os dedos e esfregar os bicos com eles molhados. Circulava-os como os garotos fazem com a língua. Soltava sons quando era gostoso. Gritei quando os belisquei com força e os deixei vermelhos.

O vento começou a soprar, e eu o sentia sobre meus seios nus; lembro-me de ter dito: "Oh, seja o que isso for, eu gosto... Sim... Gosto muito...". Comecei a sentir uma pequena umidade dentro da calcinha... então me despi completamente e gritei bem alto para Bob enquanto esfregava meu botãozinho secreto. "Bob... Bobby. Laura tem um docinho gostoso aqui para você... Gostoso, limpo e... hummmmm... Acho que o gosto dele também é bom... Vem, Bob... sai daí e vem brincar..." O vento aumentou, mas Bob não apareceu.

Tive um orgasmo como nunca me acontecera antes. Meu corpo não parava, e eu me agarrava à árvore, arrancava pedaços da casca, agarrava outra vez, raspava com as unhas... e então foi parando. A maconha e meu espetáculo para as árvores me fizeram tão bem que quase peguei no sono ali, nua. Mas eu não podia fazer isso. Eu tinha vencido esta. Ele não tinha aparecido. Dia ou noite, não conta. Mostrei a ele que não tenho medo. Me masturbei sob a árvore dele. Eu o chamei e o fiz de bobo. Vou passar nesse teste... você vai ver. Se Bob quer sujeira, tudo que preciso é de um pouco de tempo. *Posso ser a garota má que ele tanto quer.*

Saindo da floresta, quase morri de susto quando uma coruja passou voando na minha frente, vinda não sei de onde. Pude sentir o poder de suas asas batendo perto de mim. Pensei na Senhora do Tronco. Em algo que ela dissera:

"Muitas coisas não são o que parecem".

Em geral tudo isso me assustava. Este lugar, o mais leve pensamento de me masturbar, e me excitar, tudo me assustava. Não assusta mais. Não, esse lugar onde estive não é o que parecia. Sei agora que é um lugar de trevas, mas eu gosto dele. *Seja bem-vindo!* Não vou mais resistir, mesmo quando ele escorrega para dentro de mim e me machuca. Encontrei luz e prazer dentro desse horror. Meu plano ainda não se completou.

Voltarei, Bob. Voltarei para me abrir e fechar como você jamais pensou que eu faria. Voltarei.

Laura

3 de agosto de 1986

Querido Diário,

Só para completar, passei o resto do dia com Troy nos estábulos. Estar com ele me relaxa, e voltei para casa nessa tarde me sentindo forte, completamente nova por dentro. Não me perturbei pensando que fui má, ou errada, por ter feito o que fiz. Eu tinha decidido parar de ser machucada e judiada por aquele homem. Um homem do qual eu só sei o primeiro nome. Não sei onde mora, de onde vem. Mas vou fazê-lo voltar. Não há prazer num jogo de tortura se a vítima para de sofrer.

Isso foi há mais ou menos duas semanas... não, talvez uma. Me concentrei muito depois disso. É bom sair com Bobby Briggs. Ele sempre está onde eu quero que esteja, com qualquer coisa que eu quero que ele traga. Ontem resolvi que ele já esperou muito tempo para ficar comigo do jeito que ele quer. Eu, também, já me cansei de só ficar no malho e voltar para casa com a sensação de que tem uma rolha enfiada dentro de mim, impedindo o que eu tanto quero que aconteça. Mas quero que ele me veja como a garotinha de catorze anos que acha que sou...

Papai e mamãe saíram a tarde toda, e eu avisei que também estaria fora, mas que queria ajudar no jantar, por isso estaria em casa por volta das seis e meia. O rosto de mamãe brilhou ao ouvir isso. Eu tinha de manter meus pais felizes. Tinha de continuar gostando deles, como esperavam que sua garotinha gostasse. Tinha de suportar o que não escolhera, mas que simplesmente me fora dado. Duas vidas. *Duas vidas muito diferentes.*

A sapeca da Laura tinha um encontro com Bobby Briggs em Low Town. Ele disse que conhecia um celeiro abandonado onde ninguém nos encontraria. Gostei da ideia de poder tê-lo só para mim em um lugar onde eu pudesse deixá-lo louco. Fiquei nervosa, um pouco, porque saquei que ele não era o Bob que eu tanto odiava, mas o Bobby que paquerava a risonha Laura Palmer e perguntava se ela queria ser dele. Não importa, eu faria o que ele precisasse. Sabia que ele estava ciente de que eu nunca transara com outro cara... sabia que seria diferente com alguém que tivesse cuidado... sabia que ele me faria voltar aos meus treze anos, quando aprendi a gostar da mão de um homem, à noite em um rio, e chorei porque ele se fora tão depressa. Não podia me deixar levar por isso. Sabia que tinha de ser forte. Podia fazer que Bob me observasse agora... a qualquer momento. Não podia me apaixonar... certamente não de um modo declarado.

Bobby era bonito, e eu diria que ele estava nervoso porque não conseguia

pronunciar bem as palavras, e o cobertor que ele trouxera na garupa da bicicleta insistentemente não ficava estendido do jeito que ele queria.

Isso o deixou nervoso, porque eu equilibrava uma garrafa de vodca, uma pequena para os dois, e um baseado (já fumado) entre os dedos, e já não estava tão firme quanto gostaria, e acabei caindo de joelhos para evitar que algo se quebrasse.

Ele ficou muito mal, mas dei um jeito de ele se sentir mais um herói do que um estúpido. Ele não era nem um nem outro, mas deixei ele me erguer do chão e me apoiar em seu braço. A única coisa que eu pensava era em tomar um drinque e fumar um pouco para poder relaxar. As coisas ficam muito mais fáceis quando me sinto solta e confiante. Uma das razões de eu gostar de Bobby é que ele consegue maconha sempre que peço... tem um amigo que nos compra álcool, sempre que eu quero. Gosto disso, dessa espécie de devoção. Gosto do jeito como ele se move, em minúsculas ondas, quando me debruço sobre ele e digo: “Estou a fim, mas vamos com calma”. De seu sorriso imediato e de sua prontidão quando assumo o comando.

Afinal pela primeira vez eu estava começando uma experiência sexual com interesse e afeição. Um pouco de controle sobre mim mesma. Sabia que ele tomaria as iniciativas quando eu deixasse. Mas, por ora, se era para ele continuar a me oferecer pequenos prazeres, queria que sentisse que era algo muito valioso... que ele não escolhera um peixe morto, como prometi jamais ser.

Uma hora depois, após me divertir com os lábios dele, e de vez em quando alimentá-lo com maconha, ou vodca, eu estava pronta, e disse a ele para se deitar e imaginar o que quisesse. Disse-lhe para construir um sonho em sua cabeça e deixar a imaginação me seguir. Era só para ele, nós dois sabíamos disso. Eu o pus, rígido, em minha boca, e tinha na cabeça a imagem das mãos de Bob fazendo nele mesmo... quando ele me fez segurá-lo com a mão... e então estava de volta ao celeiro. Diminuí a velocidade, encontrei o ritmo que ele gostava, e, mantendo a língua sempre em movimento, eu subia e descia a boca em volta dele, seguindo os barulhos que ele fazia, os gemidos... ouvindo com delicadeza, certificando-me de que o mantinha onde ele queria estar. Dessa vez não se tratava de atiçá-lo para ter ou não prazer. Ele gozou do jeito que imagino que os homens gozam.... subitamente, depois de uma longa escalada interior, e sentou-se ereto, com um olhar de assombro e admiração... de gratificação. Um sorriso.

A hora seguinte nós passamos tão grudados um no outro, até acontecer de ele escorregar para dentro. Abri os olhos e o vi fechar os dele. Forcei a memória de querer isso... para longe de mim. Sentindo-me assim teria sido muito fácil, mas ao mesmo tempo eu não podia tornar-me fraca.

Nós nos movíamos juntos, e descobri que era cada vez mais fácil manejar, mais fácil de realmente curtir, com meus olhos fechados. Podia me mover junto

com ele, rolar e ficar por cima, pôr a mão dele onde eu gostava de senti-la. Ele me fez tão bem, sem dizer uma palavra. Queria que ele soubesse como foi maravilhosamente bom, trancado dentro de mim, sem nunca querer sair, só querendo mais e mais! Nós rolávamos, puxávamos e empurrávamos um ao outro, e nos separamos horas mais tarde, quando era impossível continuar.

Senti-me verdadeiramente satisfeita, como se anos de busca e de um vaivém emocional tivessem terminado. A barra de aço que me mantinha pendurada era *flexível,* transformava-se em carne e se desfazia. A tensão e a ansiedade há tanto tempo sentidas, sobre como seria quando alguém me quisesse realmente. Não porque quisessem me ver chorar ou morrer lentamente de uma tristeza inominável. Qualquer um que se importasse com meus sentimentos ia querer ter certeza de que foi muito bom. Eu me sentia como devia ser, como se sentem todas as garotas... mas não podia me esquecer que existiam outros mundos para se pensar. Outros momentos. Rudes despertares às horas mais tardias da noite. Um homem à minha janela, sorrindo... oferecendo um desafio e abanando uma luva preta. Ali deitada, eu me perguntava se ele viria logo, ou se por uma simples decisão minha ele não me assustaria mais, estaria de certa forma eliminado.

Eu não podia confiar nesse tipo de sonho. E de repente me vi diante de um terrível problema. Um terrível e triste problema que eu teria de enfrentar sem a emoção que eu também queria proporcionar! Da boca de Bobby saíram, lentamente, pequenas palavras de amor, e depois confissões. Logo em seguida, promessas de fidelidade e felicidade eterna.

Laura, Laura, não ouça nada disso. Só fique observando ele mover os lábios, disse a mim mesma, só isso. Mas Bobby falava sério. Era, afinal, o cara que havia anos me admirava, que puxava meu rabo de cavalo o tempo todo que usei um, e logo depois fazia questão de cruzar comigo pelo menos uma vez por dia, ou atrair meu olhar na classe. E sorria, como se tivesse sido um olhar inesperado.

Sei que tinha planejado tudo isso. Mas a Laura que correspondia ao amor dele, a jovem que tanto queria que ele a procurasse na hora certa, não podia sair para brincar. Ela estava lá dentro, descansando. Bem lá dentro, embalada pela metade mais corajosa. Aquela que deseja ver Bobby satisfeito sim, mas além disso não tem nenhum outro interesse. Não há força nele... não há desafio. Vou mantê-lo comigo, vou cuidar dele para ela, até que ela possa voltar com segurança. Mas essas palavras de amor são reais demais, inocentes demais. E esse cara, tão jovem, é um mero mensageiro para a Laura que está vivendo aqui e agora.

Fui obrigada a cometer uma crueldade. Algo que o fez, talvez, repensar tudo o que sentia por Laura. Era preciso que ele a visse como algo que jamais pensara existir. Eu tinha de rir dele. Muito. Rir até que seus olhos perdessem o brilho. Tinha de acabar com ele, não podia permitir que ele se tornasse tão atraente à

mesma Laura que Bob queria. Aquela que, tenho certeza, ele está esperando. Para salvar a mim mesma, tive de rir na cara de um garoto que talvez nunca mais consiga ser sincero novamente.

Eu tive de fazê-lo! Por que dói tanto me proteger? Onde estava esse amor quando eu implorava de joelhos por ele? Merda! Sei que o magoei... espero que um dia ele entenda por quê. Nunca quis acabar com alguém do modo como acabaram comigo. Se tivesse sido eu a causa desse riso, não sei se conseguiria me manter em pé novamente — jamais me aproximaria de alguém nem mesmo para cumprimentar, porque essa risada ainda estaria soando em meus ouvidos.

Novamente estou envergonhada e confusa com as coisas que acontecem comigo. Seria um truque de Bob? Outro teste? Arruinando minha chance de amar o cara certo, forçando-me a humilhá-lo, o jeito como tenho sido, e agora fria e amarga por causa dessas cicatrizes?... Será que Bobby vai se recuperar e ver que não tive essa intenção? Ou será que fui obrigada a estragar um romance ao qual deveria proteger pelo menos durante o dia?

O que a vida quer de mim? O que foi que eu fiz, e o que vou fazer agora? Só quero parar essa dor, e não eu mesma começar a espalhá-la.

Estou pensando... pensando.

Tudo o que tinha de ser feito foi feito. Se isso foi algo que Bob fez, então ele só terá uma vitória surpreendente se eu não mostrar nenhum lamento... nenhum... *remorso*. Não importa. Preciso acreditar que Bobby voltará, balançando o rabinho. Se não voltar, é só assobiar que ele responde. Deixe que o cara mereça minha atenção fora da luxúria do celeiro, fora dos beijos que só dou quando estou a fim, não só porque estou a fim. Vou me tornar uma profissional em não sentir absolutamente nada.

Vou descobrir o jeito de fazer isso. A metade do tempo nem mesmo acredito que o que estou vivendo é real. Estou perdida. Perdida. Mas uma Laura mais forte, mais manipuladora, está levantando a cabeça e se abrindo para os perigos e os jogos que só acontecem no escuro.

Quando eu descobrir quem ele é, vou dizer a todo mundo!

A uma Nova Força, Laura

3 de agosto de 1986

Querido Diário,

Passa um pouco das dez horas da noite do desastre com Bobby Briggs. Fiquei surpresa que ele tenha telefonado há uns quinze minutos, e... de certa forma, numa enxurrada de palavras que me soaram mais ensaiadas que de coração, ele se desculpou por ter sido tão precipitado em fazer aquelas juras de amor, quando, talvez, eu não achasse isso atraente num homem. Que talvez eu preferisse alguém que tivesse de ser um pouco amaciado, antes de tudo começar a sair... Falou também que tudo o que disse era sério, mas não estava certo ter dito tão depressa.

Aquilo me soou como se todas as palavras tivessem sido tiradas, uma a uma, de um dicionário, e naquele momento a única coisa que eu queria era estar morta. Lá estava ele dizendo coisas que eu, e tenho certeza de que todas as garotas, mesmo fora de Peaks, sonho em ouvir um cara dizer. Ele escolhera as palavras cuidadosamente, tentando provar que ainda estava, horas depois do orgasmo, apaixonado. Outro milagre... e o que faço eu? Sou obrigada a ficar em silêncio ao telefone, a sufocar as palavras de amor vindas de meu próprio coração, simplesmente por medo de que isso faça parte de um grande esquema para me levar, sem os breques numa pista de alta velocidade, à estrada da insanidade.

Fui pega numa armadilha dentro de uma parte de mim que odeio. Uma parte dura e masculina de mim mesma que vem à tona para lutar, quando pequenas memórias e cicatrizes brotam de mim com uma rapidez que é ao mesmo tempo sensata e pavorosa — e luto para salvar a Laura que gostaria de voltar a ser. Aquela que todos pensam que ainda está por aí. Eu, num vestido de verão, cabelo ao vento, e um sorriso gravado na face pelo medo penetrante de que um homem venha me visitar a qualquer momento da noite e queira me matar.

L

4 de agosto de 1986
3h30 da madrugada

Querido Diário,

Ocorreu-me agora que decidi topar. Depois de repetir isso a mim mesma parece que há anos, finalmente tenho a sensação de que resolvi juntar-me a ele com o único propósito de combater. Unir-me à escuridão, e talvez contar com o pouquinho de luz que ainda existe dentro de mim, e usá-la como a força que deveria ter sido sempre.

Ah, os encantos da vida! Esse momento especial em que uma mão se ergue, seja de uma forma visível ou verbal, para gritar “Pare, ela está morrendo!”. Essa criança está morrendo sem uma personalidade firme que todo mundo parece combater, como se fosse uma inconveniência.

Procurei com muito cuidado e encontrei um espaço dentro de mim que diz que talvez seja tarde demais, que os meus olhos não são os de uma menina de quinze anos, mas de alguém que tem medo de olhar à sua volta e questionar as coisas mais simples. Minha cabeça, continua, não é a de uma jovem que imagina a vida como um monte de suéteres quentes enquanto a fria sedução passa ao largo.

Conforta-me saber que a cabeça com a qual vivo pertence a alguém que conhece muito a vida, e como ela quase sempre termina sem aviso. Como ela nos distribui bofetadas, nos desafia a sonhar quando na verdade não serve para nada. Como dá um jeito de não considerar que existe um plano traçado no planeta para mim. Essa cabeça sabe.

Da realidade de que não existe escolha em momento algum, porque antes de você chegar a abrir os olhos para ver a luz pela primeira vez, alguém de um grande e sub-reptício mal já escolheu você. Gira uma garrafa e ri diante do poder, num simples jogo de seleção.

Laura

6 de agosto de 1986
4h47 da madrugada

Querido Diário,

Não posso me permitir dormir porque quero ver Bob quando ele entrar pela minha janela. Preciso estar pronta.

Tenho pensado muito sobre a minha vida. Estou envelhecendo sem que eu própria tenha dado permissão. Acredito que, quando ele vier me buscar, ou eu sairei de casa e voltarei ferida, mas satisfeita com a morte brutal de um inimigo, ou nunca mais voltarei. E na morte admitida silenciosamente eu nada saberei da força de meu inimigo nem de seus desejos.

No momento estou meio insensível, meio em carne viva. Uma garota que ainda consegue se levantar todas as manhãs e sair de um lugar que depois vão ter de me lembrar que eu chamava de minha casa. Como se nada fosse mais importante que o rastro de sangue atrás de mim.

Não duvido que Bob esteja ciente de todos os meus movimentos. Que esse horror que chama a si próprio de homem se levante quando o sol brilha ou talvez se encolha nas profundezas. Não importa. Ele me observa com olhos que me cavam por dentro, vendo cada pontinha de dúvida, sentindo cada palpitação de meu coração quando passa um rapaz, cada abraço de uma mãe que nem imagina a que distância está o quarto de sua filha.

Tento todos os dias memorizar o rosto que me olha do espelho. Procuro não esquecê-lo. Imagino que estarei nas nuvens quando compará-lo aos restos mortais que, tomara, logo serão encontrados.

Sinto tanta raiva e uma necessidade de atacar o céu, de chamar o vento de mentiroso por nunca querer se mostrar. Uma necessidade de gritar aos dois que permitiram meu nascimento. Gritos de socorro a qualquer um que os ouvir. Gritar nas ruas que existe uma ausência de milagres na própria Mãe Natureza. *Sua divindade é mentira.*

Repetidamente tenho sido levada a uma floresta cheia de árvores. Ali tem lugar uma operação de natureza estranha e indescritível. Sangra. Essa Mãe Natureza nada tem feito contra esse mal, não abriu suas matas para deixar que um grito escape. Em vez disso, ela protege esse homem e o impede de ser descoberto, a salvo da luz do dia. Ele sabe que o planeta não vai traí-lo. Essa luz virá, e ficará, saindo apenas para voltar na hora marcada. Ele conta com isso. Com os hábitos do universo, cumprindo convenientemente doze horas fixas nos

dois extremos.

A sua hora é a noite, durante a qual a salvação é menos possível, e quando a maioria das mais puras esperanças e lembranças, os sonhos mais queridos, estão profundamente adormecidos. Seus olhos movem-se rápidos sob os cílios. *Sem ver nada*.

Jamais há um ruído que atrapalhe mesmo aqueles que dormem no quarto ao lado. Jamais o mundo se volta um pouco para mim, faz um olho se abrir... Ver o homem... ver o modo como seus olhos congelam a imagem de meu rosto num grito. Não se explica por que ele me escolheu, ou se pelo menos tem algum plano.

Eu só posso esperar. Manter abertos os meus olhos cansados com a energia do desafio. Uma batalha para ver quem é, de fato, o mais escuro. Quem, quando for obrigado a ver o outro lado, realmente sobreviverá?

Espero sentada a sua chegada, mantendo-me acordada com a certeza de que posso me acostumar muito mais facilmente à escuridão do que ele à luz.

Laura

10 de setembro de 1986

Querido Diário,

Fechadas se encontram minha cabeça e suas lembranças. Convenientemente falta ao inimigo uma característica — consciência. “Culpa” é só uma palavra que ele usa para me calar. Ele nem liga para a mortalidade e muito menos para o perigo.

Como poderia esse intruso temer a morte, ou a possibilidade de um encarceramento, e conseguir ainda vir até minha casa com tanta frequência, e usar minha janela como se lhe fosse muito familiar?

Ele zomba de mim, entrando com ares de amigo. Como se fosse um vizinho. Um vendedor ambulante que casualmente se convida a entrar, chega ao ponto de pedir um café, muito educado, antes de se dissolver na fantasia que às vezes é.

Será que ele espera se sentar e bater um papo, antes de tirar de seu quarto a única criança da casa, para tratá-la como um experimento?

Ou eu sonho com ele para viver e devagar estou me matando, ou ele avisou meus pais de suas visitas e ofereceu, em troca da segurança deles, que elas continuem sem possibilidade de interrupção. Eles simplesmente não sabem de nada. Uma carta anônima, em algum lugar da casa. Imagino que eles me ouvem quando sou levada para fora. É possível que não se importem?

L

11 de setembro de 1986
2h20 da madrugada

Querido Diário,

Nem posso lhe dizer quanto me chateia não ser uma ameaça para ele.

Ele está muito seguro com a certeza de que sempre pode entrar na minha casa e sair impunemente, sem nenhum ruído. No escuro, ele sabe que vai conseguir agarrar meu braço com força bastante para me calar, e me levar, como uma criança arrasta sua boneca, a um lugar onde ninguém me encontrará. Ele sabe disso porque esse lugar está a quilômetros de qualquer outra fonte de luz além daquela que emana de vez em quando, isso é tão claro em minha memória, de seus lábios e dos olhos — a luz que é roubada de dentro de mim. A garota que, desde que pode se lembrar, esforça-se pacientemente para tolerar, para manter segredo sobre o próprio homem que quer roubar sua inocência, não permitindo jamais que ela amadureça, não lhe permitindo jamais os prazeres da maturidade. A fase com a qual essa garotinha tem sonhado desde que aprendeu a pular, a correr, a sorrir até para a mais suave brisa, o jeito como essa brisa a acaricia. Generosamente ela vem se dando sempre, esvaziando o delicado cesto que há dentro dela, de sua alma.

Espero poder chamá-lo logo à minha janela. Tenho medo de que ele esteja esperando por mim, cansado demais dessas noites inteiras que passo escrevendo em você. Esses momentos em que fluo para dentro e para fora de uma parte de mim que planeja abrir a janela dessa vez e estender minha mão ansiosamente. A parte de mim que duvida que algo realmente exista e que de agora em diante não há mais nada a temer para lá dessa janela, e por isso estou querendo me aventurar no lugar de sempre, sem luta. Eu que juro que um ruído ou um poderoso tapa na cabeça não causará sequer a menor alteração nos passos. A parte de mim que tem ensaiado pedidos de muito mais incisões, mais inserções, mais insultos e ameaças, e planejou continuar com isso até que o apetite dele, antes insaciável, comece a diminuir. O animal petrificado diante do cano de sua arma, implorando para preencher o espaço vazio em sua parede de troféus.

Elimine a excitação. Programe-se. Haverá dor, mas nada pior do que já foi. Agarre-se à imagem de seu lar e de sua cama, e do cheiro gostoso dele quando você lava, lava, lava. Sua casa espera por você como sempre o fez.

Brinque com ele como ele brinca com você. Aceite que é suja, má e barata e deve ser atirada aos lobos como carniça, e jamais poderá ter filhos, porque

quem sabe quais seriam suas características ocultas desde o nascimento até a morte... Não se esqueça de ignorar. Deixe um espaço interior bastante amplo para receber o peso do corpo dele com todo o ódio e métodos de redução que apenas se aplicam às porções emocionais de cada um, as mais vitais e insubstituíveis de todas.

Acredite que ele só está intrigado com o medo que ele provoca, com a falta de interesse que você demonstra pela vida quando ele a deixa novamente sozinha em seu quarto. O modo como ele finge tocar a campainha, caçoar de você, da sua vida, das suas esperanças, das suas inseguranças mais íntimas; ele observa enquanto você luta contra a sensação de que não vale nada, de que é indigna de entrar na casa onde você deu seus primeiros passos, como se ele estivesse observando você reter uma lágrima antes de ela sair de seus olhos — *olha para ele e já não o vê mais ali.*

Como se fosse uma religião, eu entoei inspirações a mim mesma, porque há dias venho implorando, insultando e quase querendo que ele venha, e ele não vem. Sinto uma terrível dor de cabeça ao tentar pensar em suas fraquezas, quando, de fato, eu não poderia começar a conhecê-las. Talvez eu também esteja errada a respeito do tesão que ele sente só pelo medo dessa sua determinada vítima... Preciso dizer sinceramente, estou cansada de tentar entender esta situação, e acredito que, se eu não dormir logo, vou começar a ver Bob em todo lugar. Isso, devo dizer, não seria bom para mim agora.

Estou sozinha aqui, e me vejo pensando em Bobby, que me envolveria em seus braços de um modo que não posso imaginar mais ninguém fazendo.

Tenha cuidado, Laura

1º de outubro de 1986

Querido Diário,

Desculpe por não ter escrito, mas muita coisa aconteceu. Hoje, quando comecei a tirar a roupa para dormir, Bobby Briggs apareceu na janela. Foi uma visão muito bonita, que me balançou. Ele disse que tinha uma festa que não podíamos perder, no fim de Sparkwood. Um amigo dele, Leo — acho que já ouvi alguma coisa sobre ele, alguma fofoca —, está dando a festa. Eu o preveni, a única coisa que eu pensava era em ficar abraçada com ele, e confessei que andava dormindo muito pouco para ser sociável.

Ele garantiu que não haveria problema quanto a esse departamento de me manter acordada, porque ele tinha uma coisa para eu experimentar que às vezes impede completamente a necessidade de dormir.

Eu já estou do lado de fora da janela, Diário. Shhhhh!

Vou lhe contar tudo quando voltar. Estou escondendo você... cuidado com Bob... Às vezes ele se atrasa.

Laura

P.S.: Acaba de me ocorrer que o nome de Bob é em si mesmo um aviso...

b. Beware
o. of
b. Bob[1]

3 de outubro de 1986

Querido Diário,

Não sei por onde começo! Voltei para casa na manhã seguinte, sem nenhum problema com os cães de guarda, mamãe e papai. Eu já estava no meio do caminho quando me dei conta de que seguíamos em direção a uma parte da cidade cheia de gente pelo menos seis ou dez anos mais velha do que eu... e eu achava que voltaria antes do sol nascer? Nunca! Sem mencionar que Bobby tinha um tipo de "acelerador" para mim, em algum lugar... pelo menos achei que fosse essa a situação até chegarmos na casa de Leo... Sou culpada pela declaração incompleta do ano em relação a ele.

Mas, seja como for, quero antes me gabar um pouco da confusa trama que eu mesma armei, sem que nenhum fiozinho ficasse fora de lugar ou tenha sido questionado, quando cheguei em casa por volta das seis horas da manhã do dia seguinte! Preciso dizer que agora eu já tinha passado para uma dimensão de intensa falta de sono? Três dias e quatro noites... e considerando o presente que ganhei como um prêmio de iniciação quando saí, eu poderia ficar acordada até o mês que vem, perdendo de um modo indolor um quilo atrás do outro... (cinco ou seis desde o último dia que dormi). Descobri que qualquer que seja a droga, se houver alguma, que tenho dentro de mim, quanto menos durmo, menos como.

O bilhete era simples e ia direto ao ponto. Pule essa parte se ela lhe aborrece, mas acho que ganhei uma certa satisfação e prazer por jogar areia nos olhos da "rapaziada" (como diz Bobby).

> *Mãe são cinco horas da manhã e estou tentando insistentemente voltar a dormir. Depois de quase duas longas horas de tentativas inúteis, me lembrei de repente da clareira na qual estive à tarde com Troy. Ele gostou de pastar por lá, e acho que um cobertor e um livro são o que necessito para a distância que eu acho que preciso sentir.*
>
> *Não de você, mãe! Posso ver você tomando isso pessoalmente, mas não. O que eu quero é ficar longe das pessoas. Passar algumas horas com meu pônei, Troy, e talvez conversar um pouco com Nancy Drew ou qualquer coisa assim. Por favor, não se preocupe. Telefonarei antes das seis horas se ainda não tiver chegado.*

Amor, Laura

Passei a noite na festa mais ultrajante que já tive notícia, e mamãe ficou lá sentada, imaginando-me envolvida pelas palavras de um bom livro e enrolada em um cobertor sobre a grama. Terei de dar um jeito de Troy sair para um passeio à noite... de alguma maneira... merda! Não tinha pensado nele até agora... Espero que Zippy não telefone para saber se deve sair com Troy... saco. Voltarei logo. Vou telefonar já para os estábulos.

Bom! Bobby pediu a caminhonete do tio para sairmos à noite, e enquanto estávamos na 21 não corríamos o risco de ser pegos... Bobby sem carteira de motorista, eu sem dormir, e uma imensa mentira, no meu caderno, a meus pais... Dá para imaginar?

Nós fomos, e a música tocava surpreendentemente alta e clara pela idade da caminhonete... isso me fez sentir que tudo daria certo. O vento soprando nas árvores, a velocidade da caminhonete, a música, meus nervos quando comecei a tirar o vestido que ganhei de aniversário, presente da prima Maddy, que chegou pelo correio. Não lhe contei que falei com ela durante quase uma hora, na semana passada? Bem, é um vestido lindo de morrer, grudado no corpo, e já vem com um sutiã próprio que permite, se a gente quiser, erguer mais os seios ao invés de deixá-los amassados como acontece com algumas roupas. Bobby quase nos matou, quando não viu uma árvore a poucos metros de distância. Ele disse que não se importaria de morrer "com meus olhos presos nuns peitinhos tão lindos como os seus". Isso não parece letra de música country ou qualquer coisa do gênero... presos nuns peitinhos tão lindos como os seus...?

Bobby me puxou para o lado do carro antes de entrarmos na casa. Ele me beijou e disse que era importante eu saber que Leo era um cara legal, divertido, que conseguia se manter num papo. Depois balançou a cabeça em um drástico "N.Ã.O.". Eu quis saber que diabo aquilo queria dizer, isto é, e se eu fizesse o que ele dizia para N.Ã.O. fazer? Bobby virou-se quando já estávamos entrando na casa e disse: "Hoje isso não importa. Tenho certeza de que você vai ficar ligada em mim... só não transe com o cara. Ele pratica um tipo de merda muito estranha, esse cara, o Leo...". Eu só olhei, e de repente estava inequivocamente intrigada com a frase "merda muito estranha" e seu contexto sexual. Bobby foi pegar uma cerveja para mim, acho, e Leo se aproximou. Merda... ali estava, bem na frente.

Nós dois sabíamos, e ele disse: "Laura Palmer... como vai? A última vez que vi você, o velho Dwayne Milford estava lhe dando uma placa ou algo assim... algum prêmio que você ganhou...?". Eu o interrompi:

"O Melhor Desempenho/Cinco Anos Consecutivos".

Ele perguntou se tinha uma prova de qualidade de desempenho, e eu garanti que provas havia em abundância, mas eu estava quase dormindo e morrendo de

sede ao mesmo tempo. Ele chamou Bobby, pelo que fiquei muito agradecida, que me via entrando em um quarto, depois de ter me avisado e tudo.

(Aguenta aí, vou esticar umas duas carreiras... estou baixando a fim de lhe contar uma coisa incrível — aguenta aí.) Então eu estava nesse quarto com Leo e com Bobby, e já íamos começar a cheirar quando a porta de um banheiro se abriu. Um banheiro no quarto... e Ronnette Pulaski saiu dele, parecendo que tinha desistido de comer um monte de porcaria e começara a cuidar muito bem do que entrava em seu corpo, menos pelo nariz. Ela estava um tanto alta, e só pelo jeito de Leo balançar a cabeça e dizer um rápido "Oi", vi que aquilo acontecia com frequência.

Quer saber uma coisa louca? Não tinha ficado claro para mim até agora, mas quando fui para o lugar que Bob me leva... e eu estava dizendo que às vezes cheiro minha calcinha e quero pôr o rosto entre as pernas de uma garota e provar a... *(Céus, às vezes é tão fácil dizer, outras não consigo.)* Bem, na verdade eu tinha acabado de pensar em Ronnette, só porque ela foi a única garota além de Donna que já vi sem roupa... nós estivemos juntas num acampamento há uns dois anos, talvez mais, e trocamos de roupa... e sorrimos uma para a outra... acho que me senti de certa forma atraída por ela... pelo jeito como seus olhos me pareceram tristes, mas frios. Eu gostei do corpo dela... bem, foi estranho encontrá-la ali. Nem imagino o que ela pensa de mim... duvido que seja bom perguntar. Imagine se agora eu preciso de fofocas sobre mim e Ronnette, que estamos nos "vendo" em todas as oportunidades que temos. Mamãe iria parar no dr. Hayward, quem sabe no hospital, e papai certamente preferiria pensar que estamos nos vendo para conversar sobre um novo jogo... uma variação de "chutar a lata", talvez? Quem se importa com isso!!!

Nossa, estou no maior barato, parece que estou escrevendo mil palavras em um minuto. Espero, para o seu próprio bem, que esteja legível, porque, só Deus sabe, não estou em condições de ir mais devagar. Essa é a droga que esperei toda a minha vida! Sinto-me confiante, forte, sexy, inteligente e superlegal, tenho que dizer, e ninguém nessa noite mencionou minha idade. Posso me segurar numa boa... deu para sentir a vibração quando entramos.

Bobby tinha razão: ia ser uma daquelas superfestas. Uma coisa muito doida estava acontecendo num canto qualquer. Leo olhava na maior concentração, e então Bobby e eu fomos ver o que era.

Cara, lá estava aquela gata, deitada com a saia erguida, e apostando que ninguém ia conseguir fazê-la gozar... e, se conseguissem, só se fossem uns cem dos maiores. Ela pedia cinco para começar.

Lembre-se de que eu estava naquela festa havia um bom tempo, e já estava para lá de louca, a um só tempo sedada e incrivelmente ligada... Olhei para todo mundo em volta, e devia estar tudo ali na minha cara, porque Bobby me puxou pelo braço mas eu disse que queria tentar, se ele não se incomodasse, mas ele só

me olhou como se eu não fosse desistir da ideia de jeito nenhum... então... acho que ele nunca pensou que eu já tivesse ao menos considerado uma coisa daquelas...

Perguntei se podia falar particularmente no ouvido dela... antes de me decidir, e ela disse que adorava minha voz tão perto... então me inclinei e disse que ia fazê-la se sentir muito bem... Que mais de cem paus já estavam rolando nas apostas...

Olhei por um momento para cima e perguntei se ela estava relaxada. Ela disse que tinha a estranha sensação de que eu sabia o que ia acontecer... Fiz ela se ajeitar no sofá e a beijei. Só um beijinho de leve nos lábios...

Antes de eu chegar a tocá-la, ela quis que eu soubesse como se chamava... eu disse que a chamaria do que ela precisasse ouvir. Eu estava começando a sentir tesão, o que não pensava que fosse acontecer... mas ajudou... porque os sentimentos trabalharam juntos... e pegou fogo.

Eu a abri e disse que ela era bonita, sabia? Ela fez que sim com a cabeça. Eu disse que não tinha ouvido... Ela disse sim em voz alta! Eu ri. “Sim, o quê?”, perguntei. “Não ouvi nada...”

Ela respirou fundo e enfiou os dedos na boca, e os caras atrás começaram com um “Ééé...”.

Alguém derrubou um copo e disse: “Cara, essa mina tá conseguindo fazer a coisa... a outra tá até pedindo, cara...”.

Eu sabia que ela queria falar alguma coisa... sabia que ia pedir, gritar... ela queria ouvir aquilo... para que os caras que estavam lá ouvissem também. Eu disse que estava todo mundo olhando. Disse que eles podiam sentir e provar com os olhos... alguns mexiam os dedos para deixar as mãos quentes. Eu sabia que era para ela, eu só tinha de mantê-la protegida... ela queria que eu fosse má, e eu disse que ela era bonita. Buum! Ela estava agarrada em mim... puxando meu cabelo... chamando: “Laura, Laura... Ai, o que você me faz sentir...!”.

Um cara grandão tentava abrir caminho por entre os outros para chegar mais perto, e eu pedi a ele que esperasse um pouco... o estado dele não era dos melhores, mas conseguiu ver que a garota precisava desesperadamente de um minuto só para ela.

Ela me puxou pelo cabelo e disse: “Não consigo fazer isso há dois anos... gostaria de ver você outra vez, se é que não tem medo”.

Saquei que não era hora de mencionar que eu estava baixando, talvez pela dose excessiva de beijos açucarados... Esse cara avançou até mim e me olhou bem nos olhos.

“Gatinha.” Ele esperou. “Eu tinha de ver você de perto, sua pele e tudo mais.” Ele riu. “Nunca vi tantos caras só ficarem olhando para ela como se fosse nada e só querendo ser você.”

Eu disse que ficava contente que ele tivesse gostado... só não queria ter

interrompido a festa... era chato ter feito isso... acho que estava meio fora de sintonia... que eles estavam indo embora porque eu tinha ido um pouco...

Ele riu e disse: “Ninguém vai a lugar nenhum a não ser lá fora atrás da casa, com uma imagem sua flutuando dentro da cabeça... Vão voltar assim que se aliviarem”.

A garota finalmente se levantou do sofá e veio beijar meu peito, no decote do vestido, abaixo do pescoço.

Ela quis que eu soubesse que me devia uma, se nossos caminhos se cruzassem outra vez.

Leo fez questão de dizer que eu fiz a festa dele. Os caras iam falar nela por muito tempo...

Falar de um jeito muito estranho de conhecer pessoas... Vou logo fazer uma visita ao Leo e ver até onde meus pensamentos batem com os dele... Talvez ele proponha alguma daquelas coisas das quais Bobby me preveniu... Aposto que Bobby ficou chocado comigo... não sei o que deu em mim, mas fiz o que quis... queria tentar e deu no que deu.

Pouco importa se estou ou se estava no maior barato... me senti bem fazendo aquilo. Pode apostar que vou repetir.

Laura

14 de dezembro de 1986

Diário...

Sonhei com Bob esta noite. Não foi um sonho nada bom, um pouco desagradável, na minha opinião, porque sinto muito ódio por ele ter me estragado... fazendo-me sentir feia e má por querer amor e afeição... Ele destruiu todo o meu orgulho e amor-próprio há muito tempo... A única coisa que conseguia era ser boazinha e doce, porque isso era muito fácil... ter boas notas mais fácil ainda. Ninguém me queria... Eu nem conseguia aceitar que sabia o que era sexo.

Ele me destruiu, não foi? Isto é, no sonho ele foi até a janela de Leo e me viu. A cena era pior no sonho do que tinha sido na realidade. Ele ficava mostrando essa imagem para mim o tempo todo.

E então ele ficou parado embaixo da árvore, dizendo: "*V*ocê não teria conseguido fazer nada disso se não fosse por mim*"*.

Eu disse que ele estava enganado. Disse que aprendera tudo o que ele viu quando estava sozinha, porque eu tinha conseguido me sentir bem e curado as feridas que ele me causara.

Ele disse: "*Ah, sim, então por que você quer que Leo amarre você, talvez que coma você assim, e faça de você uma escrava? Sei que você quer isso... exatamente como lhe ensinei, putinha. Vi você com o pau, brincando consigo mesma... estava pensando nesse cara mau, o Leo, e não no bonzinho do Bobby, que fica choramingando depois de ser fodido por uma porca como você*".

E eu acordei. Envergonhada. Horrorizada. Culpada. E de repente parece que o vi, bem na minha frente, nos pés da cama.

Você esqueceu, Laura, que eu sei de tudo, vejo tudo, vou aonde quero... Sei muito mais dos seus pensamentos secretos do que você mesma! Você baixou a guarda, não foi? Eu quero tirar umas boas férias da vagabunda que você é... E você vai ter de me chamar de volta... putinha rançosa! Você é bem malvadinha comigo quando escreve, não é? Vamos ter de acertar isso. Fazer você me amar como sempre me amou. Lembro-me que... logo vai acontecer.

E então ele desapareceu. Preciso fazer alguma coisa certa e boa, *hoje mesmo!*

Quem é ele, caralho, e por que me odeia tanto?

Quero morrer e esquecer tudo isso. Não aguento mais! Começo a me sentir bem e de repente vem alguém que faz me sentir suja. Então outro me beija em seguida e me sinto desejada e excitada novamente.

Preciso saber se o que estou fazendo está certo. Não posso permitir que seja Bob o responsável por eu querer que me amarrem às vezes.

Não quero nunca que me machuquem. Nunca. Só quero participar de brincadeiras onde tenha de dizer coisas feias às vezes, não as que Bob pensa, e se for punida, que seja com sexo, não com dor.

Bob não coloca ideias em minha cabeça. Não quero que seja ele a fazê-lo. Esses pensamentos são meus e particulares. Tenho medo de nunca mais conseguir ter outra experiência sexual, nunca, sem ficar achando que ele virá para contar a todo mundo mentiras a meu respeito.

Se alguém que gosta de mim ler isto daqui para a frente, por favor, não me odeie. Só é assim porque é o que sinto. Não estou magoando ninguém, nem quero fazer isso. Esforço-me diariamente para ser uma pessoa melhor, como acho que o mundo espera de uma garota como eu.

Mas eu sou Laura. Sou uma pessoa triste. Meu Deus, estou triste de novo! Por quê? Não consigo mais rir ou viver de dia, um tempo que é passado com meus amigos que não dão importância ao que penso nas horas tardias da noite. Eles não me odeiam por às vezes sonhar enquanto durmo, com uma das mãos enterrada entre as pernas, morta de vergonha, e desejando que a outra mão simplesmente aperte o gatilho.

Bob, proíbo você de me procurar outra vez, seja em sonhos ou na realidade. Você não é bem-vindo! *Odeio você*.

Sinto-me sozinha, Laura

10 de janeiro de 1987

Querido Diário,

Tentei conversar com papai à mesa do café, mas ele ficou ali se contorcendo, como se não tivesse tempo para pensamentos extras. Não tem tempo para os malditos sonhos suicidas que sua própria filha está tendo. Nenhum dos dois quis falar comigo... O que é isso? Algum tipo *de sonho*?

Papai tirou toda a roupa e gritou: “Isto é um sonho... Relaxe, está bem?... Então sua mãe viu fotos suas lambendo as partezinhas privadas de outras mulheres. Ele aparecia naquelas fotos nas quais você se divertia sozinha. Isso é verdade?”.

Nunca tive tanto medo quanto agora, neste exato minuto. Nem percebi que estava dormindo quando isto foi escrito... Será que estava?

Merda, isso é muito estranho. Muito, muito estranho. Será que Bob estava aqui? Será que Bob estava dentro...? Nem quero pensar nisso.

L

3 de fevereiro de 1987

Querido Diário,

Não há cocaína. Ela desapareceu. Odeio o modo como me sinto... como se estivesse num vácuo, meu corpo tem sido violado, meus pensamentos, meus sonhos, a imagem que tenho de minha mãe e de meu pai são agora de figuras terríveis e deprimentes, as quais não consigo deixar de ver... Ah, se ela soubesse das coisas que têm acontecido.

Será que alguém acreditaria se eu contasse tudo o que sei sobre ele? Poderia ter a polícia esperando quando ele se mostrasse, mas ele saberia, como sabe de tudo o que se passa em minha cabeça. Minha cabeça é o brinquedo dele. Algo em que ele bate com suas patas. Vou contar para todo mundo e fazer que acreditem. Vou dizer...

Dizer o quê, Laura Palmer? Dizer que a levo comigo e você nunca reclama? Dizer que só você me vê e ninguém mais? Ninguém vai acreditar, Laura Palmer... Eu sou muito cuidadoso.

Deus do céu, aconteceu outra vez... Ele está aqui em cima da página... Não era nada disso que eu queria escrever! Assusta-me terrivelmente saber que Bob consegue entrar nas páginas do meu diário como se estivesse alimentando minha mente com palavras, uma fração de segundo antes, para que eu pense que elas são minhas.

Existe alguma coisa que eu possa conseguir para você, Bob... alguma coisa que minha família possua e que sirva como garantia para que você desapareça definitivamente?

Fale comigo, Bob... para um acordo... proponha alguma coisa.

Eu topo. Vamos fazer uma troca.

O que é?

Não posso dizer aqui nesta coisa... Posso mudar de ideia.

Foi o que pensei.

L

2 de abril de 1987

Diário,

Preciso de coca, saco, ou jamais vou conseguir.

Tenho de achar o Bobby. Onde, caralho, ele se enfia quando preciso? Isso é demais. Aqui estou eu, Laura Palmer, ótima aluna, cidadã-modelo de Twin Peaks... e acabo de adquirir um novo hábito.

Não estou preparada para isso... Ainda tenho medo de que Bob esteja esperando.

Se ele estiver na floresta vai me pegar agora, porque eu que me dane se não der um jeito de enfiar uma carreira bem gorda de confiança dentro do meu nariz em no máximo meia hora. Uma grande carreira branca que chame por mim do jeito que um amante faria. Gostaria que Bob tivesse proposto a troca. Se ele topar, vou tentar encontrar a pessoa e dizer que tome cuidado *com o homem que pode, quem sabe, escorregar para dentro e para fora de você como o vento que ninguém percebe, depois rastejar em cima de você e enfiar um punho dentro do espaço da mulher que você parece gostar tanto, Laura Palmer... você não devia desejar nada... você não vai conseguir o que quer, pode ter certeza.*

Lembre-se, Laura Palmer, posso manipular sua consciência para que você não sinta nada além do que eu permitir. Não sente que está morrendo, Laura Palmer? Não percebe que está cedendo para mim novamente? Receba-me de volta e eu não provocarei um horrível acidente logo mais. Se alguém sair ferido, você pode sorrir sabendo que foi tudo por sua causa. Egoísta, viciada, lésbica!

Vai se foder!

Talvez, se eu for atrás de Leo por um pouco de coca, consiga reunir toda a minha merda e merecer a liberdade. Minha privacidade de pensamento, inteirinha. Quero-a de volta. Ela me pertence. Só preciso de um pouco de coca... tenho de sair um pouco daqui... foda-se, vou andar. Vou descer essas escadas e sair por aquela porta como se nada estivesse errado. Consigo um pouco de coca e tudo ficará melhor. Vou conseguir pensar. Vou andando até a casa de Leo e tudo ficará ótimo.

Vou levá-lo comigo, Diário...

Laura

2 de abril de 1987

Querido Diário,

Leo tinha companhia do sexo feminino, e eles não estavam em condições de abrir a porta.

Oh, céus... dinheiro... merda! Talvez ele me apresente à coca e eu possa pagar depois, ou... espere, ele está saindo da casa.

Conversaremos mais tarde, L

Leo vai topar que eu traga o dinheiro depois. Espero, espero, espero.

2 de abril de 1987

De volta, e feliz, da casa de Leo.

Ele tinha, e era ótima. Ele me levantou com uma boa cheirada... e minha cabeça já começa a repassar os arquivos mentais outra vez... sinto o sangue nas veias... Eu disse a Leo que não era como aquele viciado horrível, mas há tanto tempo que eu não dormia... Espere!

Bob se foi. Não posso senti-lo à minha volta. Talvez porque eu esteja tão alta. Talvez eu esteja louca e o tenha inventado... Não, nada disso. Sou louca se pensar que ele só existe na minha imaginação... ele é real. Sei que é real. Tenho certeza. Eu não poderia e não criaria algo tão mal como esse homem de quem falo. Estou começando a ser aquilo que Bob me disse que me tornaria. Uma garota decaída, maltratada, não confiável, perdida, que adora sexo e drogas porque eles estão sempre aí, me proporcionando as viagens que espero... sem surpresas. Não vê que está me matando, Bob? É aí que você quer chegar?

Lá se foram os dias de apenas um ano antes em que eu mal podia me lembrar de alguma coisa... só sabia que certas noites eu chegava em casa, chorava muito e me escondia atrás da porta do banheiro, envergonhada. Lembro-me do que você me disse, seu bosta! Lembro muito bem! Sei que você me cortou quando eu era bem pequena, várias vezes, e me disse que eu estava numa enrascada porque estava sangrando. Disse que as crianças boas não sangravam por entre as pernas. Disse que eu não era uma criança de Deus! Será que havia alguma coisa na qual você me deixava ser normal? Cresci com você sempre por perto, mostrando as evidências de meu maldito sangue e de minha maldita natureza. Você era aquela voz... seu filho da puta.

Leo precisa falar comigo sobre dinheiro... Espero que essa transação seja tranquila, indolor e silenciosa. Eu pedi a Leo que se Bobby aparecesse, que me procurasse imediatamente.

Tínhamos de encontrar um novo traficante só para essa noite... O resto da pura eu já tinha cheirado, menos a da reserva pessoal de Leo, porque é exatamente o que diz o nome: pessoal. Se eu não tivesse tanta merda na cabeça, não precisaria mais que isso para a noite, mas eu tinha. Tinha de ter. É só o que tenho agora, cara. Minha amiga, a linha branca, de quem eu lembro convenientemente o tempo todo, sempre que viajo numa rodovia, ou vejo uma tempestade de neve, ou talco de bebê, vem me provocar dentro de minha própria casa.

Espero que a gente consiga mais. Temos de conseguir. Depois dos últimos dias sem dormir, esse maldito Bob... simplesmente não vou conseguir pegar no sono. É perigoso demais.

E o que são, Laura Palmer, dois, três dias desde que você respirou pela primeira vez... Você é uma puta atrapalhada... que ainda está aqui.

Vai se foder, Bob. Então sou o que você sempre me disse que era. Uma putinha, suja e desleixada, que fode com todo mundo para pagar as drogas. Você venceu. Você me causou dor quando eu não sentia nenhuma, e quando eu sentia dor você dizia que a culpa era minha... acho que você é o cara mais repulsivo, maligno e conivente que já pôs os pés na minha vida, e sem ser convidado; não tinha esse direito. O que você quer, caralho? Você trapaceia porque nunca teve de enfrentar ninguém mais forte... Ganhe de alguém assim, e eu admitirei que você venceu. Até vou atrás de você. Sem brigas.

Laura Palmer acredita que você é um impostor.

L

24 de junho de 1987

Querido Diário,

Já é muito tarde e nem me importei em me registrar ou avisar alguém de onde estou ou se estou a salvo. Nem estou ligando para isso. Não quero saber mais nada sobre mim mesma, por ninguém... muitas mentiras entraram em mim, como projéteis que me feriram... e sangrou lentamente. Muito tempo atrás eu teria percebido. Começo a sentir a fraqueza. Cair no mundo das drogas. O mundo do sexo pelo espetáculo e pelo poder. Pela força que pensei que quisesse, procurei as pessoas erradas.

A parte de mim com autonomia para decidir se uma coisa é certa ou errada desapareceu. Uma decisão dura, um único momento, antes que eu duvide dela e me amaldiçoe por sempre achar que fosse capaz de escolher o certo em vez do errado... eu devia ter aprendido há anos como me lembrar de você. Talvez tivesse me salvado em momentos muito tristes, em sonhos muito maus, em várias centenas de tentativas desesperadas de retomar um eu melhor. Aquele que recebeu você tão bem. Aquele a quem você deve uma vida inteira.

Certamente espero que você consiga o que deseja.

Não posso ter boas coisas, não agora. Não conheço o caminho da responsabilidade, não sei como utilizá-lo. Tão simples, é só sair andando...

Mandei Troy embora. Libertei-o com várias chicotadas no lombo (um método que me fez correr por um bom tempo, você se lembra, Bob?).

Ele se foi. Eu não o mereci, e nem ele merece uma vida que começa e termina todo dia num pequeno quadrado. Uma lembrança constante, se preferir, de que ele não é livre mas que pertence a alguém.

Deixei o pônei ir. Uma das minhas últimas esperanças, antes de anular tudo por você... merda. Já não importa mais nada. Espero que Troy entenda por que fiz ele me deixar. Tenho tanto medo que qualquer coisa que eu toque corra o risco de estabelecer contato com Bob. Estarei investigando a morte... não se preocupe. Posso sentir você decidindo quando e onde. Seu cretino.

Laura

12 de novembro de 1987

Querido Diário,

Espero que Deus leia isto: poderia utilizar a ajuda.

É definitivamente o fim da minha vida, o fim da minha crença em mim mesma... a confiança... tudo se foi! Leo e Bobby foram me buscar no estábulo porque eu mal podia dar um passo. Bobby disse que telefonara para casa avisando que me levaria a um jantar surpresa... voltaríamos tarde.

Isso foi muito delicado da parte dele, devo admitir. Mas como eu disse ao Leo e ao Bobby, do banco traseiro do carro enquanto trocava de roupa (outra vez graças ao Bobby por ter pedido emprestado alguma coisa à Donna — que disse a ele que estava preocupada comigo). Admito alguma surpresa aqui, não por duvidar da lealdade de Donna ou de sua amizade, mas por agora acreditar muito mais em Bob. Eu disse a eles que estava preocupada. Que tinha um bom motivo para não ir a lugar nenhum naquela noite. Disse que eu estava mais a fim, se todos concordassem, de voltar e deixar a cocaína para amanhã. Bobby riu e Leo deu um tapinha na minha mão como se eu fosse muito engraçadinha, um cuco que ficava repetindo sem parar a mesma mensagem. Puxou um elástico nas minhas costas, desnecessariamente. “Eu não acho que isto esteja muito seguro.”

Nós passamos por Mill Town e entramos em Low Town. Jamais vi uma noite tão escura. Não havia lua. Isso também preocupava Leo, que tenho certeza que tomará conta de mim, até o fim. Tudo o que preciso agora é de uma substância ou grana para comprar a substância. Minha amiguinha. Outra mentira, mas pelo menos encarei esta bem de frente e disse que acreditava nela. A felicidade temporária é melhor do que, aos poucos, ir colecionando amigos, família e amantes, um terrível vislumbre de como estou muito perto da autodestruição. Não se aproxime demais: já não há nenhuma segurança. Eu lhe garanto isso.

Entramos em uma estradinha sem sinalização de espécie alguma, mas que parecia ser a certa, já que era a única há muitos quilômetros. Bobby parou o carro e ficou ali, antes de seguir até a casa. Leo o encorajou: “Anda, Bobby, vamos lá”. Eu tentei também chamar a atenção dele, mas sinceramente ele parecia estar em outro mundo. Sua cara era de quem estava no Limite da Realidade. No instante em que Bobby voltou a si, começou a descer a estrada, e na completa escuridão à nossa frente se escondia uma casa. Que eu esperava estar repleta a um nível obsceno de cocaína e um rápido drinque se eu

conseguisse sorrir... Mostrar os dentes, pensei.

Leo olhou para mim como se de repente tivesse sacado que não era bom estar ali, naquelas condições, sem conhecer ninguém, e carregando mais de mil dólares em dinheiro. Eu afundei no banco de trás e calei a boca, percebendo de repente como foi ridículo ter mudado de roupa... só podia estar vestida para confusão, indo a Low Town tão tarde da noite, naquela escuridão, ainda não explicada em nenhum jornal ou noticiário de rádio. Eles nunca dizem que há uma falha no poder.

— Vocês sabem quanto tempo a polícia leva para chegar até aqui? — perguntei.

Bobby tirou de dentro da jaqueta o revólver de seu pai. A coisa brilhou de leve, e eu disse que ele era completamente maluco de andar com aquilo. Eu já tinha certeza de que o que eu estava experimentando não era uma dor de estômago, mas sim um óbvio instinto visceral de dar meia-volta e começar a correr, e só parar quando estivéssemos perto de casa.

O carro não parou e não voltou. Não havia sinal de vida na estrada, nenhuma casa, nenhuma maldita alma por ali... bem, talvez uma ou duas... o que era uma razão a mais para fazer uma retirada silenciosa enquanto ainda tínhamos chance de sair de lá juntos.

Por nada, me pareceu, Bobby meteu o pé no freio. A caminhonete rodou duas vezes, e a poeira brilhou na luz dos faróis. Por fim paramos. Estávamos os três assustados. "Pensei ter visto alguém", disse Bobby. "Não quis passar por cima." Nós saímos e começamos a andar bem devagar no escuro.

De repente alguém me agarrou por trás e começou a me enforcar. Não acredito que vou morrer assim, pensei... em Low Town, em plena escuridão, ninguém jamais admitiria que isso acontecesse, tentando comprar drogas, cocaína para ser mais específica, e sem que os dois caras fortes e corpulentos que estavam comigo percebessem que eu estava sendo estrangulada! Pensei nisso... eu tinha ido comprar uma maldita fazenda ali. Em dinheiro. E à vista.

Os dedos se afrouxaram, minha visão ficou embaçada e comecei a ficar fria.

Acordei naquela droga de casa do traficante com uma dor de cabeça que pensei ser um aneurisma. Bobby e Leo entraram no quarto, e Bobby obedientemente sentou-se ao meu lado e mostrou-se preocupado com minha cabeça, e isso me fez lembrar o que tinha acontecido. Eu disse (devo acrescentar que com uma boa dose de sarcasmo):

— De quem foi a brilhante ideia de me estrangular até eu ficar gelada?

Ninguém respondeu.

— Então quer dizer que é assim que os caras chegam nas meninas aqui em Low Town? — Silêncio. — Que finos!

O mais gordo dos quatro almofadinhas tirou um revólver da camisa e

apontou para mim. Olhei-o como se ele estivesse completamente por fora... que um “Cala a boca” ou “Vai se foder” seria perfeitamente claro para mim. Ele armou aquela maldita coisa e encostou no meu rosto.

— Peço desculpas, docinho. Não posso esperar que todo mundo que use vestido seja uma garota. — Ele olhou para mim e lambeu o revólver. — Lindos peitinhos!

— Eu sei. — Não que a explicação dele por ter me estrangulado fizesse algum sentido. Suas desculpas foram aceitas e, falando seriamente, muito preferíveis a um buraco na minha cabeça. Ofereci minha mão e agradeci por ele não ter atirado. Isso teria estragado realmente a minha noite. Houve uma pausa... e nenhum aperto de mão.

Lentamente, e com grande prazer, ele começou a curvar os cantos da boca para cima, e terminou o espetáculo num sorriso gelado, do tipo “coma a bosta e morra”, como eu só tinha visto uma única vez na vida. Sabia que aquilo era falso. De repente me vi em estado de alerta e muito atualizada na etiqueta do silêncio, pelas quatro armas que encontraram partes muito importantes do meu rosto para descansar seus canos.

Metal gelado. Um arrepio na base do pescoço. Medo. Pode me chamar de covarde, mas as armas sempre me provocam hiperventilação e um imenso desejo de grandes quantidades de ar puro.

Eu disse a eles que precisava ir para o carro. Me concentrei no pensamento de que um dos revólveres ia se afastar e traçar uma linha reta para mim. Eu tinha de tomar ar, o que já se torna mais difícil do que em geral é por causa da contração que se instalou no meu pescoço. Por outro lado, morro de medo de balas e aposto um bom dinheiro que elas provocam dor quando entram dentro da carne em alta velocidade.

De repente vi gente com uniformes do Exército, todos postados como pesadelos congelados em volta da casa. Um dos soldados se aproximou da minha janela e eu estava toda encolhida porque fazia frio e eu estava com medo.

Com uma das caras mais assustadas que eu já vi, ele perguntou:

— Você já pensou em morrer?

— Não, senhor. Não numa situação como esta.

Ele me olhou como se eu tivesse feito chegar sua promoção poucos dias antes da data marcada.

— Por favor, senhorita, queira sair do veículo.

— Você vai atirar em mim ou qualquer coisa assim?

— Foi roubada uma boa quantidade de cocaína dessa casa. Achei que a senhorita gostaria de me mostrar que está tudo limpo com sua caminhonete, e nos deixe trabalhar. É só rotina.

Saí, e achei que meus ossos fossem se partir em pedacinhos, de tão assustada que eu estava.

— Está tudo bem?

— Do lado de cá da minha arma, está.

Eu não conseguia me mexer.

— Aí do seu lado não é exatamente uma festa, não?

— Não. Não, é mais como acordar... não uma festa em que eu gostaria de ir. Senhor.

— Você pode entrar no carro e relaxar.

— O que está acontecendo na casa, agora?

Ele deu de ombros.

— Acho que os rapazes estão reunidos, discutindo se estouram ou não a cara deles ou se os mandam de volta a High Town do mesmo jeito que eles vieram.

— Ah. Me sinto muito melhor agora. Obrigada.

Tive de ficar ali naquela maldita caminhonete por quase quarenta minutos esperando para saber se Bobby e Leo voltariam para casa em estado ainda sólido em vez de numa forma líquida. Finalmente eles saíram pela porta da frente dando tapinhas nas costas daqueles valentes e rindo como se fossem velhos conhecidos. Eu pensei: "Pô, isso é demais! Estou aqui sujeita a levar um tiro à queima-roupa por ter passado a mão em um quilo de cocaína (com cuidado enfiei o pacote embaixo do vestido, sem deixar fazer volume para não dar bandeira do roubo), e o agradecimento que recebo é esses dois virem para o carro a passo de lesma. E dando um exemplo grosseiro da solidariedade masculina, se é que já vi alguma".

E então vi um medo absoluto saindo pelo olhar de Bobby direto para mim e registrei. "Olhe!" Os revólveres começaram a atirar, como se a nra[2] tivesse aceitado recrutas reconhecidamente cegos. As pessoas estavam atirando umas nas outras... paranoicas, e com uma fúria que, se fossem atingidas, só perceberiam amanhã.

Eu escorreguei no banco do carro e dei um jeito de me enroscar em Leo, que estava escondido, desarmado, rezando como um louco, e o carro arrancou em direção à cidade.

Então foi minha vez de lançar um olhar de "Merda!". Quando já estávamos perto do asfalto, olhei pelo retrovisor e vi alguém na cama da caminhonete com Leo, e ele ia perder uma coisa terrível. Bobby sacou a arma e com a mão livre esticou-se para fora da janela e disse para o cara que ele tinha dois segundos para sumir dali ou morrer. Tinha de escolher depressa...

O cara sentou, e *Bobby atirou no peito dele a uma distância de menos de um metro*. A força da bala jogou o cara para o fundo da caminhonete, no chão atrás de nós. Bobby gritou para mim: "Vamos embora daqui. *Guie!*".

Tão logo chegamos ao asfalto, Bobby abaixou-se na cabine, ainda com a arma na mão, como se estivesse pronto para atirar. Ele ficou em silêncio durante o caminho todo. Leo estava lá atrás agradecendo a Deus pelo milagre da prece.

Eu queria saber se havia muito sangue espalhado e se o cara tinha morrido...

Na casa de Leo, desci do carro e perguntei se não tinha ninguém lá. Ele disse que não, então tirei o quilo de cocaína de dentro da saia, envolvido em um plástico, novinho em folha. Bom trabalho, pensei, para uma amadora. Pedi desculpas ao Bobby por provavelmente ter causado a presença daquele homem no carro. Fui revistada, contudo, e o cara disse que eu estava limpa. Achei que eles estivessem convencidos, ao ver todo mundo abraçado na saída.

Eles estavam dizendo para nós, baixinho e bem devagar, que nos encontrariam e cortariam nosso pau centímetro por centímetro. Se o bofe que veio conosco estivesse sentado em cima da cocaína deles, não ia demorar para irmos parar no hospital e direto para o inferno. Eu me sentei e pensei um pouco na palavra "bofe".

— Ô caras — disse —, sinceramente eu sinto muito. Não teria feito isso se não achasse que vocês iam pular de alegria quando soubessem.

Nenhuma resposta.

— Não fui eu que disse para não irmos lá? — Um sorriso dos dois.

Leo balançou a cabeça na direção do pacote e disse:

— Você tem uma parte nisso.

Bobby virou-se para mim e me olhou orgulhoso.

— Uma perfeita dupla Bonnie e Clyde.

Esse drama terminou e outro ainda estava por vir. É claro que nós começamos a cheirar em quantidades jamais aceitáveis pelo corpo humano. Se as balas não tinham nos matado, a montanha de cocaína faria o serviço logo, logo.

Nós estávamos na maior loucura. Resolvi sair. Queria alguma coisa lá do Cash and Carry. Nenhum dos dois podia sequer imaginar em sair do sofá. Estavam grudados na televisão e curtindo um orgulho de macho por estarem diante de uma montanha de cocaína, com três canudos enfiados num buraco feito no saco.

Eles olharam para mim com cara de cachorro cansado, as pupilas dilatadas, e disseram:

— Tudo bem se a gente ficar aqui?

Fiquei um pouco chateada com Bobby por não se oferecer para escoltar sua namorada, a mesma que arriscara a própria vida, por mais desvalorizada que estivesse no momento, para garantir todo aquele barato em que estávamos.

Tive vontade de torcer aqueles dois e decidi que podia guiar duas quadras até o Cash and Carry, sem ficar molhada de suor ou ter um colapso emocional.

Saí com o carro, e quando passei pelas únicas duas casas que havia no caminho, notei uma revista caída no chão da caminhonete, que antes eu não vira. *Fleshworld Magazine*.

Minha cabeça começou a trabalhar; essa revista talvez pudesse me ensinar

alguma coisa que eu ainda não soubesse... e bam! Subi com a caminhonete na calçada, e antes que eu pudesse sair para ver o que tinha atingido, vi a mim mesma há quatro anos. Uma menininha, despertada pelo barulho, sair correndo pela porta de sua casa e diminuir a velocidade ao ver o bichinho no meio da rua.

Ela olhou para ele e chegou mais perto, mas não muito, como que para poupar a si mesma da realidade.

Virei-me e vi Júpiter. Um gato idêntico àquele que fora meu melhor amigo antes que uma drogada como eu surgisse e, insensatamente, se interessasse mais pelas histórias de uma revista pornô do que pelo que estivesse atravessando a rua.

Comecei a chorar. E não consegui mais parar. Eu era a pessoa que, anos atrás, eu tanto tinha odiado por levar meu gato de mim quando eu mais precisava da companhia dele. Eu disse à menininha que faria tudo o que ela quisesse. Se ela quisesse um outro gato, ficaria feliz em comprar... Ela olhou para mim — *e tentou me consolar!* Seu gato é atropelado na rua por causa das minhas loucuras com drogas, e ela tentava fazer que eu me sentisse melhor.

Ela contornou o carro, onde eu estava encostada. Eu não conseguia encará-la.

Sentia uma vergonha tão grande que não conseguia me mexer.

— Por favor, não chore.

Céus, ela até tinha a voz parecida com a minha!

— Por que está tão triste? Não precisa se sentir tão mal. Olhei para ela e vi uma coisa da qual eu sentia muita saudade. Uma necessidade muito grande de perdoar. Que coração! Essa garota podia amar o país inteiro e não deixar que ninguém se sentisse só.

— Quando eu tinha a sua idade, tive um gato muito parecido com o seu. Ele chamava Júpiter, e acho que era o meu melhor amigo. Alguém o atropelou, eu ouvi o barulho e fui correndo ajudá-lo. Lembro-me de ter ficado espantada com a rapidez... com que a morte saciou sua fome.

Por um momento só havia o vento. Nós não dissemos nada. Então ela olhou para mim e perguntou:

— Você perdoou a pessoa que o atropelou?

Eu me encolhi do lado do carro e disse que Júpiter fora atropelado por alguém que batera nele e fugira.

— Acho que ele foi pro céu, mas sinto muita saudade... perdoei a morte dele, mas acho que não esqueci que alguém pegou meu gato e não parou para dizer que sentia muito.

Ela estendeu a mão, e a camisola dela, de flanela, me fez rir.

— Meu nome é Danielle. — Ela apertou minha mão com firmeza.

— O meu é Laura Palmer. — Dei um abraço nela e ela apertou os braços em torno de mim, carinhosamente. — Foi muito bom conhecer você, Danielle. — Me pus de pé. — Você é uma menina muito especial por saber perdoar com

tanta facilidade.

Ela segurou minha mão um pouco, e depois de pensar com cuidado, olhou para mim e disse:

— Quando ouvi o barulho, fiquei com medo de que o gato estivesse machucado... Mas saí e vi você chorando mais do que eu por se lembrar do seu gato, e muito triste por ter machucado este. Para que fazer você se sentir ainda pior por algo que tenha feito? Eu gosto muito de você, Laura Palmer.

— Danielle, você é ainda mais especial porque vem com muito açúcar por cima. — Olhei para o gato e de novo para ela. — Minha mãe vem pegá-lo.

A pequena Danielle, mais que qualquer pessoa, fez que eu soubesse que ainda havia chance de tudo melhorar. Cheguei até a pensar que outro gato seria muito bom...

E então me lembrei de que tinha soltado meu cavalo. Só espero não tê-lo mandado para um lugar em que ele possa se machucar, ou que não cuidem dele como se deve. Acho que devia ter pensado nisso antes de ter me deixado levar pelo impulso de libertá-lo, para fazer o que quisesse e ir aonde tivesse vontade... sozinho.

Cara, eu passei dos limites esta semana, não? Que coisas terríveis e ao mesmo tempo mágicas aconteceram comigo! Por quê?

Será que devo voltar à vida e arranjar um emprego? Ou ainda estarei voando em direção à morte? Só sei que quis devolver aquela caminhonete imediatamente, deixar a droga para trás e chorar um pouco enquanto voltava a pé para casa. Talvez mamãe me fizesse um chocolate quente, e eu conseguisse entender tudo o que tinha acontecido, ficando ali com ela.

Deixei a caminhonete e vim para casa. Andando. Só queria chegar.

Estou escrevendo agora.

L

13 de novembro de 1987

Querido Diário,

Estou em casa. É cedo. Leo e Bobby não ficaram muito felizes por eu querer voltar para casa. Leo tinha decidido que ia ser uma noite de coisas novas e "incomuns". Bobby estava muito, mas muito alto mesmo, e achei que Leo tinha dito a ele que falasse comigo para topar tudo o que quisesse, porque eu nunca o vi tão interessado em me manter em algum lugar. Seus olhares constantes para Leo me fizeram pensar que Bobby se sentia culpado, ou talvez em dúvida se devia ou não me fazer entrar nisso. Balançar o queijo na frente do rato... um ratinho loiro e muito assustado. Está vendo a ratoeira? Está? Então vai. Você sempre quis isso, lembra-se?

Leo balançou a cabeça quando eu disse que tinha resolvido ir embora porque algo acontecera e tinha me deixado tão... e parei. Não acabei a frase porque vi de repente que os dois não estavam em condições sequer de fingir que se importavam com um gato lá na rua. Um animal branco, que talvez ainda estivesse lá... ou como eu o imaginava enquanto dirigia devagar, com os faróis apagados, no caminho de volta. Vi seus olhos mortos presos na imagem de uma mãe, provavelmente cansada e preocupada em saber se a filha estava bem. Perguntando-se, enquanto erguia o corpo do animal, se a morte parara logo ali. Talvez ela pensasse no trabalho que teria no dia seguinte, em andar sem rumo pela rua... tão cansada, sempre cansada.

Acho que estou pensando em mim mesma. Estou cansada. Sou eu que pergunto: será a morte apenas a imagem congelada do corpo de um animal? As cinzas de meu avô, apenas um jeito mais fácil de caber dentro de uma urna? Ele é apenas um corpo, no fim das contas: por que não enfeitar o que sobrou?

Quando eu morrer, acho que vão me enterrar. Espero que o gato tenha sido enterrado. Pensei em ficar para ajudar, mas tudo estava perto demais. O corpo ali, como uma mensagem.

Talvez os atropelamentos sejam mais do que parecem. Mensagens, como foi ontem à noite... ou exemplos nos quais nunca prestamos atenção. Isso é o que é. Silêncio. Eterna privacidade. Eu não queria ficar esta noite com os rapazes. Queria vir para casa, dormir na minha cama, ser outra vez uma menininha. Fingir uma doença ou cólicas e pedir à mamãe para cuidar de mim. Ler *A bela adormecida* ou *O pequeno polegar,* beber café enquanto ela vira as páginas e toma conta de mim.

Era o que eu queria, mas sabia que acabaria ficando naquela casa. Sair de lá às escondidas, antes de o sol nascer... desligar o alarme do despertador segundos antes de ele tocar. Despir-me completamente e enfiar-me embaixo dos lençóis. Eu sabia que lhe contaria o que aconteceu. Simplesmente. Com uma caneta e nenhum som. As palavras têm sido estranhas para mim nesses últimos dias. São só mentiras, o tempo todo. Outra vem para ajudar a mentira anterior a sobreviver... tornar-se real. As palavras de Bobby têm sido como pequenas facas. Sei que ele não tem intenção de me magoar, mas as surpresas com meu comportamento outra noite, ontem à noite, a diferença que ele vê quando estou drogada... e tem acontecido muito isso. Ele diz que jamais pensou que eu fosse tão selvagem. Acho que ele quer dizer que jamais imaginou que eu fosse tão má. Ele nunca conheceu a Laura Palmer como a floresta, as árvores, a terra conhecem. Sempre trêmula e com raiva, ameaçada, paralisada, incapaz de correr. Ou nunca a escolheu. Ensinaram a Laura Palmer que ela merece a dor e um tipo de intimidade em que a maioria das pessoas nunca pensa ou fala porque acha errado. Laura Palmer? Ela nasceu sem escolha. Uma noite há muito tempo disseram-lhe bem baixinho que ela iria gostar ou teria de morrer.

Eu fiquei na casa. Leo quis que eu bebesse alguma coisa. Relaxasse. Ele disse que me queria do jeito que tinha sido. Disse que eu prometera a ele. Garantiu que eu estaria em casa a tempo... ninguém ficaria sabendo. Ele se ajoelhou na minha frente e agarrou meus pulsos com força. Pensei em Bob e fechei os olhos. Devo ter gemido, emitido qualquer som, porque ele disse: “Eu sabia. Sabia que isso queria dizer alguma coisa para você”. Abaixou as mãos para as minhas. Segurou-as mais gentilmente. “Ótimo. Sabia que você ia entender. Eu vi isso.” Ouvi Bobby se levantar da cadeira e Leo fazê-lo parar. “Senta, Bobby, já. Laura vai buscar uma bebida para você. Ela vai abrir os olhos, e vamos todos beber um pouco.”

Abri os olhos devagar. Leo deixou minhas mãos em meu colo. Me levantei e fui para a cozinha pegar a bebida para Bobby. Podia ouvir os dois conversando na sala. Começaram a discutir. Achei que era por minha causa, ou os planos para a noite. Realmente me incomodava quando eles discutiam. Eu não queria mais isso. Fui até onde eles estavam e os fiz calar a boca. Queria que eles se calassem. Eu faria ou diria tudo o que as “brincadeiras” da noite exigissem. Não precisavam brigar por isso. Eu queria me divertir. Queria curtir um barato. O barato que eles estavam. Queria esquecer o que acontecera lá fora na rua.

Bobby foi até a cozinha e me disse que eu tive sorte de Leo não ter me dado um bofetão por ter lhe mandado calar a boca dentro da casa dele. Eu disse que não era sorte. Sabia que Leo gostava de mim. Se alguma vez ele me batesse era porque fazia parte das regras.

Bobby disse que gostaria de viajar, só nós dois, na próxima semana talvez. Ele sentia saudades de estar com Laura. Eu o odiei por isso. Tive vontade de

bater nele. Em vez disso, disse que não sentia saudade nenhuma de Laura. Disse que ele nunca mais a veria.

Ficamos um bom tempo ali sentados, só bebendo, cheirando e olhando Leo: não sei para quê, mas sabia que tinha de estar pronta. Talvez ele fosse legal, talvez não. Eu não ficava olhando para Bobby o tempo todo. Quis ter certeza de que ele me veria com Leo. Não gostava da saudade que Bobby sentia da doce Laura. Não posso acordá-la agora. Ela não gosta de noites assim. Não iria querer brincar. Eu sim. Eu tinha necessidade de ser diferente dela... tinha de me livrar do que quer que chamasse Bob à minha janela. Livrar-me do aroma da inocência. Eu decidi uma coisa. Disse a eles que queria ir lá fora, no meio da mata. Leo pareceu gostar e olhou para Bobby. Virou-se para mim e indicou com a cabeça o meu copo vazio. "Você tá a fim de foder?" Eu disse que estava, mas não queria mais ficar lá dentro. Não gostava da luz. Disse que ela tornava as coisas fáceis demais.

Comecei a pegar um pouco de pó para levar até a floresta e Leo me olhou como se eu estivesse roubando ou algo assim. "Olha, eu roubei essa merda, certo? Sou eu que vou fazer a sua noite... e não vou começar a ceder quando estiver lá fora na floresta." Ele disse que só estava olhando. Disse que eu podia relaxar. Então se aproximou de mim, bem perto. Disse que gostava quando eu me aguentava por mim mesma, mas não haveria nenhum espaço para isso lá na floresta.

De repente me vi na escuridão de braços abertos e girando, girando, Leo e Bobby no meu campo de visão cada vez que passava por eles... Depois aos poucos comecei a sonhar com Leo, seus olhos bem grandes, gostando, os lábios entreabertos, as mãos se juntando e devagar aplaudindo meu espetáculo.

Antes de sairmos da casa, Bobby veio do banheiro e disse que estava cansado, não estava a fim de andar. Disse que sabia que esta noite era para mim e para o Leo. Disse que talvez me telefonasse em poucos dias. Leo sorriu quando Bobby saiu batendo a porta.

— Bobby é um cara esperto.

Concordei, mas por dentro queria matar Bobby por me fazer sentir tão mal. Ele queria que a pura e doce Laura corresse atrás dele, fosse andando ao lado dele para casa, de mãos dadas com ele. Por um instante ele me fez querê-la. Não era seguro. Ele não podia entender como isso era inseguro para todos nós, especialmente fora daqui. A floresta precisava me ver esta noite. Precisava ver como eu tinha crescido, no que tinha me tornado. Então poderia dizer a Bob que se afastasse de mim. Que ele soubesse que seu trabalho comigo estava terminado.

Leo veio até mim e escorregou a mão por dentro da minha blusa, fixou os olhos nos meus, seus dedos encontraram os bicos. Olhando-me nos olhos, sem deixar que eu desviasse os meus, ele disse: "Você não quer perdê-lo, não quer

perder ninguém”.

Ele libertou meu olhar; minhas pernas quase não me sustentaram. “Leve-me a algum lugar, faça-me esquecer.” Segurei no braço dele para recuperar o equilíbrio. Ele disse que estava pensando em uma coisa. Disse que eu podia me assustar, mas que estava tudo bem. Disse que gostava de mim depois de tudo o que tinha acontecido nesta noite e realmente podíamos nos tornar mais íntimos. Ele queria estar comigo pela primeira vez, sozinho.

Perguntou se eu gostava de me assustar.

Eu disse que às vezes aconteciam coisas assustadoras, mas que desapareciam pela manhã. Disse que desejava ficar realmente excitada, que precisava sentir isso. Havia muito tempo que não sentia. Tinha estado muito ocupada fazendo isso para os outros. Quando saímos da casa, ele me vendou. E cochichou:

— Está sentindo a escuridão?

Eu disse que sim.

— Ótimo. Vou levar você para dentro dela. Como você gosta. Eu guio, e você só me acompanha até eu mandar parar.

Começamos a andar, e quando o fizemos, senti as árvores se fechar acima, percebi o vento, diminuindo até parar, incapaz de voltar para o céu... Ouvi Leo respirar. Senti sua mão forte em minhas costas. Quis dizer a ele que estava com aquela sensação na barriga. Aquela que faz você se soltar, querer coisas... Mas ele não me deixava falar. Disse que faria tudo sem falar até precisar saber alguma coisa de mim. Disse que sabia muito bem como eu estava me sentindo sem que eu precisasse dizer.

Me pareceu um tempo longo antes de pararmos. Como não sabia o que fazer, esperei. Por uma ordem. Quando por fim paramos, ouvi-o começar a me rodear, os passos abafados pelas folhas no chão. Sentia os olhos dele como se fossem mãos, subindo e descendo, seguindo uma e outra curva. Ele parou atrás de mim.

— Pode guardar um segredo, menininha?

Não estava certa se devia responder.

— Tudo bem, vá em frente e me responda.

— Sim, sei guardar segredo.

De repente comecei a sentir o mesmo cheiro profundo da floresta. Conhecia-o bem. Senti meus pés se firmando, e eu tinha de soltar a cabeça, relaxar... lutar contra ela. Lembrar-me do que aquilo significava.

— O segredo é que às vezes, bem aqui neste ponto, eu ouço vozes. Percebo que não estou só.

— Que vozes são essas?

— Vozes que não conheço... Mas às vezes, se fico bem quieto, descubro que posso sentir pessoas à minha volta. Posso ouvi-las falar sobre mim, mas se tento

vê-las, desaparecem completamente.

— Está ouvindo vozes agora?

— Acho que ouço bem baixinho. Vindas dessa direção. Isso assusta você?

— Acho que não. Eu estava preparada para a chegada de um ônibus lotado de caminhoneiros e para começar alguma cerimônia estranha... De repente senti-me totalmente exposta. Gostaria de saber quantas pessoas haveria por ali.

— Vou ajudar você a se sentar. Aqui.

Leo me sentou e percebi que estava numa cadeira muito confortável, ali no meio da floresta. Que lugar era aquele? Será que já o vira durante o dia? Uma música começou a tocar. Estranhos sons de água, e algo que não pude identificar... e um tambor... baixo.

Sentia-o em meu peito. Estava tão alto que não podia mais perceber pelo som se havia ou não alguém perto de mim. Alguém falou em meu ouvido: "Espere aqui... relaxe. Curta". Não tenho certeza se consigo descrever as cinco horas que se seguiram. A música era constante, um ritmo que me movia e me machucava mais que qualquer outra coisa. Mais que as mãos que de repente estavam em mim, lábios em meu pescoço, mãos no meu peito, coxas, rosto. Vozes em meu ouvido, falando baixinho... se afastando.

Acho que havia três mulheres e pelo menos quatro homens, incluindo Leo. Eu estava amarrada à cadeira, obviamente, com uma corda que apertava minhas mãos quase ao ponto do desconforto, o que eu sabia fazer parte do jogo, tudo muito planejado. Toda e qualquer fantasia que alguém pudesse ter nas horas tardias da noite, com exceção de animais, foram realizadas em mim, comigo e para mim. Era como se eu tivesse sido engolida por um sonho, perfeito de todas as maneiras. Minha única responsabilidade era manter minha cegueira e permitir a cada um que viesse e ficasse comigo.

Podia ouvi-los, os outros que estavam na fila esperando. Apenas vozes na floresta, cujos corpos tornavam-se imagens que eu podia ouvir, vê-las através dos sons que faziam... tudo se tornara muito sensível. Eu podia ouvi-los a noite toda excitando-se uns aos outros ao ponto de pequenas convulsões, bilhares de pequeninas ondas de luz, água, eletricidade, correndo através deles. Todos reagiam com estranho prazer e assombro... uma sede quando alguém alcançava o clímax. Mesmo eu, sentada longe deles como se estivesse numa vitrine (mais um troféu que uma viciada em drogas), senti prazer nos sons ao redor de meus pés.

Essas pessoas, de idades variadas, passavam suas noites na floresta, esquecendo nomes e histórias, usando somente seus sentimentos e desejos mais básicos, para serem amarradas, tocadas, desejadas e completamente aceitas, não importava como fossem fisicamente, ou quem eram no trabalho ou na escola nas manhãs seguintes. Estava escuro, estranho e às vezes quase intoxicante. Eu oscilava, a cabeça pesando na escuridão. A energia era tão densa,

eu quase podia sentir o ar se separar, abrindo-se para que eu pudesse me mexer. Todo e qualquer nervo do meu corpo tinha algo a dizer... um grito embaixo da pele, constante e muito mais alto que o habitual porque eu não podia senti-lo chegando. Eu podia jurar que havia horas em que eu estava sensível demais para sentir os dedos que me tocavam. Via-os pela maneira como sentia através da pele... cada toque como linhas luminosas por trás de meus olhos.

Quando vi novamente, com meus olhos, a imagem foi de minha casa. A luz incidindo do lado, imediatamente antes de o sol nascer... uma névoa de luz amarelada que ainda lutava com a sombra que não concluíra sua estada.

Levei um minuto para conseguir focar. Leo estava sentado ao meu lado no caminhão dele. Ele disse que estava indo, e que sua mulher logo estaria em casa. Para nos encontrarmos novamente, deveríamos planejar muito bem. Eu tinha me esquecido da mulher dele. Shelly. Muito bonita. Era garçonete do Double R, junto com Norma. Por isso disse a ele que me telefonasse. Ele disse que tinha uma coisa da qual eu poderia precisar enquanto ele estivesse fora.

Ganhei um saquinho cheio até a boca. Leo aconselhou-me a não abri-lo até que estivesse sozinha. Beijou-me, ficou olhando eu entrar em casa e foi embora.

Tive uma fantasia enquanto subia a escada para meu quarto que mamãe acordava... e perguntava como tinha sido a orgia. Eu contava em detalhes, e ela começava a revelar suas próprias experiências de estranhas noites na floresta. Ela queria ligar para os amigos e contar que sua filha participara de uma orgia... e não era maravilhoso? A fantasia terminou quando cheguei ao alto da escada e vi que a porta do meu quarto estava escancarada — parei petrificada. Olhei para o quarto de meus pais. A porta estava bem fechada.

Quando me virei, o que vi foi aterrorizante!

Vi claramente o sapato de um homem atrás da porta, e então ele apareceu, sorrindo. Era Bob. Com uma das mãos agarrou-me o pulso, e com a outra tapou minha boca. *"Shhhh."* Com um tranco ele me puxou para dentro do quarto. A porta bateu atrás de nós.

Pare. Só pode ser um sonho. Estou muito drogada. Não dormi. Não acorde mamãe e papai agora ou saberão que estive fora. Farão perguntas às quais não poderei responder. Pense.

Comecei a pirar, fugindo e lutando contra os pensamentos, as palavras, a imagem daquele esgar obsceno. Afaste-se de mim, Bob!

Faço o que eu quiser.

Afaste-se desta casa! Deixe-me em paz ou juro que vou encontrar um jeito de você se arrepender.

Não posso me arrepender, Laura Palmer.

Veja onde estou por sua causa, por sua sordidez, sua fraqueza. Você é uma criatura nojenta.

Nenhuma consciência, nenhuma culpa. Você mesma disse. Vi que você se fodeu na noite passada. Uma coruja me contou. Entrou mesmo nessa tal de coca, não? Menina suja, Laura Palmer, já devia saber que não pode me impressionar... Não estou interessado no que você faz com seus amiguinhos viciados. Vocês são todos ridículos.

Sai da minha cabeça. Agora!

Não.

Deixe-me em paz, seu cretino nojento. Como você ousa! Não quero você aqui! Vai embora! Vai embora! Já estou cansada de aceitar você toda vez... Eu odeio você. Sai!

Isso não depende de você, Laura Palmer. Devia observar esse ego. É inacreditável.

Vai se foder.

Chorar também não vai me impedir de ficar. Sou imune à sua autopiedade e a suas queixas emocionais e adolescentes, sua puta lésbica e fodida. Sou a melhor coisa da sua vida.

Não é não. Isso não é verdade!

Não?

Pare de mentir para mim. Tenho coisas melhores na vida do que você. Eu sei disso.

Ah, é? Diga uma.

Meus pais.

Duvido. Eles não me impedem de levá-la, não é? Nenhum dos dois conversa com você como costumavam. Pararam de fazer carinho em você há muito tempo. Eles toleram você. Eu sou muito melhor.

Donna.

A "melhor amiga" com quem você nunca conversa? Aquela que você trocou pelas drogas? Você está redondamente enganada.

Tenho a mim mesma. Sou melhor do que você!

Não. Eu tenho você. Você me pertence. Não faz nada sem minha permissão. Dirijo sua vida, faço de você aquilo que quero.

Não!

Ainda estou aqui.

Você não é real! Recuso-me a acreditar que você seja real! Estou só imaginando você... eu crio você... eu posso parar! Você desaparecerá se eu parar de acreditar.

Tente novamente. Estou aqui há anos e anos. Sua crença não adianta nada. Sua opinião é nada. Pense nisso. Veja a sua vida. Você fica fodendo por aí com as pessoas. Drogas o tempo todo. Logo fará dezesseis anos. Sua vida é uma merda e você ainda nem tem dezesseis anos. Olhe-se no espelho e se veja. Você é nada.

O que... você quer?

Quero você.

Por quê? Para quê?

Para me divertir. Adoro observar você lutar contra a verdade.

Que bosta de verdade?

Sua vida não vale nada para ninguém, inclusive você mesma. Faço-lhe um grande favor. Eu a ensino, você me deve lealdade. Você me deve tudo.

Eu não devo nada a você.

Sou a melhor coisa da sua vida.

Adeus!

Eu estarei por aqui.

Vai se foder.

Logo, logo. Eu irei.

Pare.

Vejo você à noite... Laura Palmer.

Foda-se! Foda-se! Foda-se!

Fique longe de mim dessa vez. Você está na minha cabeça. Ninguém mais pode vê-lo ou ouvi-lo, portanto deve estar na minha cabeça. Não vou mais deixar você voltar a este quarto. Nunca mais. Você é só uma ideia. É um medo. É só uma criação da menininha que tem medo da floresta!

Está vendo? Você não pode voltar agora, não é?

Você não tem nenhum poder se eu não lhe der... Dessa vez vou mantê-lo longe. Esta é minha vida! É minha! Você não tem lugar aqui... Ha!

Eu tenho trabalho a fazer. Sono para dormir. Você está morto. Não é nem sequer uma memória.

Laura

P.S.: Olhe para a janela, Laura Palmer.

15 de dezembro de 1987

Querido Diário,

Desculpe por ter demorado tanto para escrever, mas tenho trabalhado muito! Há muita coisa que você não sabe.

Em primeiro lugar, resolvi fazer um trato com os Horne. Notei, quando estive lá na última vez, que Johnny parecia desanimado, até mesmo malcuidado. Triste. Então propus a eles que tomaria conta de Johnny, três vezes por semana, durante pelo menos uma hora, uma hora e meia por dia, lendo, conversando etc., por um pequeno salário. Eles adoraram a ideia e concordaram em me pagar cinquenta dólares por semana, duzentos ao mês.

O dinheiro me ajuda bastante com a cocaína, mas o melhor é estar perto de Johnny, porque ele me ama, não importa o que eu faça quando estamos juntos. Ele não me magoa, não me provoca ou quer dormir comigo, não me amarra e não me corta, ou qualquer outra das milhares de coisas que quero que as pessoas façam comigo o tempo todo... Elas sempre falam e me levam para algum lugar, querem sempre mais, cada vez mais.

Só o que Johnny quer é que eu leia para ele. *A bela adormecida* é sua preferida. Gosta de deitar a cabeça no meu colo e olhar para mim enquanto leio. Reservamos sempre um momento para ver as figuras, e em geral tenho de explicá-las, tanto quanto algumas partes da história, de um modo que Johnny possa entendê-las melhor. Em geral ele me olha como se estivesse confuso, perdido, como se tivesse medo de não estar entendendo nada. Sempre paro quando vejo que ele está assim, e passo para outra coisa.

Muitas tardes vamos para o gramado na frente da casa e brincamos de arco e flecha. Ele tem aquele búfalo de borracha no qual sempre atira. Dá um belo sorriso quando o acerta. É o seu barato. É uma cena muito estranha. Johnny no gramado, a grama criando um tapete verde sob seus mocassins, a flecha colocada no arco esticado, o sorriso. Ele atira depois de muito se concentrar. A flecha parece disparar muito lentamente, Johnny baixa os braços, ergue-se na ponta dos pés, e espera... Bem no alvo. Ele dá um salto no ar, salta, salta... Vira-se para mim e dá aquele sorriso de felicidade...

— Índios! — exclama.

Cumprimento-o pelo tiro certeiro e encorajo-o a tentar outros. Ele sempre repete. Preciso fazer muitas carreiras quando estou com Johnny, ou às vezes no banheiro... sempre que sinto vontade.

É terrível quando perco a paciência com ele. Aconteceu uma vez e me senti muito mal, até ter certeza de que ele esquecera o incidente ou me perdoara.

Não entrarei em detalhes porque meu comportamento foi terrível. Em resumo, fiz uma imitação de Bob diabolicamente convincente. Foi cruel. Nunca me senti tão mal. Fiz o que pude para me desculpar e me explicar de todas as maneiras tão logo aconteceu. Quis que ele soubesse que me dei conta e parei.

Saí e tirei um envelope e dois vidrinhos de dentro de minha bolsa para ficar bem doida. Assim eu conseguia pensar melhor. Fica mais difícil quando estou sem nada. Por isso Bobby e eu estamos nos vendo tão frequentemente e de um modo tão inocente. Mas você não sabia disso, não é? Muito bem, espera aí.

Preciso ir até o buraco da cama... e esticar umas duas carreiras antes que mamãe suba e me chame para lavar os pratos, recolher o lixo etc. Merda. Não posso acreditar em como minha vida muda quando saio pela porta desta casa.

Voltarei assim que for possível.

Laura

16 de dezembro de 1987

Querido Diário,

Desculpe por ter se passado um dia inteiro, mas mamãe e eu tivemos uma conversa na cozinha enquanto eu limpava os pratos, e isso durou quase quatro horas. Papai chegou e se juntou a nós durante uns quarenta minutos, depois subiu para se deitar.

Acho que Benjamin quer que ele trabalhe em algum novo projeto. Papai simplesmente revira os olhos quando mamãe e eu perguntamos do que se trata.

Às vezes acho que minha mãe e eu podíamos ser grandes amigas. De vez em quando olho nos olhos dela e acho que já sentiu as mesmas coisas que eu. Tenho a sensação de que ela é capaz de compreender minhas experiências, mas ela vem de uma família e de uma geração que não gosta muito de falar de coisas que não a deixam tão à vontade.

Talvez Bob não a deixe tão à vontade. Talvez papai também o conheça, mas mamãe não queira conversar sobre ele porque ficamos todos muito... envergonhados... sei lá.

De qualquer maneira acho que a conversa foi boa, porque ela estava muito contente quando subiu para dormir. Fiquei mais um pouco lá embaixo e fui examinar a parede pela qual Bob sobe na minha janela. É surpreendente que ele ainda não tenha se matado ou pelo menos caído.

Nas noites em que saio furtivamente sempre sou ajudada a descer. Será que consigo dar um jeito de ele cair? Ele sempre encontra o caminho, e ainda quero Bobby Briggs entrando por essa janela para me aliviar... uma transa rapidinha quando meus pais estão dormindo ou fora de casa.

Foi isso também o que quis recuperar. Bobby Briggs. Estamos nos encontrando como fazem os rapazes e as garotas da escola. É estranho. Estou me encontrando mais com Donna atualmente, e ela está com Mike. Acho que estão bem, mas eles me lembram um comercial de goma de mascar. “Felicidade e ambição, esporte e educação.” Ha, ha, ha!

Na semana passada, usei todo um envelope de cocaína para conseguir sair com eles depois do cinema, para comer um hambúrguer. Bobby e eu não estávamos a fim. Ele consumiu uma tonelada de porcarias enquanto víamos o filme, e eu estava alta demais para sequer pensar em comer. Donna encheu a cara, e eu sabia que o resultado seria um monte de espinhas e as roupas mais apertadas no dia seguinte. Aposto que ela ganhou uns bons quilos. Mike é um

porco. Ele fica enfiando batata frita e hambúrguer dentro da boca, como se fosse absolutamente desnecessário mastigar. Eu juro!

Também não gosto do jeito como ele olha para Donna. Preocupo-me com ela porque ele me parece um idiota... acha que é um super-herói dentro daquela jaqueta de couro, o tempo todo. Merda. Não estou nem aí. Donna não é boba. Não posso acreditar que o dr. Hayward já não tenha dito alguma coisa. Então, o motivo de estar me encontrando com Bobby dessa maneira, de irmos ao cinema, jantarmos, estudarmos na casa dele, usarmos o carro do pai dele para ir a Pearl Lakes etc., é porque finalmente ele concordou em vender cocaína para Leo. Para mim. Havia muito tempo que eu esperava por isso, mas tive de prometer que agiria como sua namorada novamente. Então topei. Quando estou a fim, ou quando quero cheirar. Gosto muito de Bobby, mas ele jamais poderá compreender o que às vezes acontece comigo.

O motivo de eu ir para a orgia com Leo, o motivo de deixar que ele me amarre e às vezes bata em mim, o motivo de tudo isso, além de um prazer estranho, é porque sinto que pertenço a lugares tenebrosos como aquele. Pertenço a homens horríveis que na verdade são bebês chorões. Provoco-os e não demora eles estão me chamando de “mamãe”, e enfiando a cabeça no meu colo para chorar suas mágoas... e depois eu digo a eles o que devem fazer. É assim que eles gostam. Pertenço a eles. Deve ser, ou não seria tão generosa com eles.

Digo a eles o que fazer comigo. Ordeno-lhes. E quando fazem, quando está bom e posso dizer a eles o que estão tentando, começo a falar o que estou sentindo. Eles são demais! “Vocês são muito, muito bonzinhos!” Digo que mamãe está contente. E eles adoram. Homens e crianças, tudo ao mesmo tempo.

Todos eles, os amigos de Leo e de Jacques (preciso falar sobre isso!), são muito bonzinhos comigo. Acho até que estão lá por minha causa. Não sei. Já me enganei antes.

Então Bobby vende o pó pela cidade, e Leo vende do outro lado da fronteira, no Canadá. Em geral recebo a minha parte, e sempre que encontro Leo ele me dá um vidrinho cheio ou um envelope.

Bobby consegue um bom dinheiro e todos estão felizes. Não é isso o que interessa na vida? Outro dia uma coisa me deixou chateada. Bobby e eu fomos tirar meu dinheiro do cofre (eu não ia guardar milhares de dólares no buraco da cama), e ele me disse que Mike ia ajudá-lo a vender.

Fiquei louca da vida e disse que se ele fizesse isso — e se Mike contasse para Donna —, eu jamais falaria com ele outra vez. Donna contaria ao pai dela. Eu tinha certeza. Isso eu não suportaria. O dr. Hayward ficar desapontado comigo... isso sim me mataria.

Bobby disse que ainda não tinha muita certeza se devia. Mas o fiz prometer,

e ele prometeu.

Depois disso fomos para a árvore onde enterrávamos a bola de futebol, perto da casa de Leo. A droga e o dinheiro eram trocados nessa bola de futebol. Leo sempre caçoava de Bobby pelos lugares que ele escolhia como esconderijo. "O craque do futebol", dizia. E Bobby é um craque. Pelo menos é o que pensam todos na escola.

Jacques disse que jogava futebol, até descobrir que não tinha de ser socado por um bando de caras enormes o dia inteiro para conseguir dinheiro. Jacques vivia na floresta, numa cabana, junto com um papagaio chamado Waldo. Ele fala e sabe meu nome perfeitamente. Jacques, Jacques Renault, trabalha do outro lado da fronteira em um cassino qualquer. Ele é um cara grandalhão, gordo, mas às vezes me faz perder a cabeça. É do tipo bebezão-homenzarrão, mas sabe um bocado de coisas sobre o corpo de uma mulher, muito mais do que Leo.

Uma noite, fui por minha conta à casa de Jacques, ficamos muito loucos e entramos num barato sexual dos mais estranhos.

Eu estava num ponto que ele disse apenas "Mostre para mim, menininha... mostre para mim", e eu topei!

Waldo repetia tudo o que dizíamos naquela noite, até quase amanhecer. Quando voltei para casa ainda ouvia Waldo dizendo: "Mostre para mim... mostre para mim... menininha... menininha". Foi nessa manhã que saquei que as orgias de Leo aconteciam em frente à cabana de Jacques. A cadeira estava lá... Sentei nela e saquei.

Já, já eu volto. Tenho planos para esta noite.

L

21 de dezembro de 1987

Querido Diário,

O Natal já está aí. Comecei a procurar outro trabalho, alguma coisa que me paguem a cada duas semanas... dinheiro de verdade. Mamãe está começando a ficar preocupada por eu estar comendo tão pouco. Eu adoro. Juro que nunca gostei tanto do meu corpo. Ainda tenho seios muito bonitos, quadris bem torneados, mas sem as gordurinhas de antes. Nenhum dos caras com quem saio tem se queixado. Todos acham meu corpo ótimo.

Preciso trabalhar para ganhar mais dinheiro, e também para dizer à mamãe que estou comendo fora. É impossível continuar forçando a comida garganta abaixo como venho fazendo.

Leo e Jacques me deram alguns exemplares da *Fleshworld Magazine* outra noite. Abri e fiz algumas daquelas poses para eles, dancei um pouco, coisas que eu tinha inventado... e eles ficaram me olhando, até nós três não aguentarmos mais e começarmos uma brincadeira.

Sei que pode parecer sujo, mas só estou fazendo o que de repente costumava fazer... Inventar um espetáculo para outras pessoas apreciarem, enquanto na minha cabeça mergulho em um sonho. Uma plateia enorme, pelo menos cem pessoas. (Faço isso porque quanto mais pessoas, mais me parece que está tudo bem, e não que eu esteja fazendo uma coisa ruim ou proibida.) Todas elas, homens e mulheres, ficam me olhando. Olham eu me mover, ouvem os pequenos sons que saem da minha boca quando começo a me excitar... Imagino um homem ou uma mulher... às vezes os dois... e os vejo na primeira fila, completamente ligados. Digamos que seja um homem, para ser mais fácil de descrever.

Então eu desço para a plateia, e estou usando alguma coisa preta e transparente, e o pego pela mão para levá-lo ao palco comigo. Ele não quer, mas eu prometo que ele não vai ficar envergonhado e nem vou machucá-lo. Ele confia e vai para debaixo dos refletores.

Digo baixinho a todo mundo que acho o cara lindo e conto por quê. Eu o descrevo para que ele adquira confiança e tenha uma ereção imediata. A plateia o adora, tanto quanto eu. Em geral mudo o sonho a cada vez, mas ele sempre acaba com o parceiro escolhido e eu trepando na frente de todo mundo. Fico muito doida às vezes quando penso que Bob vai me ver nesse sonho e percebo que finalmente vou ficar livre.

Então tenho essas revistas para onde as pessoas mandam suas fantasias para serem publicadas. Eu contei tudo isso ao Leo e ao Jacques quando eles me deram as revistas, e eles ficaram ali se divertindo com as fantasias que às vezes tenho. Os dois me aconselharam a enviar algumas e ver se seriam publicadas. Disseram que, se eu topasse, eles produziriam a fantasia exatamente como eu as escrevesse. Exatamente como eu quisesse.

Acho que vou topar. Gosto da ideia de uma noite especial, planejada com antecedência por Laura Palmer.

Talvez eu escreva aqui essas fantasias para que você saiba exatamente o que estou planejando, se elas forem publicadas. Vou pensar nisso.

Algumas fotos da revista são tão... sujas. Sujas até para mim, mas entendo por que algumas pessoas se impressionam com elas. Em geral são fotos de pessoas em algum lugar, ou com alguém totalmente inventado. Não há ontem nem amanhã. Nem horas nem minutos ou regras, pais, manhãs, nada com que se preocupar. Gosto disso, mas algumas fotos são de mulheres sendo capturadas e levadas por esses homens. Em geral não gosto muito dessas, pela simples razão de que... Não sei, mas me lembram demais as visitas de Bob. As mulheres são muito jovens, inocentes ou algo do gênero.

Gosto de ser levada por alguém, mas também gosto de provocar e de sugerir algumas fantasias e ideias. Não gosto de medos, mentiras ou gritos, e algumas das fotos são assim. Tudo bem com a escuridão no sexo, desde que ela seja estranha, misteriosa, e não as trevas do inferno, dos pesadelos e da morte.

Isso não é para mim. Gosto de coisa boa. Que seja quase mal, mas que dê para brincar com o mal, e não pegá-lo pela mão e enfiá-lo para dentro.

Preciso fazer compras para o Natal amanhã. Não tenho nenhuma ideia do que comprar para ninguém. Acho que não seria bom querer ganhar cocaína no Natal... uma tonelada de neve branquinha e macia em cima de mim.

Até mais, Laura

23 de dezembro de 1987

Querido Diário,

Lembra-se da noite em que Leo, Bobby e eu fomos a Low Town comprar cocaína? Lembra? Roubei aquele quilo e tudo enlouqueceu e nós tivemos de fugir porque todo mundo começou a disparar suas armas? Sonhei com isso.

Jamais pensei no fato de que Bobby pudesse realmente ter matado aquele cara quando atirou nele. Bobby realmente atirou nele, eu vi e não liguei. Acho que disse a mim mesma que estava sonhando ou algo assim, mas sei que é mentira.

Telefonei para a casa de Bobby e lhe contei tudo. A princípio ele me pareceu bem; conversávamos baixinho para ninguém escutar... e acho que ele começou a chorar. Não posso dizer com certeza, mas talvez ele tenha mentido para si mesmo assim como eu. Não sei se tínhamos consciência do que acontecera.

Eu estava falando do telefone do meu quarto e olhando para o buraco da cama enquanto Bobby não dizia nada do outro lado. Acho que já estou pirando por causa da cocaína, mas não consigo parar. Tem sido a única coisa, além de Johnny Horne e de toda a piração sexual, que me ajuda a continuar... Será que o sonho que tive significa que estou entrando no inferno? Bobby e eu no inferno, lado a lado, cheirando pó com o diabo. Sei que isso não tem graça. Não tem graça nenhuma.

No sonho, o cara em quem Bobby atirou estava diante da bala que entrou em seu peito, e disse que a morte tinha lhe dado um minuto para nos contar o nosso futuro.

Ele disse:

— Você aí, com o revólver... olhe para si mesmo. Os que morrem dessa maneira não se esquecem da cara de seu assassino, e contam tudo à Morte. E ela vai atrás de você. Leva seus amigos ou um parente. Ela leva o que você permitir. O assassinato é só uma maneira de apertar a mão da Morte e dizer: “O que é meu é seu”.

No sonho, Bobby olhou para mim e de volta para o cara em quem tinha atirado. O cara disse:

— Olhe para essa sua namorada. Alguém aqui está guardando um lugar para ela.

E acabou.

Contei esse sonho a Bobby, e ele disse que tinha de ir. Não disse aonde, só que tinha de desligar o telefone e sair. Comprei as botas preferidas de Bobby para o Natal. Foram caras, mas foi preciso economizar um monte, acredite ou não, das minhas sessões com Johnny. Acho que comecei a achar errado gastar esse dinheiro com cocaína. Nem era preciso porque Jacques e Leo garantiam meus baratos com nossas noitadas.

Também não precisei mais ir atrás deles. Jacques me telefona, e se mamãe ou papai atendem, diz que tenho uma entrevista de trabalho. Sempre sei que vai haver uma noite e tanto quando mamãe diz que a ligação é para mim... "É um senhor querendo marcar a sua entrevista..."

Preciso conseguir um trabalho de verdade. Algum lugar onde possa me vestir um pouco melhor, cheirar minha coca e ser muito bem paga.

Diário, espero que esse sonho tenha sido só um pesadelo, e se o homem em Low Town estiver morto, que esteja muito bem em algum lugar, ou que ao menos não esteja sofrendo. Tenho medo de que se isso estiver acontecendo, a Morte esteja guardando um lugar para mim. Provavelmente a Morte deixaria que Bob cuidasse desse lugar. Não gosto de pensar nisso.

Vou tomar uma boa ducha. Preciso terminar o presente de Donna. Já falei sobre isso? Não, acho que não... Bem, senti que devia fazer alguma coisa que uma boa amiga faria, e quis dar a ela algo que a fizesse esquecer tudo o que a vem preocupando em relação a mim. Estou muito a fim disso.

Liguei para o dr. Hayward, conversamos um pouco, e pedi que ele desse um jeito de pegar no quarto de Donna sua jaqueta jeans, quando ela não estivesse em casa. Fui numa loja da cidade e comprei todos os buttons, os enfeites e as passamanarias coloridas de que ela tanto gosta. Passei essas últimas noites costurando e bordando a jaqueta. Sei que há muito tempo ela estava querendo fazer isso, então espero que ela goste. Preciso que ela pare de se preocupar. Isso só cria problemas. Até mais tarde, Diário.

Amor, Laura

23 de dezembro de 1987

Querido Diário,

Terminei a jaqueta de Donna, e são 4h20 da manhã. Não estou conseguindo dormir e acho que vou até a casa de Leo ou de Jacques atrás de um pó, ou quem sabe daquele Valium que Jacques me deu há algumas semanas. Foi ótimo. Talvez eu telefone antes. Não gosto de andar à noite pela floresta sem ter um bom motivo.

Voltarei em um minuto, L

Aqui de novo, e muito contente por não ter saído sem antes telefonar. Não sei se já contei sobre a noite em que me perdi na floresta. Quase morri de medo da escuridão e fiquei ali chorando até o céu começar a clarear e eu conseguir encontrar o caminho de volta. Ofereceram-me uma carona para casa, mas como eu tinha medo que papai chegasse em casa tarde, eu chegaria com Jacques ou com Leo um pouco antes. Papai prefere sua filhinha como ela sempre foi... talvez ainda seja... Não.

Bem, falei primeiro com Leo, e ele disse que estava com saudades. Shelly tinha voltado do enterro da tia, e a herança que eles esperavam não veio. Ela teria de voltar na semana seguinte porque tinha alguma coisa para receber.

Perguntou se eu tinha trabalhado na minha fantasia. Contei a ele que trabalhara um pouco, mas precisava ficar menos louca para isso. Ele riu e disse que Jacques queria me dizer uma coisa.

Jacques pegou o telefone e eu me desculpei por ter ligado tão tarde. Ele disse que só se incomodaria se eu não tivesse ligado, depois me chamou de "amorzinho" e eu sorri, mas não disse nada.

Disse que Leo contara a ele por que eu tinha ligado, e que já tinha se preparado para isso. Disse que no sutiã que eu estava usando outra noite, o de renda branca, ele tinha escondido o meu presente de Natal.

Pedi que ele esperasse um pouco até eu encontrar, mas ele disse que Leo precisava usar o telefone.

Shelly estava esperando que ele ligasse de algum posto, fora do estado. Aposto que, por hora, ele não quer estar com ela. Desliguei e fui procurar o sutiã na gaveta.

O sutiã de renda branca é um dos preferidos de Jacques. Tem um suporte de arame que faz meus seios ficarem muito bonitos. Encontrei-o... graças a Deus eu não tinha tido tempo de lavá-lo!

Dentro do forro do bojo havia um pacotinho, do tamanho de um maço de cigarros só que mais fino. Que sorte mamãe não ter encontrado! Quando abri, percebi que o invólucro era uma página arrancada da *Fleshworld,* mostrando um cara com o corpo parecido com o de Jacques, ajoelhado na frente de uma loira muito bonita. Acho que era a mulher mais bonita que eu já vira nessa revista. Na foto, ela estava quase nua com um papagaio no ombro, e o cara beijava os seus pés como se a adorasse. No pé da página Jacques escrevera: "Lembrei de você, garota fantasia".

Dentro havia quatro Valium, dois baseados, um quarto de grama de coca e um bastonete prateado, novinho em folha. Fiquei tão excitada que quase me esqueci da hora, e ouvi mamãe me chamar para saber se estava tudo bem.

Voei para apagar todas as luzes, menos uma, enfiei o pacotinho de volta no sutiã e joguei tudo embaixo da cama. Pus a jaqueta de Donna no colo e fingi que tinha adormecido.

Pouco depois mamãe entrou no quarto, acordou-me delicadamente e me disse para deitar na cama. Fui brilhante no papel da inocente filha adormecida. Beijei-a, murmurei alguma coisa, e depois que ela saiu esperei uns quarenta minutos para me levantar. Peguei todos os presentes, espalhei tudo sobre a colcha e fiquei brincando no escuro, até poder enfiar uma toalha embaixo da porta e acender novamente a luz. Acendi apenas a do criado-mudo porque era mais sexy que a grande no teto.

Entrei numa fantasia profunda, drogada, feliz, séria, obscena e ainda assim inocente. Mais tarde eu conto... agora estou tão sonhadora... tomei dois Valium, cheirei outra linha de coca e fumei meio baseado. Um exagero, mas quero me foder se não me sentir absolutamente bem.

Acho que vou dar uma espiada nas *Fleshworld* antes que me escape. Ou eu conto a fantasia que acabei de ter, outra ideia que tive ao folhear as revistas.

Noite, noite. L

Dia de Natal,1987

Querido Diário,

Estou na sacada, tentando sintonizar os cânticos natalinos em minha cabeça. Mamãe os tocou a manhã inteira. Gosto do Natal, mas com minha cabeça como está, mal posso suportar. Papai me pegou quando eu estava saindo e pediu para dançar com a sua garotinha preferida. Acho que há anos papai e eu não dançamos.

Lembranças das festas no Great Northern, o borrão das bandeiras e dos pratos e dos cristais entrando em minha cabeça, como eu os via quando papai e eu rodávamos e rodávamos. Ele me girava com uma velocidade que fazia meu estômago saltar, e nós ríamos, ríamos, ríamos.

A dança desta manhã foi na sala de visitas. As luzes das árvores já estavam acesas para que mamãe pudesse preparar as comidas dentro do verdadeiro espírito natalino, e eu olhava o vermelho, o verde e o azul passarem por mim. Olhei dentro dos olhos de papai para não ficar muito tonta, e vi que eles se acenderam, e uma lágrima se formou e escorreu devagar pelo seu rosto. O giro diminuiu e ele me abraçou com força, segurando-me como se temesse alguma coisa.

Mamãe veio da cozinha e disse que ver papai e eu abraçados daquele jeito na frente da árvore de Natal era o melhor presente que ela poderia receber.

Muitas coisas estranhas acontecem na vida. Na minha vida, quero dizer. Poucas horas antes daquela dança eu estava no meu quarto mergulhada num mundo completamente diferente. Espero jamais ter de escolher entre esses dois mundos. Cada um me faz uma pessoa feliz por diferentes motivos.

Vim para cá para escrever a minha fantasia, mas está meio frio e bonito demais para pensar nisso agora. Pelo menos aqui e agora.

Vou até o Double R para beber um café quente. Talvez encontre um reservado só para mim.

Volto logo, L

Dia de Natal, 1987, mais tarde

Querido Diário,

Quando cheguei aqui, no Double R, imediatamente Norma me serviu uma xícara de café. Perfeito. Disse a ela que queria escrever algumas coisas em particular, algo para a escola, por isso vim para o reservado em vez de ficar no balcão.

Antes de me sentar, peguei minha xícara de café no balcão e notei uma velha muito quieta, sentada dois bancos adiante. Ela estava mergulhada em um livro cujo nome era *Mortalha da inocência*. Ela virou a página, completamente absorvida pela leitura. Vi em seu prato que ela tinha comido um pedaço de torta de cereja e começava a beber um café.

Olhei para Norma, que sorriu, e eu balancei a cabeça como se dissesse: "Que figura!". Uma senhora de rosto bonito e delicado, que saíra para comer uma torta, beber um café e ler um livro. Fui para o reservado e me sentei a uma boa mesa. Já ia começar a escrever minha fantasia, quando... Shelly Johnson surgiu do cômodo dos fundos.

A mulher de Leo é mais bonita do que eu me lembrava. Olhei para ela. Examinei cuidadosamente seu corpo se mover, seu sorriso, sua voz. De repente me vi hesitar entre entrar numa disputa ou não ter nenhuma chance com ela. Então a ouvi dizer alguma coisa a Norma sobre Leo. Algo como ele nunca estar em casa, ou quando está, querer sair. Eu tinha vencido. Senti-me uma puta por estar pensando nisso, mas pensei, porque já havia um bom tempo vinha fazendo isso com ele... E vou continuar se ele quiser.

Sei que não era a isso que ela se referia, mas não podia sentir muita pena dela, ou jamais conseguiria ver Leo novamente. Eu não sabia como lidar com essa situação.

Fiquei observando a velha no balcão tentar se levantar para sair. Obviamente era difícil para ela, e por um instante senti vontade de ajudar... mas Shelly se adiantou.

Norma trouxe outro café e disse que aquela mulher ia muito lá, mas tinha muita dificuldade de se movimentar. As muletas ajudavam, mas ela lutava para dar cada passo, como eu podia ver.

Norma disse também que há muitos velhos em Twin Peaks que não têm quem cuide deles. Não há para onde mandá-los... a menos que seja em Montana. A maioria preferia ficar aqui mesmo. É mais tranquilo. Em geral eles se sentem bem.

Isso ficou na minha cabeça. Um problema para ser solucionado. Eu poderia fazer mais do que ajudar a mulher a chegar até a porta! Ah, a Laura competitiva, sempre na liderança. Nunca mais tinha me sentido assim desde a escola primária. Fiquei animada em descobrir um jeito de ajudar os velhos que Norma mencionou.

Deixei um bilhete para Norma quando paguei a conta. Disse que gostaria de conversar mais sobre um jeito de ajudar aquelas pessoas. Pedi a ela que me telefonasse quando pudesse.

Vou tentar pegar uma carona até a casa de Johnny com Ed Hurley. Posso vê-lo daqui de dentro. Espero que ele esteja indo para aquele lado.

Logo nos falaremos, Laura

P.S.: Natal, à noite. Mais tarde eu conto, mas ouvi alguma coisa sobre "um telefonema que perturbou Norma", na cafeteria.

Quando eu estava com Johnny ouvi Benjamin falando com o xerife ou algo assim. Vou tentar saber o que foi mais tarde porque Benjamin ficou muito chateado com isso.

Sei que Norma não me telefonaria logo porque Hank, o marido dela, a quem eu nunca vi muito apaixonado, matou um homem na estrada ontem à noite, acho que quando voltava do Lucky 21, na fronteira.

Seja como for, ele vai passar um tempo agora envolvido em um processo de homicídio culposo. É bom que ele fique um tempo longe. Parece que Norma está sempre mal com ele. Sinto muito por Norma. Não por Hank.

3 de janeiro de 1988

Querido Diário,

O Natal foi interessante. Papai tirou três dias de folga e criou a maior dificuldade, sem perceber, para eu conseguir me drogar. Tive de fingir cólicas pré-menstruais para poder ficar sozinha em meu quarto.

Ao subir a escada, parei quando ouvi ele dizer: "Mas estamos no Ano-Novo... estou de férias... Por que ela quer ficar sozinha?".

Ouvi mamãe explicar naquela sua vozinha delicada e muito sábia que eu era uma adolescente. "Os pais são uma chateação para os adolescentes, Leland... Temos sorte que ela passe tanto tempo conosco. Ficou fora de casa só por três horas durante o Ano-Novo, e voltou antes da meia-noite para celebrar conosco."

Mamãe estava fazendo um bom trabalho, então prossegui meu caminho para o quarto, em busca de privacidade e de uma bem merecida carreira.

Uma carreira cura todos os males.

Bobby e eu passamos um Ano-Novo realmente bom, como mamãe disse, durante três horas. Das oito e meia às onze e meia. Fomos para o clube de golfe, onde cerca de trinta casais tiveram o mesmo plano: pegar um cobertor e a droga de sua escolha (o álcool foi o grande campeão, embora Bobby e eu tenhamos fumado um baseado), e ficar abraçadinhos na grama olhando as estrelas.

Estávamos mais longe dos outros, mas perto o suficiente para ouvir, enquanto fumávamos o baseado, os outros casais fazerem planos para o ano e pedidos às estrelas.

Bobby virou de lado e pôs o baseado na minha boca. Traguei, e lembro-me de ter pensado: "Ele vai falar alguma coisa muito séria... estou sentindo". Ele deu uma profunda tragada, segurou, olhou para cima, soltou a fumaça... olhou para mim.

— Laura...?

— Oi, Bobby. — Eu estava me sentindo muito bem. Adoro um baseado.

— Laura, eu sinto muito que às vezes as coisas entre nós tenham de ser como são. Quer dizer, gostaria que nós dois... eu não sei.

— Ah, Bobby, vamos lá. Eu estou ouvindo você. Continue.

— Não posso dizer por você, mas às vezes sinto que estamos tão próximos... Mesmo quando não estamos dormindo juntos. Somos tão íntimos...

Virei-me de lado e apoiei a cabeça na mão. Havia muito tempo não conversávamos. Também estávamos bem chapados.

— Continue, eu concordo.

— Outras vezes... sei lá que diabo é o quê. É como se eu estivesse fazendo da minha vida uma merda... toda a merda de Bobby Briggs... mas isso não me afeta como talvez devesse. Entende?

Queria entender, então dei a dica:

— Você quer dizer, há uma parte de você que vai à escola, participa do coro, trabalha meio período, ou seja lá o que for, mas a outra parte, aquela que sente e se importa com as coisas, está lá dentro adormecida?

— É... É mais ou menos isso. Mas estou perdendo o mais importante.

Ele me ofereceu a última tragada do baseado. Eu aceitei, e fumei enquanto ele ainda segurava entre os dedos. Adoro o cheiro da pele de Bobby. Dei a última tragada, e ele continuou.

— Estive pensando que você e eu estamos juntos só porque é isso que esperávamos que fizéssemos. Isso faz sentido para você? — Concordei. Sabia o que ele estava dizendo. — Eu não quero que fiquemos juntos por causa de um trato que fizemos porque... quero dizer, Leo e toda a "neve" na casa dele. Às vezes acho que isso não tem importância, outras acho que se você tivesse de escolher entre mim e a neve... Bom, acho que eu perderia.

Baixei os olhos para o cobertor onde estávamos sentados. Tentei ver o xadrez no escuro, mas só enxerguei vagas sombras do preto e vermelho que eu sabia que tinha. Puxei um pedaço de lã nervosamente. Por fim consegui erguer os olhos para ele.

Disse-lhe que às vezes eu escolheria a coca sim, mas que *escolheria a coca a qualquer outra pessoa.* Disse que não queria magoá-lo, ou a qualquer outro. Apenas sentia que às vezes só era boa companhia para mim mesma, pelo que está acontecendo com a minha vida.

Ele disse que talvez entendesse isso, mas queria saber se eu achava que a coca era o problema.

Disse a ele, muito calmamente, que só tinha começado a gostar realmente da coca porque não precisava pensar em "problema" nenhum. E que gostava de maconha pela mesma razão.

Lembro-me de dizer: "Não posso lhe contar nada, Bobby. Simplesmente não posso. Entendo que você queira me deixar por causa disso, mas não posso contar a você nem a ninguém". Eu sabia que a coca era um problema, mas não era nada perto de Bob.

Ele não disse nada por um bom tempo. Depois me beijou. Beijou-me longamente, e quando parou, e olhou para mim, disse que eu não conhecia todos os seus problemas, e que ele tentaria entender as vezes que eu não quisesse dar saltos de alegria. Algo mais ou menos assim. Depois disse que sentia que pertencíamos um ao outro, pelo menos naquele momento.

As coisas ficaram estranhas pelo resto da noite. Não de um jeito ruim, mas

diferente da maneira como Bobby e eu costumamos ficar quando estamos juntos. Continuamos ali durante horas, e depois, e isso estou dizendo sinceramente, fizemos amor. Sem jogos, sem controles, sem ego, sem maus pensamentos ou pensamentos sobre qualquer outra coisa exceto sobre o que estava acontecendo. Foi fantástico. Nós dois achamos isso.

Sabia que amava Bobby naquele momento, e sei que o amo agora. Só queria saber se posso me permitir ter qualquer um desses sentimentos puros e maravilhosos sem criar problemas com Bob.

Por que sempre, sempre tenho de pensar duas vezes sobre minha vida e meus sentimentos? Por que não posso simplesmente amá-lo, lutar junto com ele, beijá-lo etc., sem me preocupar se vou morrer por isso?

Por que outras garotas têm o direito de ser felizes? Por que não posso contar a verdade a ele?

Você não conhece a verdade.

Você está aqui.

Espertinha.

O que você quer?

Só checar as coisas.

Ótimo. Estou aqui. Já checou. Agora vá embora.

Vi sua luz acesa seis noites seguidas.

Você e todo mundo que passou na rua.

Laura Palmer... seja boazinha.

Você nunca me ensinou isso.

Boa. Definição: não ser rude.

Já estou num ponto em que nada mais me importa, Bob. Faça o que tiver de fazer.

Não tenho de fazer nada.

Que bom para você! Agora caia fora da minha cabeça!

Quero coisas.

Não consigo ouvi-lo.

Nós dois sabemos que você pode.

Diário, estou aqui sozinha em meu quarto. Tive um dia maravilhoso, e agora estou sentada na cama, por cima das cobertas, escrevendo em você. Sei que posso controlar isto. Sei que posso *ver Bob porque ele é real. Uma ameaça real. Para você, Laura Palmer. Para todo mundo que está perto de você. Seja boazinha. Fique contente por me ver.*

Nunca!

Você só torna as coisas piores assim.

Isso é impossível! Saia da minha cabeça, caralho!

Gosto daqui. Vou ficar mais um pouco.

Ótimo.

Seja boazinha.

Boazinha? Oi, Bob, é você? Que bom você ter entrado na minha cabeça. A porta está sempre aberta, você sabe. Por que nós dois não vamos dar um passeio na floresta, Bob? Vamos! Vamos dar um passeio. Podemos jogar o jogo de hoje.

O que vai ser... sexo?

Não. Você não presta.

Você está errado.

Tente de novo, Laura Palmer.

Não vale a pena.

Tenho um recado.

Recado de quem...?

De um homem morto.

Estou ficando louca! Você não é real! É simples. Preciso procurar um médico porque estou criando isto. Tenho de me cuidar. Calma. Preciso ter calma.

Recado: Um lugar está sendo guardado para você... Laura Palmer.

Pare!

Volto logo.

Está vendo? Você está na minha cabeça. Ninguém mais além de você sabe os detalhes do meu sonho com a morte. Nem mesmo Bobby.
Bob não é real.

Laura

7 de janeiro de 1988

Aos olhos do visitante

Sou algo constante
Um animal de caça
Tanto faz quantas vezes
Me atacam
Volto ao ninho
Sangrando

Eu fico.

Sou o maior dos tolos.
Uma falha no ciclo da vida.
Uma criatura sem nenhum
Respeito
Pela vida
Por si mesma
Por seus inimigos
Estou sempre ali
No caminho do inimigo.

Eu fico.

Não tenho nenhum respeito
Nada sobrou
Para o inimigo
Para o ninho
Para a planta
Para a caça.
Espero
Sem nenhuma escolha
Enfrento sua ameaça
Para levar esta criança

Pela mão até a Morte.

20 de janeiro de 1988

Querido Diário,

Tenho boas notícias.

Passei a tarde com Johnny. Ele estava especialmente de bom humor e decidi que o dia estava bonito demais para ficarmos dentro de casa.

Fomos para o gramado que se estende diante da casa. É uma grande extensão de grama e flores, cuidadas o ano inteiro por um batalhão de homens e mulheres de dedos verdes e todo o resto também. É um lugar perfeito para se passar a tarde de sábado. Em geral fico com Johnny às segundas, quartas e sextas, mas parece que ontem um especialista veio vê-lo, e Benjamin pediu-me para vir hoje.

Entre mim e você, Diário, hoje é muito melhor para mim. *Ontem,* pela segunda vez na vida, faltei na escola. Passei o dia todo no meu quarto, reorganizando as coisas. Mamãe e papai viajaram às seis da manhã para uma convenção e passaram o dia fora.

Arrumei as gavetas e comprei uma tranca para a porta. Foi fácil instalar porque é um trinco de corrente. Algumas parafusadas mais tarde e minha privacidade estava garantida. Se tudo fosse tão simples assim! Nem perguntei aos meus pais se isso poderia incomodá-los, porque sei que eles pensam que só vou me trancar quando estiver lá dentro. Não é bem assim, mas por enquanto, até que eu consiga pensar em um motivo que eles aprovem, sem questionar... *é isso aí.*

Mergulhei nos números mais recentes da *Fleshworld Magazine* e cheguei à conclusão de que está na hora de submeter minha fantasia a julgamento. Há um concurso só durante este mês, “A Fantasia do Mês”. O vencedor recebe duzentos dólares. Garante-se o anonimato, embora seja necessário um endereço para correspondência. Meu cofre no banco dá direito a seis semanas de uso gratuito de caixa postal. Vou lá mais tarde para cuidar disso. Não haverá perigo nenhum se eu usar um pseudônimo.

Hoje ganhei um novo impulso. O tempo que passei com Johnny foi maravilhoso, e eu diria até quase espiritual. Ficamos deitados de bruços na grama, um na frente do outro, e ele quis que eu contasse várias histórias, assim que eu terminava uma, ele aplaudia e pedia: “História!”.

Também não queria que eu lesse. Queria histórias reais. Experiências de vida. A primeira coisa que me passou pela cabeça foi: *isso é impossível.* Não

posso contar a ele nenhuma das minhas histórias. Mas então me lembrei de que eu não só tinha algumas histórias bastante adequadas como havia muito me esquecera do nível mental de Johnny. Poderia recitar uma lista de compras com a entonação de um contador de histórias, e ele ficaria feliz do mesmo jeito. O que ele queria era estar envolvido em uma conversa cara a cara, em algum tipo de interação. Falar, e não conversar sobre alguma coisa.

Eu consegui parar de sentir pena de mim mesma e me lembrei das épocas mais felizes da minha vida, tanto quanto das tristes. Cada história me ajudava mais do que a Johnny. Tive a oportunidade de entender a que distância a felicidade estava de mim, e quanto eu sentia falta dela.

Como você pode imaginar, basicamente tirei vantagem absoluta dessa oportunidade, só por ficar tagarelando com alguém, história ou não, ininterruptamente. Nenhuma pergunta, nenhum comentário, nenhum julgamento sobre quem eu era ou para onde eu iria depois que morresse. Johnny é o melhor ouvinte que conheço.

Senti-me renovada e até entretida, graças às mímicas faciais de Johnny durante a conversa. Ele sempre meneava a cabeça se estava entendendo... sorria quando eu sorria, e ao ouvir a palavra “fim”, usava toda a sua energia para me aplaudir.

Por volta de duas e meia da tarde, a sra. Horne, a quem me surpreendeu ver sem sacolas de compras embaixo do braço e uma multa de trânsito na boca, chamou nós dois para comermos alguma coisa. Quando olhei o relógio, levei um susto ao ver que quase três horas e meia haviam se passado.

Antes que eu pudesse me levantar, Johnny me pegou pela mão e deu um dos maiores sorrisos que já vi em seu rosto. Ele fechou os olhos, voltou a abri-los e disse a sua primeira frase! *Ele disse: “Eu amo você, Laura”.*

Poderia continuar escrevendo durante horas sobre como foi maravilhoso tudo isso, sobre o incrível salto que foi para ele, tanto quanto para mim. Foi o maior elogio que já recebi na vida.

Depois de comer fui resolver a questão da caixa postal. Vou ter de pensar muito bem nessa fantasia. Talvez não deva escrevê-la aqui, nas suas páginas, porque, a menos que seja editada, na verdade nunca aconteceu comigo. Ou será que aconteceu?

Logo mais, Laura

1º de fevereiro de 1988

Querido Diário,

São tantas as minhas experiências sexuais que resolvi que é importante dar uma olhada ao menos nas iniciais das pessoas com quem estive.

B.
B.B.
L.J.
R.P.
J.C.L.
T.T.R.
D.M.J.
C.D.M.
M.R.M.
D.G.
G.N.
G.P.
D.L.
M.R.
M.F.
R.D.
T.T.O.
K.M.Y.
S.R.
A.N.
M.D.
J.H.
M.F
C.S.
B.G.D.
L.D.
J.H. e todos os desconhecidos que eu não vi — na cabana.
T.P.S.
M.T.

G.L.
J.S.
M.V.L.
C.S.
D.M.J.
A.W.N.
M.S.R.
D.D.
S.C.
H.P.
B.E.

9 de fevereiro de 1988

Querido Diário,

Uma coisa muito estranha aconteceu.

Saí furtivamente de casa ontem à noite para encontrar Leo e Jacques na cabana. Ronnette deveria estar lá também, e eu estava muito a fim de vê-la. Aliás, há muito tempo que não converso com uma mulher. Donna não entenderia tudo isso. Precisava desesperadamente de uma amiga.

Comecei a andar, mas então resolvi chegar mais depressa (um grande erro), e fui para a Highway 21 na esperança de pegar uma carona por uns três quilômetros até a cabana.

Passaram-se cerca de quinze minutos e apareceu um veículo enorme, parecido com o caminhão de Leo, descendo a estrada. Ergui o polegar e, é claro, o caminhão parou e a porta se abriu. Dentro da cabine havia quatro caminhoneiros bêbados e muito drogados, pelo que pude perceber, vindos da cidade. Um deles me ofereceu cerveja, e eu aceitei. Não porque quisesse, mas porque de repente tive medo de contrariá-los.

Disse onde queria descer, e pouco antes do ponto, terminei a cerveja e comecei a arrancar o rótulo nervosamente. *Saquei que não íamos parar.*

Disse ao motorista que íamos passar do meu "ponto", e ele me disse que eu devia contar com isso ao pegar carona tarde da noite com um corpo como o meu, me oferecendo como eu estava naquele jeans e naquela camiseta.

Juro que eu não estava me "oferecendo" com aquela roupa, Diário. Meu único erro foi sair da trilha pela floresta e ir sozinha para a estrada. Foi um grande erro, mas eu ... nem pensei nisso.

Passamos pelos Twin Peaks e continuamos subindo até um motel quase destruído, e eu imaginei que estivesse fechado ou abandonado por causa da aparência. Mas nem preciso dizer que esses caras já tinham dois quartos lá e basicamente me carregaram para dentro de um deles. Gravei o número na porta: 207. Se eu conseguisse pedir ajuda, saberia onde estava. Não tinha muita certeza se sairia de lá inteira.

Todos eles eram incrivelmente briguentos. Gritavam a plenos pulmões e se comunicavam numa linguagem vulgar. Pensei então que, se eu conseguisse me levantar sem que eles percebessem, poderia correr mais que qualquer um daqueles bêbados. Fui o mais cuidadosa possível, mas no momento em que me levantei, três deles estavam em cima de mim.

— Aonde pensa que vai, benzinho?

— Ei, por que nós dois não vamos lá dentro e fazemos um número de dança particular? — Esse era o mais feio de todos. Eu sabia que se não fizesse alguma coisa logo, algo para manipular a situação do meu jeito, eles se tornariam violentos e com certeza me estuprariam. Sabia que não sairia de lá viva. *Estava apavorada.* Forcei um sorriso.

— Ouçam... todos vocês.

Um deles me olhou como se eu fosse doida por estar tomando essas "liberdades". Contudo, ele estava interessado no que eu ia dizer, porque fez os outros calarem a boca e se aproximar da cadeira onde eu estava.

Consegui arrancar outro sorriso de meu rosto e continuei:

— Olha, se vocês estão a fim de brincar... e vocês sabem o que estou dizendo... então vamos fazer a coisa direito, tá?

Um deles, o que era cheio de tatuagens, parou diante da cadeira e meteu um chute nela. Cinco ou seis vezes. Tentei não demonstrar o medo que sentia. Ele se inclinou, uma barba espetada no rosto, um hálito de lata de lixo.

— É melhor prestar atenção no que está dizendo, sua putinha, porque do lugar de onde eu venho um buraco como você nunca ousa dizer a um homem que ele não tá fazendo um trabalho direito.

— Eu não quis dizer que vocês não sejam experientes. Isso dá para ver só pelo jeito de vocês andarem. — Céus, eles eram horríveis. Minha língua tremia dentro da boca, nervosa e mentirosa. Eu fui tão imbecil!

Um deles, o mais jovem, e o único que parecia demonstrar algum interesse por mim, sugeriu aos outros que ouvissem o que eu tinha a dizer.

Endireitei-me na cadeira e olhei para cada um deles, cuidadosamente. Pensei, vamos lá. Ou você convence esses caras, ou provavelmente vão estuprar e matar você. Não vá deixar que gente desse tipo acabe com a sua vida. Vá inventando alguma coisa enquanto vai em frente, Laura.

— Bom, eu não tenho nada contra bebida, drogas ou sexo, desde que seja tudo dentro da medida. Não tenho nada contra uma trepada, bancar a mamãezinha ou a menininha... principalmente a menininha. E nem vou me negar a fazer meu show especial, para todos vocês.

Os quatro balançavam a cabeça e arrotavam, os olhos cada vez mais arregalados.

— Acho que todos vão gostar *muito* do meu show... vou inventar algumas coisas novas; o que vocês quiserem que eu faça, é só dizer no meu ouvido... *Vamos fazer uns joguinhos, tá?* Mas vamos ter de fazer um trato: vou pegar uma carona de volta para a cidade, e sair daqui do mesmo jeito que entrei. Sem violência.

Um deles achou que era macho demais para isso e disse:

— Dou um murro na sua cara se estiver a fim, sua puta.

Respirei fundo para me controlar; inclinei-me na direção dele como se fosse fazer uma confidência.

— Se você sentir vontade de me bater, como acabou de dizer, de dar um murro na minha cara, eu não poderei fazer... a minha parte — Engoli em seco. — Pode me chamar de puta, do que quiser, mas vamos fazer do meu jeito, tá...?

Precisei de mais uns quarenta minutos para que eles aceitassem assistir ao meu show e parar com todas as atitudes agressivas e os gritos. Por fim ofereci um Valium a cada um na cerveja e pedi que sentassem na cama, bebessem, que eu ia começar. Jamais senti tanto medo, eu juro. Esqueci dos pesadelos, dos carros em alta velocidade em pista molhada, esqueci até de Bob, simplesmente porque, comparado àquilo, eram quatro para um. E cada um deles era grande o suficiente para me comer inteira como aperitivo antes do almoço.

Eles se sentaram na cama, menos um deles, que eu pedi para ficar na porta para que ninguém pensasse que eu estava planejando fugir. Coloquei a cadeira no meio do quarto. Uma cadeira de madeira com encosto alto... *quase perfeita.* Dei alguns passos pelo quarto e apaguei todas as luzes.

Comecei a tirar a roupa devagar, e a cada peça que eu tirava, tentava me lembrar onde a "jogava" (se eles apagassem conforme eu esperava), para me vestir depressa e dar o fora.

Eu falava comigo mesma. Imaginava estar chapada para conseguir relaxar. Morria de medo de que algum deles fosse saltar em cima de mim e dizer:

— Você é demais, benzinho — Mas não aconteceu.

Lentamente dei início à sequência da "menininha perdida na floresta"... o número preferido de Leo e Jacques porque eu me transformava em "mamãe" muito depressa.

Eu rezava para conseguir mantê-los ligados o tempo suficiente de suas pálpebras começarem a pesar. Fui até o cara que estava na porta, provavelmente o menos perigoso, ergui a mão dele, que estava surpreendentemente relaxada, coloquei-a sobre meu seio e falei suavemente com ele.

Passaram-se uns bons quinze minutos até que ele começasse a me tocar e entrar realmente numa conversa comigo, e pude senti-lo se entregar, exatamente como Jacques. Um outro começou a ficar enciumado e disse:

— Ei, que tal vir aqui?

— Calma, rapazes, eu não estou cansada. *Jamais* me chateio, e não me esqueceria nunca de quem está aqui.

Tinha de manter todo mundo feliz. Girei a cadeira e pedi ao cara que estava comigo para se ajoelhar. Falei suavemente com ele para que isso não parecesse uma ameaça, e comecei a dançar. Dei a volta pelo quarto... prestando atenção em cada um deles... admirando-os, nenhum problema com eles... mentindo... (Ninguém parecia ter sono!)

Por fim voltei para a cadeira. Em seguida começou a parte mais quente de

todo o número... uma sequência agitada de senta-e-gira durante a qual todos eles se inclinaram para olhar mais de perto o que eu fazia. Continuei com isso e caprichei ao máximo... *prolongando o quanto pude*.

Fiz o que foi possível inventar para mantê-los física e *emocionalmente* intoxicados. Todos pareciam cansados, mas ainda conseguiam aplaudir e assobiar.

Para resumir, foram três horas disso até eles apagarem e eu ficar apenas com um. Um grandalhão meio bobo, com uma barba de três dias e olhos esbugalhados. Disse que eu tinha hipnotizado todo mundo.

Perguntei se ele queria ir para o outro quarto. Ele tinha a chave. Me aproximei do ouvido dele e perguntei:

— Que tal no caminhão?

— Claro, a escolha é sua, benzinho.

Então juntei como pude as minhas roupas, menos as meias e o sutiã, e me aventurei pela noite, tentando pensar num jeito de sair daquele lugar... o mais rápido possível. Tinha de dar o fora. Me drogar. Chegar em casa.

Tão logo foi possível, sentei no banco do motorista e convidei o cara fazendo biquinho com os lábios. Ele escorregou rapidamente pelo assento de vinil. Mergulhou a cabeça em meus seios, e eu pensei, agora, Laura, encontre a garrafa com a outra mão... ali! Não vá tão depressa. Mantenha-o distraído, e bam! Acertei a cabeça do cara com a garrafa e começou a sangrar. *Ele sangrava por todos os lados*. Saltei do caminhão e comecei a correr, quase nua... mas e daí? Queria me livrar daqueles caras antes que eles percebessem o que eu tinha feito.

Fui para a cabana de Jacques na esperança de que ele e Leo estivessem lá, ainda com Ronnette.

Quando cheguei, estava pálida, emocionalmente abatida. Explodi em lágrimas e caí de joelhos no chão. Ronnette me ajudou a deitar. Eu não parava de chorar! E ainda sentia vergonha de ter conseguido escapar daquilo tudo da maneira como fiz... Sentia-me a pessoa mais suja do mundo! Bob tinha razão, ele tinha toda a razão.

Agarrei-me ao braço de Ronnette e a ouvi dizer:

— Ela está toda suja de sangue, vou ter de limpá-la. Esse sangue só vai fazê-la se sentir pior.

A próxima coisa de que me lembro é acordar na minha própria cama, com um bilhete preso no pulso.

Querida Laura,

Tentamos fazer o possível para acalmá-la, mas você estava histérica... e só

pedia para voltar para casa. Acho que ninguém nos ouviu entrar, mas, se isso aconteceu, conte a eles o que houve.

Agora está tudo bem. Você estava muito assustada... Quem sabe a gente se encontra logo para conversar um pouco ou qualquer outra coisa, tá?

Ronnette

Então foi essa a minha noite. Você pode estar achando que aprendi, mas acho que por alguma razão isso não aconteceu.

Tenho pensado, desde que acordei esta manhã, que meu show para aqueles caras poderia ter sido melhor! Minha cabeça não consegue pensar em outra coisa, como uma fita que se repete num gravador, só que a cada vez o show vai ficando melhor, mais relaxado... Digo coisas mais excitantes. Para dizer a verdade, *estou pensando em sair e procurar aqueles caras!*

Devo estar ficando louca... isso tudo está errado! Eu sou toda errada!

Falamos depois, Laura

4 de março de 1988

Querido Diário,

Ontem passei o dia com Donna, e vi que não temos mais nada para dizer uma à outra. Claro que conversamos, e ela falou dela, mas o tempo todo eu não pensava em outra coisa que não fosse ir embora. Podia sentir murinhos perfeitos e puros se fechando à minha volta.

Ela me levou para o quarto, fechou a porta e começou a me contar que ela e Mike logo iriam transar. Eles estavam fazendo todos os planos. Seria terça-feira à noite...? Não me lembro.

Então ela me contou isso e esperava que eu dissesse: “Uau, Donna! Você tem certeza de que quer isso mesmo?”.

Pareceu-me, então, que Donna ia indo muito bem com o melhor amigo de Bobby, Mike. Lembra-se dele? O comercial de goma de mascar? Só posso desejar que ele seja gentil com ela. Continuo achando ele um idiota... mas não tenho de trepar com ele, certo?

Divirta-se, Donna.
Laura

10 de março de 1988

Querido Diário,

Eu estava aqui sentada no meu quarto, pensando em Bobby. Talvez não devesse ter lhe contado o que aconteceu com os caminhoneiros, porque desde então ele não falou mais comigo. Só contei a verdade, exatamente como combinamos na noite de Ano-Novo. A gente quer ser sincero... A gente diz que se ama... Só fiz o que fiz para sair viva de lá.

Benjamin Horne acabou de telefonar. Mamãe gritou lá de baixo que era para mim, e que era Benjamin Horne. Minha primeira pergunta, antes mesmo de dizer "alô", foi: "Johnny está bem?".

Ele me pediu para sentar. Eu sabia que papai estava em casa, mamãe também... Johnny estava bem... "O que foi?"

Ele disse que Troy tinha sido encontrado de manhã nas trilhas perto da fronteira. Tinha uma pata quebrada, e estava sem três ferraduras... sem falar de seu total estado de desnutrição. Ele não conseguira encontrar comida. Benjamin disse que era mesmo Troy por causa da marca do Broken Circle gravada nele. Disse também que vira o guarda da fronteira atirar nele. Dois tiros na cabeça. Disse que parecia que alguém o tinha soltado. Prometeu pelo telefone que encontraria essa pessoa horrível e ela ficaria sabendo o que fizera com um pônei tão bonito.

Eu desliguei.

Olhei à minha volta, e tudo começou a ficar cinza, preto, cinza, preto... Sou tão má! Para todo lado que me volto as coisas me dizem que sou uma pessoa maligna, errada, maldosa... *Como fui capaz de fazer uma coisa dessas com Troy?*

Se eu não fosse tão terrível, sairia, agora mesmo, para me encontrar com ele. Iríamos os dois para os campos, onde poderíamos sobreviver de alguma maneira.

Não acredito no que está acontecendo com a minha vida! Como é possível que um dia seja tão precioso, e o outro um pesadelo... um sonho mau que me leva para a morte... exatamente neste instante.

L

7 de abril de 1988

Querido Diário,

Não só gosto muito do meu trabalho na seção de perfumes, como adoro trabalhar com alguém tão legal quanto Ronnette. Ela sempre entende quando estou deprimida e não me aborrece por isso.

Bobby está falando comigo novamente e nos encontramos sempre — umas duas vezes por semana no máximo, ou uma média, digamos, de cinco vezes por mês. Mas nos vemos diariamente. Agora na escola pouco ficamos juntos. O mais engraçado é que fomos escolhidos como o "casal do ano" pelos estudantes.

Acho que nos gostamos muito, mas nos tornamos objeto de conforto e conveniência um para o outro — sem o amor e a atenção que costumávamos ter. Muitas vezes nos drogamos juntos — quase sempre na casa de Leo, ou quando vamos para Pearl Lakes.

Quando vamos cheirar na casa de Leo, principalmente nestes últimos tempos, Bobby presta mais atenção em Shelly do que Leo presta em mim.

Acho que eles estão tendo um caso... se é que já não estão secretamente envolvidos. Outro dia eu disse isso ao Leo, o que certamente foi um erro. Muitas vezes tenho vontade de me matar pelas besteiras que saem de minha boca quando a coca entra pelo nariz, mas infelizmente às vezes não posso evitar. Tive de implorar que Leo se acalmasse. Nunca vi tanta violência surgir tão de repente.

Jamais duvidei que Leo fosse um cara estourado, mas o que me preocupou foi a raiva que ele sentiu em tão pouco tempo. Pessoalmente acho que Bobby e Shelly estão tendo um relacionamento... Não gosto da ideia de estar só, mas há coisas piores que isso, e acho que Bobby e Shelly são bons um para o outro. Diria até que Leo Johnson e Laura Palmer são farinha do mesmo saco... Seja o que for, o que quero dizer é que Leo e eu dormimos juntos mais vezes do que Bobby e eu, e sei que o mesmo acontece com Leo e Shelly.

Porque escolhemos as pessoas desse jeito? Para evitar a solidão a qualquer custo... Escolher um companheiro pelo seu horário de trabalho, seu salário ou por suas habilidades na cama são bons motivos, se você tiver sorte de encontrar um cara assim que também seja um cara legal.

Bobby parecia perfeito para mim. Ele estava lá. Era inteligente, sociável, de boa família... e jurou me amar até entender que eu não podia amá-lo agora. Apaixonar-se é como levantar uma bandeira branca diante do inimigo e dizer: "Nós nos entregamos, estamos apaixonados e o amor é entrega".

Não posso fazer isso até ter certeza de que Bob esteja realmente morto. Até que eu veja um cadáver que eu possa chutar quantas vezes tiver vontade. Oh, Deus, espero que esse dia chegue logo.

Laura

10 de abril de 1988

Querido Diário,

Hoje fui à Loja de Departamentos Horne para o meu primeiro dia, embora eu já esteja indo lá há um mês. Espero aprender mais do que já sei.

O sr. Battis, o gerente do departamento, me faz lembrar uma fruta bem grande... já meio apodrecida... O que ele está fazendo ali e quando vai sair? Coitado!

O sr. Battis se sente tão culpado por trepar com as “amiguinhas” do chefe que ele não saiu de perto do balcão de perfumes. É como se ele estivesse me espionando — uma praga constante que não me deixa dar uma cheirada ou passar a mão na bunda de Ronnette.

Lembro-me de no primeiro dia ter me sentido intimidada no escritório de Benjamin — pelo tamanho da sala, o número de aparelhos de telefone tocando constantemente, a vista, o tamanho do sofá, e... Ha...!

Nesse dia Benjamin me disse:

— Alguém do pessoal vai telefonar para a sua casa, Laura, para marcar o seu primeiro dia logo.

Infelizmente não deu: o sr. Battis é uma coisa redonda e apodrecida, menos interessante do que eu tinha imaginado e menos desejável ainda de se ter por perto. De qualquer maneira vou ter de lhe dizer logo, logo que ele mais aborrece do que ajuda as pessoas que trabalham aqui embaixo, e que pessoalmente me cansa ter de sorrir para a sua cara ridícula e para o seu aborrecido senso de humor.

Tenho certeza de que pareço uma puta, mas, ah, eu mereço isso. Trabalho muito, e às vezes as coisas se tornam muito pesadas para mim.

Vou parar um pouco: voltarei em quinze minutos. Preciso de um cigarro e uma carreira.

Voltei. Eu estava saindo do banheiro das mulheres e vi Donna aproximar-se do meu balcão. *Saco*, logo quando eu estava começando a me sentir melhor.

Ela veio e começou com um blá-blá-blá sobre sua viagem na semana que vem para procurar outro colégio, e como ia sentir saudades de Mike, e “Quanto custa este vidrinho aqui?”.

Fiquei feliz por tê-la visto, mas ao mesmo tempo não fiquei. Me aborrece que ela esteja tão bem com Mike, não por querer que ele a maltrate, mas porque no fundo gostaria que ela gostasse mais de mim, ou preferisse minha companhia à dele. Percebo como sou egoísta ao ver isso escrito aqui, principalmente depois que parei de telefonar para ela. Já não somos mais amigas, na verdade.

Acho que somos como todo mundo. Prometemos algo para toda a vida, quando na verdade é só até nos cansarmos daquilo. Quando ela se retirou, e saiu pela porta, foi como se estivesse indo para sempre.

Laura

21 de abril de 1988

Querido Diário,

Ronnette acabou de ligar do trabalho para dizer que, embora seja o meu dia de folga, a ajudante não tinha chegado até a noite e ela precisava de alguém para ajudar no balcão... será que eu poderia ir?

Em outras palavras, diga na sua casa que você vai trabalhar até tarde: há uma festinha particular com Leo e Jacques na cabana da floresta.

Ronnette e eu temos um código para determinadas coisas e lugares. “Preciso de uma força, agora mesmo!” significa “Preciso de cocaína, você tem?”. Ou “Preciso de uma ajudante no balcão, agora!” significa “Não tem pó na cabana, traga o que você tiver”.

Então, Ronnette e eu fomos de carro para lá, e no caminho eu tentei convencê-la de que ela nunca seria reconhecida, ninguém a tocaria, e ficaria incrivelmente rica se fizesse “isso” comigo. “Isso” significa mandar fotos dela para a *Fleshworld*. Disse a ela para fazer um pequeno anúncio, com uns tapes obscenos, roupas de baixo e fotos, em troca de uma pequena remuneração... etc. Consiga uma caixa postal, invente um nome com uma história falsa — poderíamos pedir a Jacques que fizesse as fotos naquela mesma noite.

Havia algumas horas estávamos bebendo na cabana, quando pedi ao Jacques que tirasse umas fotos Polaroid de mim.

As cortinas vermelhas das janelas da cabana eram um bom fundo, uma cor bastante adequada para as poses que eu faria, para vender milhões de cópias.

Jacques e Leo ficaram superexcitados com o que eu estava fazendo. Eu tinha encontrado uma nova maneira de seduzi-los. Ronnette me viu em ação e achou que, afinal de contas, a ideia não era tão má assim.

Até mais, Laura

22 de julho de 1988

Querido Diário,

Feliz dezesseis anos para mim...

Tudo parece um sonho, um sonho mau e muito triste de uma menininha que a vida inteira sonhou com sua vida aos dezesseis anos. Ah, Diário, eu tinha tantas imagens lindas do rapaz por quem me apaixonaria e que jamais sairia do meu lado. De como eu e minhas amigas iríamos em meu carro novo para a praia, com o biquíni por baixo da roupa, e entrávamos na água. Eu teria um corpo perfeito, uma pele perfeita, uma família e um lar perfeitos — a primeira aluna da classe, muito prestativa, ganhando seu próprio dinheiro.

Eu teria meu pônei, um gato e talvez um cachorro. Donna Hayward estaria do meu lado, com um vestido de renda branca, e nossos namorados nos pegariam no portão de nossas casas. Nossos pais gostavam deles porque tínhamos pais perfeitos.

Tudo isso compunha meus sonhos até chegarem os pesadelos. É certo que nunca pensei que minha vida fosse ser esse "quadro perfeito", mas assim mesmo sonhava, na esperança de que tudo fosse possível.

Não posso lhe dizer quanto é especial e valiosa uma fantasia... eu não a perdia até que *desapareceu.* Sem elas eu me tornei fria, paranoica, arredia e aberta a todo tipo de coisas ruins.

A maior parte da verdade você já conhece. Meus dezesseis anos não são o que pensei que seriam.

Bobby Briggs e eu resolvemos dar um tempo um do outro — e acho que ele está tendo um casinho com Shelly —, mas isso não importa. Não posso amar Bobby como ele merece ser amado, e admitir isso me mata por dentro.

Não estou ao lado de Donna Hayward. Alguma coisa aconteceu conosco, nós crescemos *juntas,* mas de repente cresci mais do que ela... Certos fatos me envelheceram, tornaram-me mais amarga.

Percebo que me enganei ao acreditar que ela fosse uma tola por não ter se tornado amarga — ninguém chega tarde da noite da floresta para garantir a ela que não há esperança. Não. Isso é a minha vida.

Não tenho um carro novinho em folha. Meus pais me emprestam o deles. Por que eu deveria ter um em Twin Peaks? Realmente não há muita necessidade.

Tento me esforçar no trabalho, mas preciso fazer mais. Tenho de trabalhar muito para me redimir de tudo o que faço de errado... Minhas baladas de

cocaína, todos os dias, todas as noites, durante meses a fio. Sou uma viciada, e obriguei Bobby a vender drogas ameaçando deixá-lo se não o fizesse. Sei que ele nunca mais vai me querer. Afinal, eu não o mereço. Um físico atlético e um rosto bonito com um coração de ouro... minha fantasia de homem. Tenho de me livrar do pó.

E o sexo! Mais do que uma garota da minha idade deve conhecer. Muito mais. Um sexo que vai se tornando cada vez mais tenebroso — transformando-se num ato de vingança e não de amor.

Adoro dormir com mulheres às vezes porque sei exatamente como agradá-las, e isso me proporciona um *grande controle*! Desejo essa força o tempo todo, o que novamente explica a cocaína. Quase sempre temo que todos os meus atos me mandem para o inferno.

Eu tive um pônei. Era lindo. Troy. Com crina cor de canela. De novo eu me culpo... embora haja circunstâncias em minha vida que me fazem acreditar que o que fiz estava certo. Mas isso não conta. Eu o fiz ir embora, pelo meu próprio sonho de liberdade. Chicoteei-o com força. Vi-o correr... e acredito que ele tenha olhado para trás uma vez, mas me virei para o outro lado. De alguma maneira eu já sabia o que ia acontecer com ele por minha causa.

Encontraram-no com fome, sem ferraduras e com uma pata quebrada, numa trilha perto da fronteira. Benjamin Horne viu-o aceitar em silêncio dois tiros no crânio.

Eu me tornei um ladrão como o visitante Bob. Roubo orgulho e esperança, confiança...

Meu gato... Não quero entrar nisso. Só pensar já é triste demais.

Preciso ir.

Até mais, Laura

22 de julho de 1988

Querido Diário,

Chega de passado, e como eu vou lidando com os erros do presente.

Tenho uma notícia que recebi como um tapa na cara. *Estou grávida*. Sete semanas e meia de gravidez. Ninguém sabe disso além de você e as mulheres da clínica (peguei o carro emprestado hoje para ir ao médico e me certificar). Tenho certeza. Tenho tantas vozes dentro da cabeça agora...

Não cheirei nem uma carreira de cocaína desde ontem à noite — parece que faz anos. Gostaria que toda a minha vida fosse um sonho. Um sonho grande e estranho com muitas tramas e relacionamentos realistas, mas ha, ha. Isso não pode ser a vida de Laura Palmer... Esforço-me demais para fazer o bem! Por quê? Não faço ideia de quem seja o pai desse bebê. Não posso ficar chorando hoje porque é o dia de meu décimo sexto aniversário e todos vão querer saber por que estou tão triste. Não vou contar a ninguém.

Laura

Estes dias tenho pensado na Morte como uma companheira que desejo encontrar.

Adeus, Laura

Oi, putinha.

Você está aí, Bob?

Sempre.

Por que você não me leva agora, leva minha vida... agora?

É fácil demais.

Isso é besteira! Vou ficar louca! Não posso mais viver assim! Ou você sai da minha cabeça agora mesmo, sai da minha vida, da minha casa, dos meus sonhos... ou me mata!

Aí é que está todo o barato.

Então eu tinha razão desde o começo. Seu objetivo sempre foi me matar.

Às vezes, a vida só é o que acontece depois da morte. Eu quis ver o que podia ser feito.

É um experimento.

É. Você já disse isso uma vez.

Eu nunca tive uma chance...

Claro que tem.

Não acredito em você.

Ninguém acredita. É por isso que você está... caindo.

Caindo?

Na escuridão. É bom, não é?

Não.

Não?

Eu lhe disse! Odeio isso! Odeio a mim mesma e tudo o que me rodeia!

Isso é muito ruim.

Você é real, Bob?

Para você, sou a única realidade que existe.

Mas...

Você sempre volta. Sempre diz que vai parar de fazer coisas más... mas nunca para.

Quando você veio pela primeira vez, eu não fazia coisas más. Eu era uma criança! Eu não era nada... era toda bondade... eu era feliz!

Incorreto.

Eu poderia conversar com você a vida inteira e não aprender coisa nenhuma.

É sempre mais difícil se comunicar com um sábio. Esse é o fogo que você tem de atravessar.

Não quero ouvir falar de fogo.

Então você não quer a resposta.

Quem é você... de verdade?

Sou quem você teme que seja.

Basta. Entendi. Já basta. Preciso ir. Ir embora já. Por favor... saia.

Felizes últimos dias, bebê da Laura.

Eu enlouqueci. Não escreverei em você por um tempo.

L

10 de agosto de 1988

Querido Diário,

É difícil descrever sem parecer que estou sentindo pena de mim mesma, embora isso seja apenas meia verdade. Tudo acabou há poucos momentos, e mesmo assim ouço todo tipo de sons e palavras no ar... a vida girando em suas rodas e seguindo adiante. O médico entrou, suas mãos grandes já envolvidas por luvas de borracha, seus olhos tão estéreis quanto a sala e os instrumentos. Ele apertou minha mão. A luva de borracha lembrou-me alguma coisa. Seria Bob?

Os últimos instantes com o bebê foram mais difíceis do que eu poderia imaginar. Que decisão era aquela que eu estava tomando? De quem era aquele filho?

O médico moveu os braços no ar e disse: “Malditas luvas”. Puxou as luvas para cima e foi trabalhar.

As máquinas começaram a funcionar. A enfermeira segurou minha mão. Ela sorriu, e o médico se inclinou entre minhas pernas abertas e mexeu ali por uns momentos. Olhou-me e disse: “Vai sentir um certo desconforto”.

Então fechei os olhos e agarrei a mão da enfermeira. Desejei que essa criança, fosse ela quem fosse, voltasse no momento adequado.

Quando houver um casamento. Uma união de onde você nasça, e não da qual seja responsabilizada. Você, criança, deve ser um presente para aqueles que estão prontos e não um fardo, como tantas outras antes de você. Volte, criança, quando eu mesma não for mais uma criança.

Laura

10 de agosto de 1988

Querido Diário,

Chorei durante todo o caminho de volta da clínica e pensei em todas as coisas que aconteceram comigo, ou que deixei acontecer, nos últimos meses. Gostaria que Maddy estivesse aqui comigo. Quase telefonei pedindo para ela vir, mas decidi não fazê-lo.

Minha única sensação real de gratificação vem do fato de que hoje, à uma hora da tarde, faz dezenove dias que não me drogo. Nada de cocaína. Tem sido muito mais difícil do que imaginei. Às vezes, por um simples hábito, ainda vou ao buraco da cama ver se sobrou alguma coisa naquela parafernália que ainda mantenho lá.

A propósito, esqueci de contar que Norma me ligou há poucos dias, e amanhã vamos nos encontrar para conversarmos sobre aquela minha ideia de ajudar os idosos de Twin Peaks. Espero que dê tudo certo porque isso poderia beneficiar tanto a cidade quanto a minha sobriedade.

Assim que cheguei em casa percebi quanta dor estava sentindo. Achei até que não conseguiria subir a escada até meu quarto. Cruzei com mamãe e ela perguntou:

— Então, como foi?

— A entrevista foi ótima, mãe.

Agarrei-me com força no corrimão e disse que ia me deitar mais cedo. Podia vê-la observando-me subir, degrau por degrau. Assim que cheguei aqui em cima, ela me chamou e disse que a prima Maddy tinha ligado para mim. Fiquei ali, atônita. Maddy tinha ouvido meu chamado.

Nesse mesmo instante senti o olhar de mamãe nas minhas costas — de puro ciúme.

Preciso descansar.

Laura

16 de agosto de 1988
3h15 da madrugada

Querido Diário,

Já faz um bom tempo desde que nós dois nos encontramos tarde da noite.

Ficar sóbria é uma merda. Jamais estive tão paranoica como nesses últimos dias. Parece que perdi todos os meus amigos por causa disso.

Ronnette e eu não conversamos mais como costumávamos, principalmente no trabalho, e ninguém me avisa mais das festas que acontecem na cabana.

Bobby nunca telefona. *Eu telefono para ele!* Que coisa mais esquisita! Ele parece estar bem sem mim, o que me faz achar que todo mundo sabe disso, e da mesma maneira para de se importar comigo. Será que sou a má influência que Bob sempre diz que sou?

Será que minha sobriedade significa que terminarei totalmente sozinha? Até meu novo amigo Harold Smith

20 de agosto de 1988
5h20 da manhã

Querido Diário,

Está muito escuro aqui no meu quarto, e estou escrevendo em você somente com a luminosidade da noite.

Não quero que ninguém saiba que estou acordada. Estou com medo.

Acabei de ter um pesadelo e agora estou suando como louca e mal consigo respirar. No sonho, o mundo inteiro tomava drogas, mas eu tinha parado. Não sei por quê... talvez me sentisse melhor. Talvez pensasse que era a coisa certa.

Tão logo parei de me drogar, tornei-me invisível. Fui subindo para o espaço e comecei a flutuar sobre Twin Peaks... sobre a escola... Ninguém me via, *ninguém*! Entrei na classe e lá estava Donna. Fui direto para ela e gritei em sua cara, mas ela não me ouviu. Bobby e Shelly vinham em minha direção no vestíbulo. Estavam conversando e passaram *através de mim*! Quando me virei para ir atrás deles, vi Leo e Jacques no bebedouro. *Nem eles me viram!* Eu não conseguia a atenção ou fazê-los acreditar que eu era um corpo porque para eles eu não era. Ninguém podia me ver porque eu estava sóbria.

O sonho me pareceu muito real. Eu me senti totalmente só. Quando ergui os olhos para ver como estava a luz que vinha do corredor, do lado de fora da janela, ali, olhando para mim e rindo (a risada não tinha som por causa do vidro), estava Bob! Filho da puta!

Vi seu rosto do outro lado do quarto, iluminado pelo brilho alaranjado da luz da rua. Somente um vidro nos separava. Ele continuou rindo, e então começou a se abaixar, desaparecendo da moldura da janela. Não consegui dormir até o sol nascer e pela janela entrar a luz que não permite a sua volta.

Amor, Laura

20 de agosto de 1988, mais tarde

Querido Diário,

O sr. Battis pediu que eu me encontrasse com ele em seu escritório às cinco e meia. Às cinco e quinze eu disse a Ronnette que precisava ir, mas que voltaria assim que pudesse para ajudá-la a desempacotar os novos produtos.

Fiquei sozinha no escritório do sr. Battis por vários minutos. Sentei-me na cadeira em frente à mesa dele.

Quando o sr. Battis entrou, ele me olhou rapidamente e sorriu. Ele gostava de mim, eu sabia disso, mas agora era muito mais óbvio. Ele deu dois passos até a janela e olhou para fora por entre as cortinas.

— Algo me diz que você está procurando um trabalho melhor.

— É verdade. — Cruzei as pernas.

— Acredito que temos esse trabalho para você — disse, ainda olhando pela janela.

— E do que se trata, sr. Battis? — perguntei.

— Recepcionista... com possibilidade de promoção.

— Recepcionista?

— Sabe dançar, srta. Palmer?

— Amory, sei fazer muitas coisas.

— Então poderá ganhar muito dinheiro.

Ele me disse para encontrá-lo ali mesmo no próximo sábado, e nós (Ronnette também) iríamos a um lugar do outro lado da fronteira chamado Jack Caolho.

Agradeci e saí do escritório. Voltando ao balcão da perfumaria, tomei a decisão de que a sobriedade não era para mim. Ronnette disse que me substituiria. Peguei o envelope dela e fui para o depósito. Cheirei uma parte, virei-me para sair e lá estava Bob, agachado num canto, sorrindo vitorioso.

Um novo jogo, Laura

23 de agosto de 1988

Querido Diário,

Sinto-me muito melhor com a cocaína de volta à minha vida! Ando querendo lhe contar no que deu o meu encontro com Norma. Tenho pensado sobre a melhor maneira de ajudar os idosos que têm dificuldade para sair de casa.

Eu levaria comida a essas pessoas em áreas onde elas não possam sair para fazer uma refeição quente. Eu dei um nome ao programa, que seria Refeições sobre Rodas.

Norma adorou a ideia e disse que daria alguns telefonemas para a prefeitura e talvez para o hospital. Assim poderíamos conseguir recipientes adequados, sem ter de andar muito. Norma topou fazer as refeições, duas por dia, quatro vezes por semana. Os lucros seriam divididos meio a meio. Eu entregaria em cada casa, e talvez recuperasse um pouco de confiança... Será que estou confiante demais? Ou estarei tão envolvida com a coca que nem sei dizer? Então, hoje fui pegar duas refeições na lanchonete.

Estava ajudando Norma a tirar a comida do forno quando Josie Packard entrou.

Ela e Norma conversaram rapidamente, e notei que Josie ficou um pouco chateada, meio emotiva. Norma me chamou de lado e explicou que Josie estava tendo problemas na serraria por causa do seu inglês... Dava para ver que ela estava mal por isso. Eu disse a ela que gostaria muito de lhe dar aulas de inglês, se ela quisesse.

Norma sorriu para mim e deu um tapinha no meu ombro. Josie se adiantou e disse:

— Ficaria mais que feliz de pagá-la pelos seus serviços. Apertamos as mãos e ela disse que seu primeiro dia disponível seria segunda-feira à noite. Para mim estava ótimo. Eu a encontraria na segunda-feira.

Saí da lanchonete com as refeições. Tinha de entregá-las e estar na casa de Johnny Horne em quarenta e cinco minutos. Primeiro fui ao apartamento da sra. Tremond. Deixei a bandeja em frente à porta, junto com a nota e um pedido para que ela me desse uma chave da porta.

Harold Smith era meu próximo freguês. Acho que já lhe contei: ele é um cara interessante. Muito bonito. Aparentemente era botânico. Por alguma razão que ele não se lembra, acordou um dia e descobriu que tinha agorafobia. Acha que a morte está bem ali do outro lado da porta, e que à noite ela chama por ele

como um pássaro estranho.

Ele me convidou para entrar mas eu já estava atrasada e então prometi que ficaria para a próxima vez.

Fui direto para a casa dos Horne, que já estavam prontos para sair. Disse a eles que não se preocupassem: Johnny ficaria muito bem. Convenci Bobby a deixar um pó para mim, e Johnny e eu passamos a noite lendo seu livro de histórias e tomando sorvete.

Até mais tarde, Laura

31 de agosto de 1988

Querido Diário,

Acabei de ler o que escrevi ontem e de repente senti uma imensa vergonha de estar viva. A garota que ganhou este diário em seu décimo segundo aniversário morreu já faz anos, e quem tomou seu lugar nada fez além de caçoar de seus sonhos. Tenho dezesseis anos, sou viciada em cocaína, uma prostituta que trepa com os empregados de seu pai, sem falar da metade desta maldita cidade, e a única diferença da semana passada é que agora sou paga para fazer isso. Minha vida é aquilo que a outra pessoa no quarto quer que seja.

Entretanto, quando estou sozinha, minha vida não é nada.

Sonhei a noite passada que estava na cabana de Jacques na floresta, e procurava um jeito de entrar. Não havia porta, só uma janela, *idêntica à do meu quarto*. Olhei pela janela e vi Waldo voando de um lado para o outro, muito lentamente. Era como se ele voasse em câmera lenta, mas eu sabia que ele estava em pânico. Chamou "Laura, Laura", como se estivesse me prevenindo... E de repente Bob surgiu na janela e agarrou Waldo com as mãos. Bob virou-se para mim sorrindo, e, com um único apertão, esmagou Waldo até matá-lo.

Eu me afastei da janela e corri daquela casa o mais rápido que pude. Para qualquer lado que eu me virasse, a casa estava ali na minha frente e Bob prestes a pular pela janela.

Eu caí de joelhos. Tudo ficou em silêncio. Ergui os olhos e ali, a poucos passos de mim, *estava uma coruja gigante*. Revendo agora, ainda não estou muito certa. "Seria um amigo ou um inimigo?"

Ficamos nos olhando durante um tempo. Senti que ela queria me dizer alguma coisa, mas não o fez.

Acordei querendo que o que a Senhora do Tronco tinha dito, "As corujas são às vezes muito grandes", se referisse a essa noite e significasse que algo de bom ia acontecer comigo. Agora que estou trabalhando no Jack Caolho podia vislumbrar um bom augúrio. Prestarei atenção em tudo, como a Senhora do Tronco me disse para fazer. Desconfio que essa seja a primeira de muitas coisas às quais deverei estar atenta.

Laura

P.S.: Acho que para garantir minha privacidade terei de começar um segundo diário, que, se for encontrado, dará ao intruso a “Laura” que todos pensam que sou.

Precisarei de tempo para encher suas páginas. Será que a vida ainda é algo que eu possa inventar?

13 de novembro de 1988

Querido Diário,

Eu estava na casa dos Horne com Johnny. Um dos seus médicos, o dr. Lawrence Jacoby, juntou-se a nós na brincadeira de acertar os búfalos de borracha.

Percebi imediatamente a atração de Lawrence por mim. Não que isso seja o mais importante, mas sim de onde *vinha* essa atração. Ele se apaixonou pelas "duas Lauras", o motivo de eu querer tão desesperadamente morrer. O que eu considero uma maldição, ele acha atraente e sincero. Ele não faz pouco-caso do meu sofrimento. *Ele o aceita.*

Então o dr. Jacoby e eu começamos a nos encontrar secretamente em seu consultório. Ele me deixa falar e às vezes tento chocá-lo com detalhes do meu eu obscuro, mas mesmo assim ele me aceita, aceita tudo, reconhecendo sempre que a parte mais iluminada de mim, antes de mais nada, também o aceitou. E por isso ele me perdoa. Sei que isso pode parecer vil e doente, talvez, mas às vezes me vejo odiando-o profundamente porque ele nunca confirma meus medos mais profundos: que estou me tornando como Bob — má.

Talvez seja o jeito como ele fala: eu simplesmente me esqueci de como ser amada.

Laura

13 de janeiro de 1989

Querido Diário,

Não tenho escrito em você porque o dr. Jacoby me deu um belo gravador no Natal. Disse que isso podia me ajudar a falar. Mandei algumas fitas para ele depois de ouvi-las eu mesma. Descobri que mesmo assim continuo muito triste; ouvir o que há nessas fitas não me ajuda a achar que os problemas não me pertencem.

Deveria escrever com mais frequência, mas, com tanto trabalho e o outro diário que devo manter "adequadamente atualizado", mal tenho tempo para ser sincera como sempre sou com você.

Quando puder, escreverei mais.

Laura

27 de março de 1989

Querido Diário,

Já faz algumas semanas que prometi ao Harold passar mais tempo com ele, e por fim hoje consegui.

O apartamento dele é pequeno e repleto de livros: na pia do banheiro, em cima da geladeira, em todo lugar. Acho que ele lê tanto porque sua vida tem tão pouca coisa para dizer.

Às vezes gosto de provocar Harold. Gosto do jeito como ele se prende a cada palavra quando descrevo algumas das minhas aventuras. Principalmente as do Jack Caolho (onde, diga-se de passagem, Jacques trabalha vendendo bebidas). Minhas histórias estimulam Harold. Sei disso. Ainda assim ele reage quase com violência, com medo, quando tento seduzi-lo, mesmo que seja de leve. Gosto da ternura de Harold e quase sempre me sinto muito bem quando estamos juntos ou quando penso nele. Mas às vezes me odeio mais do que possa imaginar por essa excitação crescente que sinto quando vejo a cara assustada de Harold, o que deve ser a mesma coisa que Bob vê quando olha para mim. A presa, acuada... tão humilhada... transformada num brinquedo. Tenho notado cada vez mais, e acho que Bob também, quando me visita, que não posso magoar ou ser magoada, como acontecia antes.

Laura

4 de junho de 1989

Querido Diário,

Já faz um tempo que estou dando aulas de inglês a Josie, e ela tem mostrado um pequeno progresso ou tem feito um esforço para melhorar. Josie foi dançarina e prostituta em Hong Kong, quando Andrew se apaixonou por ela e salvou-lhe a vida, trazendo-a para cá há seis anos; acho que ainda existe mais dessa vida dentro dela do que se possa imaginar. Ela vem usando nossas aulas como oportunidades para pequenas seduções, e quanto mais ela se aproxima, menos eu a respeito. Não que ela se jogue para cima de mim. É diferente disso... Ela menciona muito Bobby e tenho certeza de que tem ciúme dele. Faz muitas insinuações sobre minhas práticas sexuais para que eu me convença de que ela não é a pessoa obscura que a cidade pensa que é. Coitado do xerife Truman.

Laura

P.S.: O que me deixa doente é que toda vez que pratico algum bem sempre acabo — com o perdão da palavra — me fodendo.

6 de agosto de 1989

Querido Diário,

Norma cuidou da maior parte das entregas esta semana, mas pediu que eu entregasse a do sr. Penderghast porque ela tinha que visitar o marido, Hank, na cadeia, à tarde. Eu disse que levaria com prazer.

Tenho dezesseis chaves no chaveiro, além das minhas cinco. Com frequência penso no acesso fantástico que tenho a casas que não me pertencem. Posso entender a excitação que um ladrão deve sentir ao entrar em um apartamento e de repente achar que tudo o que tem ali é dele.

O sr. Penderghast é um dos idosos mais bonzinhos e mais confiantes de todos os que tenho visitado. Abri a porta da casa dele e entrei sem fazer barulho. Ouvi a televisão no quarto e avisei-o de que havia chegado.

Ele não respondeu.

Quando o encontrei, ele estava atrás da porta do quarto, a mão ainda no trinco, como se estivesse se apoiando para tentar se mover dentro de sua própria casa. Para uma pessoa tão delicada, é vergonhoso ter morrido com uma expressão de luta tão grande no rosto. Seu olhar e a boca crispada diziam que ele tinha sido abandonado e traído pelos amigos. Esperei quase uma hora para telefonar para uma ambulância. Sentei-me ao lado dele e o observei, assim, preso à morte.

Não acho que essa hora passada ali tenha me mostrado qualquer coisa que eu ainda não tivesse imaginado, mas estar ali, naquele silêncio, me fez ter certeza de que, pelo menos, depois da morte a guerra termina.

Tenho visto mais morte que vida. Às vezes ajusta-se ao mais esgotado clichê. Creio que estou vivendo apenas para morrer.

Laura

5 de outubro de 1989

Querido Diário,

No meio da minha última noite no Jack Caolho, saí do quarto e fui ao escritório. Queria usar o banheiro de lá porque tinha chave. Meu barato tinha abaixado tão depressa que eu precisava mais do que uma cheirada, precisava de duas carreiras bem gordas... Quando saí do banheiro usei a porta que dá para o quarto de Blackie. Ela estava na cama com um torniquete amarrado no braço, se aplicando heroína. Posso me foder, mas não ponho uma merda dessa no meu braço. É uma droga idiota.

Blackie virou a cabeça, obviamente já entrando na viagem. Eu fui direta:

— Vim buscar meu dinheiro.

Eufórica, e de um modo um tanto paternalista, ela disse:

— Vou lhe dar hoje à noite.

— Foi o que você me disse ontem — Silêncio. — Quem sabe se você parasse de injetar essa merda no seu braço não se esquecesse do que diz.

Blackie se levantou, na maior viagem, e disse que estava enojada com a minha atitude infantil e que eu devia crescer. Acrescentou também que achava que eu devia parar de "fazer travessuras na neve"... que os fregueses já estavam notando. Eu disse que isso era ridículo, que ninguém tinha notado nada além de um sexo e de um serviço melhores do que jamais tinham recebido.

— É que eles ainda não treparam comigo — respondeu Blackie.

Hesitei de propósito e disse:

— Oh, pensei que trepar com você fosse um castigo para aqueles que...

Blackie me interrompeu com um tapa na cara. Olhou-me nos olhos e disse:

— Vou ensinar a você algumas coisas sobre foda agora mesmo.

Sorri como Bob faria e pensei comigo mesma: *Sou eu que vou ensinar a você*.

Quando a deixei, ela estava no chão, completamente nua, exceto pelas bijuterias, e humilhada porque eu tinha conseguido assumir o controle total e mostrado coisas que ela jamais imaginara ser possíveis. Levei-a para um lugar erótico muito escuro... e deixei-a lá sozinha.

Ao abrir a porta, Blackie tentou seu último trunfo.

— É melhor você se cuidar com essa cocaína, Laura. Ela pode acabar com você.

Eu sabia que era minha última noite no Jack Caolho.

Laura

P.S.: Vou ter de contar ao mundo sobre Benjamin.

10 de outubro de 1989

Querido Diário,

Telefonei para Josie e disse que não poderia chegar para a aula até às dez horas da noite. Ela disse que tudo bem, que esperaria por mim.

Nessa noite aproveitei-me do fato de alguém me querer tão desesperadamente. E mesmo assim me vi, como sempre, instruindo meu parceiro sobre como me dar prazer. Essa experiência, particularmente, deixou-me vazia e com raiva, e sem nenhum respeito por qualquer pessoa da cidade.

Laura

P.S.: A caminho da casa de Josie tive uma visão horrível da pequena Danielle correndo em minha direção para dizer que Bob a estava visitando. Quando saí dessa viagem, lembrei-me que Bob não me visitava havia uma semana... Espero que isso tenha sido só um delírio e não uma premonição. Talvez eu devesse prevenir Danielle...

31 de outubro de 1989

Querido Diário,

Hoje é Dia das Bruxas. Não é necessário usar nenhuma máscara.

Nancy, irmã de Blackie do Jack Caolho, trouxe minhas roupas e o dinheiro que me pertencia dentro de uma abóbora de plástico. Pediu que eu saísse um pouco porque ela precisava falar comigo sobre

[sem data]

Querido Diário,

Passei a tarde com o dr. Jacoby em seu consultório. Ele queria me ver e repassar o que eu havia dito sobre ele nas fitas. Queria saber mais sobre James Hurley e o fato de eu ter mencionado que parara de cheirar por causa dele. Contei que James era alguém que eu tinha conhecido havia muito tempo, mas não muito bem. Contei que me apaixonara pela sua pureza... e pela ideia de eu ser suficientemente forte para permitir que James me tirasse desta escuridão. Disse que só foi um relacionamento secreto porque eu preferi assim. Donna sabia. Mas nós três somos colegas de escola, portanto ela não contaria nada ao Bobby.

Contei ao dr. Jacoby como foi difícil para mim depois, quando fomos nos aproximando muito, e que eu tinha certeza de que James era a minha última chance de voltar à luz.

Eu me sentia uma farsa, mesmo depois de ser eleita a Rainha da Escola. Tinha cada história por trás do meu sorriso, tanto nas fotos como no jogo de futebol! Podia sentir ainda as mãos e a boca dos homens com quem estivera antes de as fotos serem tiradas. Contei a ele que usava sempre as mesmas calcinhas, caso Bob viesse. Contei que era como se toda a escola, a cidade e o mundo estivessem caçoando de mim ao me elegerem a Rainha da Escola... Como não enxergavam que eu estava sendo engolida pelo sofrimento? Como ousavam fazer de mim um espetáculo daqueles e pedir que eu sorrisse sem parar?

Bobby foi o herói que queria ser no jogo de futebol, mas do palanque onde eu estava mal podia distingui-lo no meio do campo. Tudo parecia distante e silencioso, como se o sangue que corria em minha cabeça apagasse todos os sons, menos os de meu coração e de minha respiração, que pareciam oprimidos, erráticos.

Contei a ele também que vinha tendo pesadelos horríveis. Todos eles com a floresta, os caminhos, a árvore, as pegadas, os sons de uma coruja... sentia a morte nesses sonhos e também a luxúria. A luxúria que eu conhecera quando ainda era novidade para mim, ainda não esgotada e gasta, só melhorada pela violência.

Um desses pesadelos, *talvez o pior*, foi com a água. Eu estava parada na beira da água e o céu estava muito escuro, mas o que a superfície refletia era um céu cheio de nuvens e de um azul profundo. Lembro-me de ter pensado no sonho

que, se eu mergulhasse e nadasse para longe, talvez pudesse sair em outro mundo que ainda não estivesse repleto de tanta maldade... tanto ódio. Quando mergulhei, lembro-me de ter nadado até a metade do lago — acho que era um lago — e ser puxada para baixo por uma mão que me agarrava pelo pulso, e que me levava cada vez mais para o fundo. Contei a ele que achava que era a mão de Bob.

Contei também que a última vez que estive com Leo e Jacques não foi muito boa. Nós três estávamos por ali, e eles me amarraram naquela cadeira, mas comecei a sentir claustrofobia... restrição. Entrei em pânico e comecei a ofegar, tentando explicar a eles o que estava acontecendo, mas era difícil falar e ninguém percebia que era sério. Minha cabeça começou a pesar e havia luzes em meus olhos, até que finalmente consegui gritar para que eles parassem. Aquilo não estava certo, havia alguma coisa errada comigo. Nós estávamos fazendo um dos jogos que já tínhamos feito um monte de vezes na cabana, em que eu ficava amarrada num lugar onde ninguém poderia me ajudar, e eu era uma virgem e eles os homens que tinham vindo de um lugar erótico muito distante, para tirar minha virgindade e me punir por tentar resistir. Então Leo ouviu eu dizer que não estava bem, mas achou que fizesse parte do jogo e disse:

— Oh, a virgenzinha está com medo?

E assim continuou, e eu comecei a arrastar a cadeira para trás e para a frente, e acho que Leo foi entrando cada vez mais na brincadeira, tanto quanto Jacques, e começou a me bater com força... muita força. Meus ouvidos zuniam. Comecei a chorar. Finalmente Jacques percebeu alguma coisa e disse:

— Espere um pouco. Ela não está bem.

Eles me desamarraram e voltamos para casa sem dizer uma palavra.

O tapa de Leo deixou uma marca feia no meu rosto. Tive de dizer em casa que aquela mancha horrível, preta e azulada, tinha acontecido quando eu estava levando a comida para o apartamento de Harold.

Contei ao dr. Jacoby que sentia falta de Donna e que eu gostaria que ela e Ronnette se dessem bem. Gostaria que fôssemos amigas e que eu não precisasse esconder nada de ninguém.

Contei a ele o que eu tinha feito na semana passada com Harold, *realmente trepado com ele,* e como o deixei assustado quando fui para cima dele de um modo tão pesado. E depois, basicamente porque ele não podia sair de casa, eu o *forcei* a fazer sexo comigo.

Contei também que chorei durante horas depois disso porque me senti péssima. Fiz Harold conversar comigo durante quase uma hora porque o deixei muito assustado, na sua própria casa, seu único refúgio. Depois disse ao dr. Jacoby que metade do tempo eu odiava o que estava fazendo e a outra metade eu me sentia forte e com um grande calor entre as pernas.

Ao sair da casa de Harold, o neto da sra. Tremond, Pierre, me viu e se aproximou, tirou uma moeda de minha orelha e seguiu seu caminho.

Contei a ele que Bob estava chegando cada vez mais perto, e que eu estava me esforçando muito para escrever sobre ele e descobrir o que ele era, antes que me vencesse. Tenho escrito demais sobre ele em meu diário, poemas e sonhos, e cada vez que faço isso eu o vejo em minha janela ou sinto-o muito mais perto, mas ainda não estou certa se é paranoia... Eu só queria ser normal. Queria ser como todo mundo. Não me agrada ter de ser tão cuidadosa com quem converso porque posso ser odiada se souberem a verdade a meu respeito, se souberem como sou suja. Não sei bem como, mas de uma maneira ou de outra diariamente quero ser tratada dessa forma. Sempre acontece, por isso deve ser alguma coisa que não percebo que digo, ou alguma coisa que penso. Contei a ele que fui ao meu cofre, vi o dinheiro da droga e pensei em pegá-lo para fugir daqui para sempre. Mas eu não mereço isso. Mereço ficar aqui. Fiz alguma coisa errada. Meu coração dói muito, mas sei que tenho de ficar.

Levei as respostas aos anúncios da *Fleshworld* para casa e passei a noite pondo fotos e calcinhas minhas dentro de envelopes... Contei ao dr. Jacoby que tive de ficar cheirando cocaína para não começar a chorar, porque não queria que ninguém me ouvisse chorando e sabia que, se ouvissem, não iriam se importar. Eles nunca se importam.

Amor, Laura

[sem data]

Querido Diário,

Sei quem ele é. Sei exatamente quem e o que Bob é, e preciso contar a todo mundo. Tenho de contar a alguém e preciso que acreditem em mim.

Alguém arrancou páginas do meu diário, páginas que talvez me ajudem a entender... páginas com meus poemas, com as coisas que escrevi, *páginas particulares*.

Tenho muito medo da morte.

Tenho muito medo de que ninguém acredite em mim depois que eu ocupar o lugar que o medo guardou para mim na escuridão. Por favor, não me odeiem. Eu nunca quis ver os morrinhos e o fogo. Nunca quis vê-lo ou deixar que ele entrasse.

Por favor, Diário, ajude-me a explicar a todo mundo que eu não quis me transformar no que sou. Não quis ter certas memórias e certas compreensões a respeito dele. Fiz apenas o que qualquer um de nós pode fazer, em qualquer situação...

O melhor possível.

Amor, Laura

P.S: Estou entregando você ao Harold para guardá-lo. Espero poder vê-lo de novo. Não posso mais ficar sóbria. Simplesmente não posso. Preciso ficar entorpecida.

Isto foi a última
coisa que Laura escreveu.
Ela foi encontrada morta
poucos dias depois.

[1] Literalmente, “Cuidado com Bob”. (N. T.)
[2]National Rifle Association [Associação Nacional de Rifles]. (N. E.)